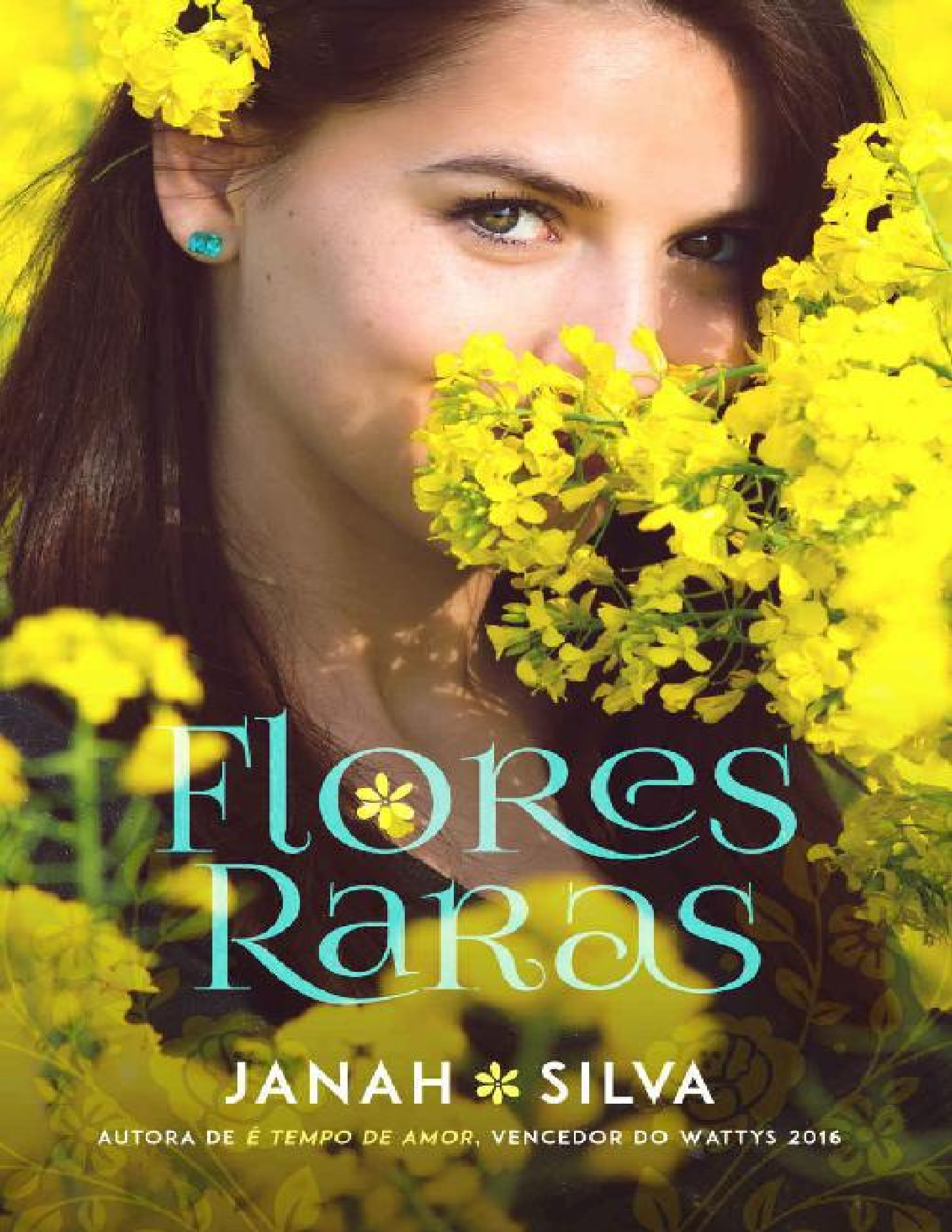




Flores Raras

JANAH * SILVA

AUTORA DE *É TEMPO DE AMOR*, VENCEDOR DO WATTYS 2016

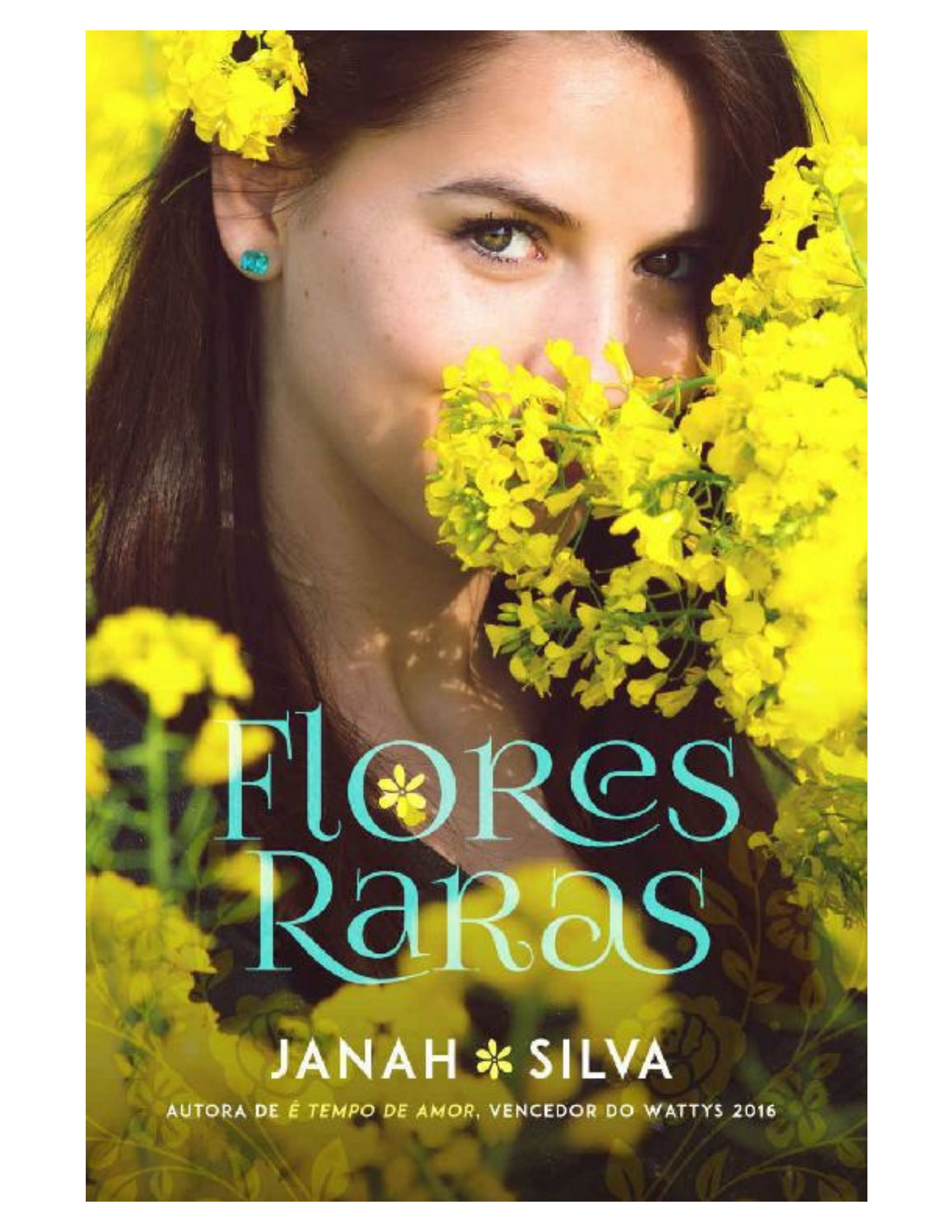


Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)



Flores Raras

JANAH * SILVA

AUTORA DE *É TEMPO DE AMOR*, VENCEDOR DO WATTYS 2016

FLORES RARAS

JANAH * SILVA

Copyright © 2016 Janaína Silva

Todos os direitos reservados.

Título: Flores Raras

Autora: Janah Silva

Capa: Gabriella Regina

Revisão: Clara Taveira

Diagramação Digital: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

sumário



Capa
Folha de Rosto
Créditos
Sumário
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Epílogo

Bônus

Biografia

A soft-focus photograph of yellow flowers, possibly rapeseed, on thin green branches. The background is a warm, yellowish-gold color. The flowers are in the upper corners, framing the central text.

PRÓLOGO



“Eu prometo que nunca irei deixar você, não importa onde eu esteja, nunca vai ser muito longe.”

UMA DESPEDIDA NUNCA É FÁCIL. Seria mais simples se fosse somente do meu namorado, que eu estava tendo dificuldades de desvincular, mas eu sabia que quando aquele abraço terminasse, ele teria que partir, por isso me demorei o quanto pude, aninhada em seu peito, encharcando toda sua blusa com minhas lágrimas, e sem coragem de dizer adeus.

Aquelas palavras ecoavam na minha cabeça, tentei ao máximo me agarrar nelas e libertá-lo. Dei um beijo no seu pescoço, que foi o mais alto que consegui alcançar, e olhei para ele com os olhos marejados, lhe desejando boa sorte.

Ele enxugou meu rosto com as costas das mãos, e seu toque me fez sentir a dor da saudade que me esperava. Ele me puxou para perto, me levantou até que somente as pontas de meus dedos tocassem o chão e me beijou, nosso último beijo de amor, e meu namorado e melhor amigo se foi, e com ele, um pedaço de mim.



NICHOLAS E EU CRESCAMOS JUNTOS em uma cidadezinha pequena chamada Burness. Nossos pais já eram vizinhos antes mesmo de nascermos. Fizemos todo o ensino fundamental e médio juntos, e além de meu colega de sala e meu vizinho, ele era meu melhor amigo. Nunca encontrei uma menina para substituir esse papel. Ele me entendia, sabia do que eu gostava e como gostava, e não tínhamos segredos um com o outro. Ele me conhecia melhor do que eu a mim mesma, e eu a ele. Quando o assunto era as paqueras, ele sabia o porquê de eu nunca ir em frente e compreendia meu modo cauteloso com os garotos. Jamais quis ter o coração partido, e ele me ajudava nessa questão. Já as namoradinhas de Nicholas raramente eram bem-vindas ao nosso clube particular, mas, ainda assim, eu dava a ele o espaço que precisava até que voltasse a ser todo meu.

Assistir a filmes fazia parte de nossa rotina de quase todos os dias. Quando não íamos ao cinema, assistíamos na casa dele, jogados no tapete da sala cheio de almofadas, vidrados na grande TV de 52 polegadas, ou raramente na minha casa, quando na dele acabavam os sacos de pipoca de micro-ondas.

Sempre ficávamos à vontade um com o outro, e o único segredo que guardava só para mim era o fato de gostar dele mais do que como um amigo. Embora as pessoas adorassem fazer

chacotas sobre nós juntos, ele nunca deu indício de algo mais sério, e eu não tinha coragem de arriscar nossa amizade.

No nosso último ano de ensino médio, ele se declarou para mim da forma mais fofa que conseguiu. Nesse dia, bem me lembro que ele estava uma pilha de nervos. Era uma sexta-feira calorosa, e combinamos de dar uma volta na praia à noite só para sentir o cheiro da maresia. Ele sabia o quanto a água salobre não me fazia bem, mas adorávamos colocar os pés na água e jogar um no outro um pouquinho. Parecia ridículo aos olhos daqueles que não conheciam nosso mundo, mas, para nós, era um pedaço do paraíso.

A noite seguiu tranquila, a lua estava cheia e clareava toda a areia da praia, nos impedindo de qualquer privacidade. Sentamos à beira-mar, e ele me deu um meio abraço, encostando sua cabeça na minha. Pude sentir que seus braços tremiam, então segurei a mão que não estava sobre meu ombro, forte o suficiente para que ele não esquecesse que eu estava ali do seu lado e que o medo não combinava com nosso estilo de vida juntos.

— Você está bem? — Perguntei — Parece nervoso. — Me esquivei do abraço sem soltar sua mão e me sentei em sentido contrário para poder observar seu rosto, perto o suficiente a ponto de sentir o calor que irradiava de seu corpo.

— Poderia me passar a mochila, por favor? — Ele falou, a voz entrecortada.

E eu, mais do que depressa, peguei a mochila que estava bem na minha frente e entreguei a ele, com olhar preocupado, sem saber o que estava acontecendo e o porquê de eu não conseguir decifrar sua expressão desta vez.

Ele tirou da mochila uma caixa prata com um laço vermelho muito bem fixado ali, que deixava o presente ainda mais estonteante.

— Para você! — Ele disse, e seu olhar era sério e cauteloso como eu nunca havia visto.

Abri a caixa, e dentro dela havia um livro de fotografias e, na capa, uma foto muito bonita nossa, capturada exatamente naquela praia, meses antes. Abri, e na primeira página estava escrito “*nossas memórias*”. Conforme folheava o livro, via que havia mais fotos nossas ali,

fotos de quando éramos crianças e de alguns passeios em família. Eu era bem maior que ele na época, e isso me fez rir. Mostrei a ele, que riu comigo. Um sorriso sincero e nervoso.

Vi mais fotos de trabalhos em dupla no colégio e fiz vários comentários. Percebi que ele não estava prestando atenção nem um pouco, só fixava o olhar em mim, analisando minha reação a aquilo tudo. Agora, em algumas páginas com fotos mais recentes, notei que embaixo havia uma alternativa na qual eu deveria assinalar “SIM” ou “NÃO”, e isso me fez questionar o que deveria ser aquilo, que não tinha nada a ver com a foto ali impressa. Voltei algumas páginas e notei que em cada uma, entre as fotos, havia letras maiúsculas, que não prestei atenção antes.

Folhee o mais rápido que pude de volta ao início. A primeira letra, um B, a segunda, um A, que, juntando com as próximas, formavam meu apelido, “BACKY”. Seguindo, agora mais atenta, vi uma letra Q e, em seguida, um U. Juntei todas, e meu coração disparou quando enfim formulei a pergunta para as alternativas da penúltima página: “*BACKY, QUER SER MINHA AMIGA NAMORADA?*”.

Quando enfim tirei os olhos da página para olhar seu rosto, meus olhos estavam marejados. Já havia fantasiado momentos como esse por anos em minha cabeça, mas jamais imaginei que esse dia se realizaria. Eu o amava em segredo, e esse era o único na qual ele não sabia, ou, pelo menos, eu achava que não. Ele era perfeito para mim, e eu não queria perder essa oportunidade por mais nem um minuto.

— SIM, SIM, SIM! — Gritei, me atirando em seus braços, e ele me beijou até perdermos o fôlego.



Terminamos o ensino médio e decidimos juntos fazer um cursinho pré-vestibular antes de nos dirigirmos às nossas faculdades. Custou um ano convencê-lo de que precisava de uma carreira própria, e não dar continuidade aos negócios imobiliários do pai, que eu sabia que ele não suportava. Ele já o ajudava em seu tempo livre e sempre voltava para casa revoltado após

o expediente, e eu perdia horas tentando fazer o sorriso voltar a emoldurar seu rosto.

Na sala de aula, mantínhamos nossa amizade sem muito afeto amoroso, prestando atenção na explicação e tirando dúvidas com outros colegas, meninos e meninas. Fizemos muitas amizades ali, e rivais também, na qual me lembro bem. Não éramos ciumentos um com o outro, mas cautelosos, e foi demais até para mim ver uma garota dando em cima do meu namorado na minha frente.

Claro que não aguentei e parti para cima dela, cabelos aos montes ficaram em minhas mãos e nas dela também. Odiava violência, mas paciência tem limites, e a minha certamente esgotou. Ele, depois de me tirar de cima dela, me levou para casa o mais rápido que pode, e antes que eu ouvisse a bronca, ele me olhou fixamente nos olhos e me disse “*você até que bate bem!*”. E caiu na gargalhada, tirando a maior onda com a minha cara. Eu lhe dei um soco no braço, e o gemido dele me fez rir também.

Faltando seis meses para o fim do ano, chegara a hora de nos prepararmos para as inscrições nas universidades. Fazíamos redações aos montes e trocávamos um com o outro, assinalando e corrigindo nossos erros a fim de melhorar nossa escrita, já que a maioria pedia uma redação que valia a metade da nota para a classificação.

Eu decidi por Relações Internacionais e já havia começado um curso de inglês *on-line* para me especializar melhor nesta língua. Ele, como primeira opção, decidiu por Medicina, e isso abria um abismo entre nós. Se ele conseguisse uma bolsa, seria a quilômetros de distância, e isso nos deixava incomodados só de pensar, mas como sempre, eu o apoiava em tudo. A segunda opção seria Direito, e embora eu ficasse mais feliz com essa escolha, a primeira era meu fantasma toda noite.

Na semana do natal, ele me fez mais uma surpresa. Depois de passarmos a noite com a família dele, ele, que agora já era habilitado, me pôs no carro e me levou até um chalé que a família havia comprado próximo à praia em que ele me pediu em namoro. Colocou uma venda nos meus olhos, me guiou até a entrada da varanda e pediu que eu esperasse um minuto. Ouvi a porta abrir e fechar atrás de mim, espiei pela venda e vi que eu estava em direção ao mar, que dançava em ondas na noite. Ele me pegou pelo braço, me levou porta adentro e tirou a venda dos meus olhos.

O lugar estava perfeito, uma mesa com uma toalha de cetim de cor clara, dois castiçais com velas acesas e taças já compostas pelo suco de uva. Ele puxou a cadeira para que eu me sentasse e me convidou a degustar nosso prato predileto, hambúrguer de carne e bacon com batatas fritas.

Mais tarde, ele segurou minhas mãos por sobre a mesa, se inclinou para frente, o bíceps enrijecendo sobre a camisa polo vermelha. Tão perto, que podia ouvir sua respiração ofegante. Olhou bem nos meus olhos, pigarreou, e eu não pude deixar de rir de seu jeito todo desconcertado. Meu coração falhou uma batida quando ele me disse o que nunca havia pronunciado antes: “*Backy, eu amo você*”.

As surpresas não acabaram ali, e quando eu menos esperava, subimos para o andar de cima, e ele me levou até o quarto do chalé, que estava perfeitamente decorado para uma noite mais que romântica. O quarto possuía uma enorme cama *king size* forrada com uma colcha luxuosa de algodão branco, pétalas de rosa formavam um coração bem no meio dela, com as nossas iniciais ao centro. A luz das velas em pequenos copos vermelhos cintilava e refletia por todo o cômodo.

Sabia exatamente o que ele estava pensando em fazer, e só de fixar meu pensamento nessa questão, meu corpo todo ficou trêmulo. Ambos não tínhamos experiência alguma relacionada ao sexo, e quem seria a pessoa perfeita para isso, senão um para o outro?

Ele me abraçou forte, me pegou no colo, me colocou sentada na cama e permaneceu ali do meu lado, por um instante imóvel, me olhando. Eu fiquei admirando sua beleza, o que eu não tinha costume de fazer. Por sermos sempre tão próximos, me esquecia do quanto ele era bonito, com seus cabelos louro escuro e olhos cor de mel, lábios finos e dentes branquinhos, que iluminavam o sorriso encabulado. A genética o tinha presenteado com um corpo magro, porém bem definido nos músculos certos. Ele era perfeito aos meus olhos.

Nicholas ajeitou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e me deu um beijo suave, acariciando as maçãs do meu rosto com uma das mãos. Eu devolvi o beijo, e ele, com um pouco mais de intensidade, me puxou para mais perto. O calor de seu corpo foi como um imã, e pude sentir que ele também estava tremendo.

Ouvi sua respiração tensa contrastar contra a minha, eu parecia sugar mais ar que meus pulmões poderiam abrigar.

— Nick — eu disse, apoiando minha testa na dele, nariz com nariz.

— Tudo bem, eu...

Ele tentou falar, mas o interrompi selando com um dedo seus lábios para que se calasse.

— Eu também amo você. — Sussurrei, arfando. E tivemos nossa primeira e única noite de amor.

A background image of yellow flowers on a branch, with a soft, out-of-focus effect. The word "DOIS" is centered in a large, black, serif font. Below it is a small, black, stylized flower icon, flanked by two horizontal lines.

DOIS

EM WESCOTT, O CLIMA ESTAVA mais baixo. Talvez essa não fosse uma recepção calorosa, mas agradei por poder usar um cardigã em pleno fevereiro.

Meus pais fizeram questão de me levar até a minha nova cidade e até ao casarão que eu, enfim, passaria meus próximos mil e oitocentos dias. Na verdade, era uma casa antiga em estilo colonial, mas muito bem cuidada. Tinha um amplo jardim com grama verdinha e aparada, um ótimo espaço para um piquenique com os amigos. “*Amigos*”. Ao ouvir as palavras do zelador, meu coração latejou.

Nick me mandava mensagens sempre que possível, me contando sobre seu alojamento só de meninos e falando que a universidade era incrível, embora as aulas ainda fossem começar na próxima semana. Nunca mais nos referimos à palavra “nós” que não fosse como amigos, foi o que combinamos antes de ele partir. Será que ele esqueceria o ano mais importante de nossas vidas? Porque, para mim, seria impossível.

A casa possuía treze quartos, seis para ala masculina e seis para a feminina, cada quarto acomodava dois moradores, o décimo terceiro ficava bem no meio entre a escada e o corrimão que separavam as alas, onde dormiam os zeladores, senhor João e dona Nair. Acho que era

uma forma de vigiar para que elas não se misturassem.

Meu quarto já acomodava uma moradora que não estava presente quando cheguei. Fiquei feliz por não ver pôsteres colados na parede ou imagens de caveiras com rosas, que eu não curtia nenhum pouco. O quarto realmente era grande e *clean*. Pelo jeito, ela era bem organizada, não tinha nada fora do lugar, e ela certamente amava maquiagens. Percebi pela penteadeira abarrotada de tudo um pouco delas.

Tive duas horas livres para arrumar minhas coisas, que não eram muitas, no armário e organizar meus livros numa escrivaninha disponível para mim bem em frente à minha cama. No centro, entre a penteadeira e a escrivaninha, tinha um espelho quase do meu tamanho. Dei uma conferida para ver como estava. Ajeitei meus longos cabelos no alto da cabeça, formando um coque, e resolvi tomar uma chuveirada para relaxar um pouco. Quase enfartei quando a minha colega de quarto entrou no banheiro sem bater na porta.

Dei um grito de desespero e peguei imediatamente minha toalha, cobrindo minha nudez. Ela continuou ali, me encarando como se isso fosse normal.

— Olá — ela disse — Belo corpo.

Ai, meu Deus, era só essa que me faltava, fiquei de boca aberta, ela era...

— Antes que pense que sou gay, eu não sou, foi só para quebrar o gelo — ela falou, dando uma risadinha, divertindo-se com a situação. Pegou alguma coisa longe da minha vista e saiu.

— Começamos bem — murmurei entre dentes.

Terminei o banho e tive sorte de levar a roupa para me trocar no banheiro, pois ainda estava constrangida. Quando saí, minha colega estava sentada na cama e deu um sorrisinho malévolo quando me viu.

— Me desculpe — falou ela — Sou Megan Ratts. — Só não sabia a que ela estava se

desculpando, por me pegar nua no banheiro ou não ter se apresentado logo de início.

— Rebecca Donaway — falei — Mas pode me chamar de Backy.

— Backy! Gostei.

Ficamos em silêncio.

— E então, você é uma espécie de vampiro? — Perguntei, e ela me encarou, analisando a veracidade na minha pergunta com uma cara incrédula — *Para quebrar o gelo* — sorri.

Passei a tarde conversando e conhecendo minha colega de quarto. Megan era muito bonita, tinha os cabelos louros com mechas mais claras que desenhavam as ondas do cabelo, os olhos verdes, bem marcados pelo delineador e o rímel preto, e os lábios rosados em seu tom natural. Parecia um anjo, se não fosse a maldade que me fizera mais cedo. Era uma repetente do primeiro ano de Administração, e me contou que o pai falecera no ano anterior, o que desencadeou a reprova. Tentou recuperar as notas baixas, mas não conseguiu, e não parecia triste por isso.

Conforme a semana passou, ela me levou para conhecer a cidade e os pontos turísticos. Era muito extrovertida, e não tive problema nenhum em me adaptar ao local com a ajuda dela. Pegamos nossa grade de aulas na faculdade, e fiquei feliz por termos algumas na mesma sala.

Tínhamos coisas em comum, ela também adorava filmes e pipoca, *e novamente me esforcei para não sentir a dor*. Podia jurar que a conhecia há anos e a agradeci por ser tão bem receptiva pagando seu sorvete preferido: morango com recheio de leite condensado. Realmente aquilo era divino.

Meu celular bipou uma mensagem, e rapidamente o verifiquei, ansiosa para saber se era de Nick, que não dava sinal há uma semana. “*Amanhã começa o futuro, boa sorte*”. Era só isso que ele tinha para me dizer em uma semana?

— Realmente, as pessoas mudam quando entram na faculdade — resmunguei alto.

Mal eu sabia o quanto.

A background image of yellow flowers on a branch, with a soft, out-of-focus effect. The flowers are in the upper left and right corners, and the word 'TRÊS' is centered in the middle.

TRÊS



PRIMEIRO DIA DE AULA.

Coloquei um jeans escuro e uma *t-shirt* azul *bic*, com um cardigã por cima devido ao tempo chuvoso. Meus cabelos castanho-escuros estavam comportados em uma trança perfeita que Megan havia feito em mim. Ela era muito boa nisso.

Com a bolsa contendo meu caderno e algumas canetas e a minha nova amiga loira a tiracolo, partimos para nosso primeiro dia na universidade.

A primeira aula tínhamos juntas logo de cara, e fiquei grata aos céus por isso, me sentia perdida ali parada na entrada da WE UNIVERSITY, analisando os rostos os quais eu nunca havia visto e admirando a imensidão de metros quadrados sem construção, pisoteados por aquelas pessoas.

Respirei fundo e me deixei ser guiada por Megan, que já conhecia o local como a palma de sua mão. Vez ou outra, cumprimentava um colega e me apresentava de forma carinhosa como sua amiga. Enquanto caminhávamos pelos corredores largos, uma garota alta de cabelos

vermelhos tingidos e dona de um corpo roliço veio em nossa direção, saltitando e dando gritinhos, e abraçou Megan tão forte, que jurei ouvir os ossos da sua coluna estalarem um a um.

— Priscila, essa é minha nova amiga de quarto, Rebecca, para os íntimos, como nós, Backy. Backy, essa é minha amiga Priscila, mas ela gosta de ser chamada de Prin, que é uma referência a princesa. Qualquer dia te conto sobre essa maluquice dela

Prin também me deu um abraço esmagador, acho que ela não tinha ideia de sua força bruta, mas o abraço foi bem acolhedor, e eu o respondi dando-lhe um apertozinho.

Sentamos em um auditório grande o suficiente para caber umas duzentas pessoas ali, e logo o espaço foi preenchido, sobrando poucos lugares vagos. Um homem alto e magro se apresentou como sendo o senhor Wess, o professor de estatística, e informou que o dia seria mais descontraído, para que pudéssemos nos preparar para as futuras aulas de tensão e contas intermináveis.

Ele nos mostrou um vídeo que durou cerca de uns vinte minutos, uma breve história de Charlie Chaplin em Tempos Modernos, que passou muito rápido devido às gargalhadas impossíveis de conter.

Nos dirigimos para a próxima aula, que também foi descontraída, numa sala normal, com menos pessoas. Megan e Prin, ainda comigo, já que elas cursavam a mesma disciplina e ambas reprovaram, eram inseparáveis, já eu...

Na seguinte, já não tive tanta sorte, tinha que encarar a minha turma sozinha, matéria específica sobre Economia Política Internacional. Me sentei bem no fundo da sala, para não causar muitos olhares curiosos para mim, detestava ser o centro das atenções, o que eu fui uma única vez quando parti para cima da garota no ano anterior, quanta tolice. Me peguei de novo pensando em Nick, será que ele estava tão perdido na aula quanto eu? Queria tanto que ele estivesse aqui.

Uma garota alta e loira estava sentada bem na frente e olhava por cima do ombro tantas vezes na minha direção, que cheguei a ter dúvidas, será que ela me conhecia de algum lugar?

Não parava de me olhar.

O sinal soou e todos se levantaram apressados, era horário do intervalo e pareciam um emaranhado de formigas se jogando porta a fora, fugindo do perigo.

A bela e alta moça loira se pôs em pé num segundo, se virou e veio caminhando em minha direção. Só quando chegou bem perto, ela me lançou um olhar rápido e se agarrou nos braços do garoto que estava à minha frente, me ignorando completamente. Explicado, falei para mim mesma, balançando a cabeça, rindo da minha imaginação nada fértil.

Megan apareceu logo que coloquei os pés para fora da sala e me puxou pelo braço apressadamente para a área externa da faculdade.

— Vou te apresentar aos garotos mais fofos daqui — ela disse com um sorriso largo no rosto, e eu a encarei com um outro, de canto e desconfiado.

— Não me diga que você é tímida? Indagou e, quando não respondi de imediato, ele grunhiu — Argh!

Esclareci a ela o motivo

— Não é timidez, só quero me manter longe dos garotos, por enquanto

Megan conseguia me decifrar com o olhar em apenas uma semana. Com certeza ela tinha uma bola de cristal escondida embaixo da cama, ou era uma bruxa amiga, como a Bonnie, de um seriado vampiresco que adoro assistir. Ou eu não era tão indecifrável assim, como eu imaginava ser.

Sabia que ela não estava totalmente convencida.

— Okay, sou um pouco tímida, e a verdade é que não estou a fim de distrações.

— Deixa de ser boba, Backy, distrações as vezes são bem-vindas — ela brincou, me dando uma piscadela.

— Nada de distrações — sibilei baixinho.

As demais aulas seguiram normalmente, eu sozinha numa sala cheia de estranhos. Por fim, sobrevivi ao primeiro dia.



Quatro



O PRIMEIRO MÊS HAVIA PASSADO, e as mensagens que Nick me mandava estavam cada vez mais curtas e enviadas com menos frequência. Será que a faculdade ocupava todo o tempo dele logo de início? Será que os amigos eram tantos, que ele não tinha tempo para a amiga de infância? Será que ele resolveu, por fim, cortar todos os laços entre nós aos poucos, até que um dia “*nada*”? Às vezes, perguntas são complicadas e as respostas são mais simples. Ele começou uma nova vida no momento em que entrou no avião e resolveu deixar o passado, “*eu*”, para trás. Mesmo que aos poucos, ele conseguiria.

Eu tinha enviado um e-mail para ele, usando as palavras mais difíceis do meu vocabulário, perguntando sobre a faculdade e os novos amigos, se estava se adaptando na cidade, etc. Na verdade, é o que eu esperava que ele fizesse, estava louca para contar as novidades para alguém que viveu uma vida ao meu lado, mas já fazia três dias, e não obtive resposta alguma, nem as mais vagas e sem emoção.

Tentei não focar minha cabeça nisso, e como era fim de semana, chamei minha nova amiga para irmos às compras. Megan adorava tudo sobre maquiagens e me fazia de cobaia para todos os seus experimentos, que por sinal eram incríveis, por isso não me importava de ela me usar. Aceitou de prontidão meu convite, pois precisava renovar seu estoque de batons, que, mesmo

hoje, ainda não consegui contar quantos ela tem.

Fomos ao shopping da cidade e entramos em todas as lojas de cosméticos possíveis. Megan saiu com várias pequenas sacolas e eu a ajudei carregar, pois não havia comprado nada. Odiava admitir, mas ainda estava pensando no bendito e-mail.

A fim de me distrair, fomos à imensa sala de jogos que ficava na área externa do shopping, fizemos nossos cadastros e nos acabamos em videogames, pebolim e disputamos até uma sinuca com dois garotos bem legais.

Compramos fichas para o *air-hockey*, observamos as pessoas que jogavam e não conseguimos compreender, não conhecíamos esse jogo de mesa. Megan disse ser novo, por nunca o ter visto ali.

— Nossa vez — ela disse, encaramos uma a outra e caímos na gargalhada. E agora, o que fazer?

— Posso ajudá-las, se me permitirem? — Falou um rapaz alto, os ombros largos, o cabelo escuro estilo retrô, a divisão bem exposta na lateral esquerda, os olhos negros penetrantes, dono de um sorriso encantador. Não me parecia um completo estranho, e quando ele se aproximou, dei a ele minha vez para explicar o jogo enquanto via Megan ser a adversária do rapaz. Não demorou muito para que pegássemos o jeito, afinal, não era tão difícil, bastava encaçar o disco numa fenda à frente do adversário e só.

Alternamos os três as jogadas, ele contra ela, ela contra mim, eu contra ele, e assim perdemos algumas horas ali, com aquele rapaz muito bonito e gentil. Não pude deixar de perceber que ele jogava todo seu charme para cima de Megan, que respondia as investidas com bochechas coradas e risos encabulados.

— Até mais, “*sweet girls*”.

Ele se despediu e nos deu um beijo afetuoso no rosto, se demorando um pouquinho mais em Megan, que me olhou com olhos arregalados e disfarçou.

— Até mais — respondi e parei aí, porque não sabia o nome dele. Perguntei a Megan, que não me respondeu, então dei um estalo com os dedos em frente aos seus olhos, e ela saiu do estado inerte — Terra chamando Megan.

— Humm? — respondeu — Também não sei o que significa

— Significa o quê, Megan? — Questionei.

— O sei lá *girls* que ele falou — ela riu sem graça

— “*Sweet girls*” quer dizer doces meninas, Megan, e não foi isso que perguntei — a encarei com olhar malicioso e percebi que realmente ela não escutou o que eu havia perguntado. — Qual é o nome dele?

— Enzo — ela respondeu com um longo suspiro.

— Bonito nome, e ele é bem gatinho — consegui enfim que ela me olhasse curiosa — E você está caidinha por ele — falei, ainda em tom de gozação.

— Não estou, não — retrucou— Desde quando você fala inglês? — E lá estava ela, mudando de assunto.

— Sério que você não descobriu isso na sua bola de cristal? — Brinquei, formando uma bola no ar — Você fica uma fofa toda encabulada — apertei sua bochecha, rindo aos montes. Ela revirou os olhos e me puxou dali direto para a área de alimentação.

Segunda-feira, dia de voltar à rotina semanal, só que hoje acordamos atrasadas, ficamos até tarde em frente à TV e não ouvimos o despertador.

— Droga! — Gritava Megan — Não acho nada.

— Estou pronta, vamos?! Vamos?! — Também gritei.

Peguei minha bolsa e a da Megan. Faltavam quinze minutos para a aula começar, gastávamos vinte para chegarmos a pé, e ela ainda não estava pronta.

— Prontinho — cantarolou nervosa.

Mesmo com toda correria, ela conseguia ficar linda em qualquer roupa e até num rabo de cavalo que eu nunca tinha visto.

Partimos dali o mais depressa que pudemos, se não fosse eu torcer o pé descendo as escadas, com certeza conseguiríamos ir mais rápido. Parecíamos duas loucas apressando os passos, mas eu não conseguia continuar, meu pé doía muito. Definitivamente, hoje não era meu dia.

— Vou voltar — falei — Não aguento ir além desse jeito, dói demais — me abaixei, arfando e segurando meu pé, que estava latejando.

— *Sweet girls!*

Ouvi e não prestei mais atenção, meu coração batia abaixo de meu tornozelo, me impedindo de associar o que tinha a minha volta e responder a quem quer que fosse, embora eu já soubesse de quem se tratava. Continuei massageando meu pé.

— Vamos — falou Megan. Me apoiou em seus braços, e eu já estava mancando quando fui jogada para dentro de um carro com Enzo e um amigo ao volante. O carro era espaçoso o suficiente para caber quatro de mim ali atrás.

— Está tudo bem? — Indagou o rapaz que ocupava o banco do motorista.

— Estou sim — mas não era verdade, não mesmo. Respondi sem levantar o rosto, só admirava meu lindo pé, procurando por qualquer hematoma, felizmente não havia nenhum, mas já não era possível ver meu maléolo externo, de tão inchado.

— Olá, Enzo — resmunguei. E levantei os olhos para encará-lo, meio sem graça pela falta de educação, e pude ver que todos os rostos estavam voltados para mim.

— Olá, Backy — respondeu, me chamando pelo apelido e eu nem tinha me apresentado a ele no dia anterior, talvez ele ouviu Megan me chamar enquanto brincávamos no *air-hockey* — Este é meu amigo Alejandro, mas pode chamá-lo de AJ.

— Prazer — falou AJ, a voz firme e suave.

— Rebecca — me apresentei — Mas pode me chamar de Backy, como seu amigo espertinho aí — não sei se a resposta soou engraçada, a dor era tanta, que perdi qualquer expressão facial boa, mas ele sorriu, e era um sorriso largo, que formavam duas covinhas nas bochechas e exibiam dentes brancos perfeitamente alinhados. Com aquele sorriso, nem precisava de olhos, aqueles olhos verdes penetrantes.

Nosso destino era me levar para casa, já que agora ia com certeza passar uns dias de molho.

Megan me ajudou a subir as escadas e me levou para o quarto. Insisti para que ela não perdesse aula e voltasse com os garotos. Embora quisesse me fazer companhia, sabia também que ela adoraria passar mais uns minutinhos respirando o mesmo ar que Enzo. Enfim ela concordou, me deu um beijo na testa e saiu em disparada. O que me restava era dormir mais um pouquinho, ainda era cedo, e eu não ia mesmo conseguir sair dali.



CINCO



GRAÇAS A DEUS A SEMANA com o pé imobilizado estava acabando. Após as radiografias, o médico confirmou ser apenas uma torção e me recomendou o confinamento em meu quarto por sete dias, não exatamente com essas palavras, mas, resumindo, é bem isso.

Megan me atualizava no decorrer da semana sobre as matérias que tínhamos juntas e pegava as demais com outros colegas, inclusive Enzo e AJ, que ela todo dia dizia que perguntavam sobre minha melhora.

— Ahhh, já ia me esquecendo, trouxe isso para você, a Backer está aceitando inscrições para estagiários do terceiro semestre, você deveria se inscrever.

Megan me entregou um esboço de formulário para estágio na Backer Incorporation, uma das empresas mais conceituadas da cidade e a pioneira em Relações Internacionais.

— Mas ainda estou no primeiro, Megan.

— Backy, leia todo o conteúdo: é um processo seletivo e as vagas estarão disponíveis no próximo ano.

Depois do puxão de orelha, li toda a proposta do estágio. Era um modelo com algumas — muitas — exigências a serem preenchidas no site da empresa e ainda uma futura entrevista *online* em inglês, caso meu currículo fosse selecionado.

— Caramba! Só faltam pedir o tipo sanguíneo.

— Bem, querida, quanto a isso, não se preocupe, caso você seja aprovada, com certeza irão pedir. — Ela me encarou com um sorriso largo no rosto e pôde ver a preocupação refletida em meus olhos — Relaxa, você se encaixa perfeitamente no perfil, e sei de alguém que pode nos dar uma forcinha — agora ela parecia extasiada.

— Quem?

— O Backer filho, o herdeiro!

— Você o conhece? — Perguntei, boquiaberta com tal revelação.

— Claro! E você também, aliás, ele já te deu até uma carona... — falou enquanto apontava para meu pé.

— NÃO!

— SIM, Alejandro Thomas Backer. Backy, vocês têm aula juntos e não sabia disso?

Na verdade, não sabia mesmo, com toda a confusão na minha vida, o pensamento fixado em lembranças e depois a torção, nem prestei atenção aonde as pessoas se encaixavam na sociedade, nem as que eu convivia quase todos os dias.

AJ era um Backer, agora sim fazia sentido o carrão, a namorada linda, sempre bem-vestido nas roupas de marca. Não o conhecia bem, as poucas palavras que trocamos foi no dia do meu incidente, e jamais pediria ajuda a quem quer que fosse por uma vantagem no estágio.

— Nem pensar que vou incomodá-lo com isso, nem morta.

— Backy, o que há de mal nisso? Ele trabalha com o pai, pode te dar umas dicas.

— Não, não e não, isso seria trapaça e é errado, se desejo algo, devo merecê-lo por meus próprios méritos.

— Mas...

— Sem mais, e me prometa que não vai falar nada sobre o assunto com eles, e isso inclui Enzo, está bem?

— Se você prefere seguir pelo caminho mais difícil, por mim, tudo bem. — Completou a indignação com um dar de ombros

— Ótimo!

— Não sei por que, mas algo me dizia que ela quebraria a promessa. Meus amigos adoravam quebrá-las.

The background of the page features a soft-focus image of yellow flowers, possibly rapeseed, on thin green stems. The flowers are in various stages of bloom, with some showing distinct petals and centers. The overall color palette is warm and yellowish, creating a gentle, naturalistic atmosphere.

seis



PROVAS, PROVAS E MAIS PROVAS. O primeiro semestre estava prestes a terminar, e eu estava enfiada no meio dos livros e anotações, exausta de tanto estudar.

— Não aguento mais! — Gritei — Vou ficar louca aqui — embora não fossem só as provas que estavam me incomodando, e sim aquele e-mail que ainda não havia sido respondido. Já se passaram meses, e todos os dias, a primeira coisa que faço é procurar por respostas na minha caixa de entrada, e não obtenho nenhuma.

Ele me fez uma promessa e não cumpriu, a primeira e a mais importante, e não cumpriu. Arremessei um livro, e ele fez um estrondo quando se chocou contra a porta, que Megan abriu assim que ele tocou o chão. Por pouco, eu não ia acertar a cabeça dela.

— Meu Deus! O que está acontecendo aqui?

— Nada — gritei ríspidamente, sentei no chão e enterrei a cabeça nas mãos entre os joelhos.

— Backy, você está chorando? Oh, meu Deus, o que houve?

Nunca tinha contado a Megan sobre Nick, cuspi tudo para fora, para minha nova amiga, e meu peito pareceu ficar um pouco aliviado da angústia. Se não fosse pelos soluços, eu estaria perfeitamente bem, ou quase.

No início ela me questionou por nunca ter contado a ela, mas depois, conforme eu descrevia tudo, ela compreendeu e disse que agora entendia o motivo de muitas vezes me ver bufar com o bip do celular ou por não encontrar nada na frente do laptop.

— Sinto muito — ela disse e me abraçou, um abraço acolhedor que eu há muito tempo esperava sentir de novo.



— Tenho três avaliações hoje — falou Megan, assim que passamos pelo portão.

— Eu tenho duas, te vejo no intervalo?

— Ah, sim, se eu não passar ele todo encarando minha prova sem saber o que fazer.

— Deixa de ser exagerada, Megan, estudamos pra caramba, eu sei que vai conseguir.

Ela revirou os olhos.

— Você faz tudo parecer tão simples quando fala, odeio sua inteligência — ironizou.

Não pude conter o riso.

— Mas eu amo você do jeitinho que você é — dei-lhe um apertão na bochecha.

— Até mais, Nerd — dito isso, saiu andando, me dando as costas, a autoconfiança se esvaindo pelos sapatos.

Terminei minhas primeiras provas sem nenhum problema, não por ser inteligente, mas realmente não estava difícil. Faltava uns bons minutos para o intervalo, e eu me sentei num dos bancos feitos de concreto no meio do pátio, à espera de Megan.

— Olá, Backy.

A voz a me chamar era conhecida, mas não tinha um rosto. Olhei de um lado, depois para o outro, e quando tornei a direita, ele estava ali, sentado do meu lado. Não contive o susto e murmurei baixinho “*Deus!*” com a mão no coração.

— Ohh, perdão! Te assustei?

Não, quase me mandou para o mundo dos mortos.

— Enzo!? Só podia ser você — ele estava aos risos.

— Me desculpe, preciso falar com Megan, sabe se ela já saiu para o intervalo?

— Acredito que não, também estou à espera dela.

— Não precisa enfartar a moça! — Outra voz se aproximou, era AJ, e Enzo logo o convidou a se sentar no banco conosco.

Eu, na esperança de ele me pedir para dar espaço para que o amigo sentasse ao seu lado, nem ao menos tive tempo de pensar direito, e AJ sentou à minha esquerda. Enzo, com aqueles ombros largos, ocupava quase sozinho metade do banco. AJ não era tão forte, mas também não era pequeno. Aqueles dois homenzarrões, e eu espremida no meio deles.

Eles conversavam sobre algo que eu não sabia a respeito. Por um momento, parecia que eu nem estava presente. Precisava dar um jeitinho de sair dali, mas estavam colados em mim. Me remexi entre eles.

— Vou esperar Megan na porta da sala — Enzo falou, olhando para mim, já em pé, e eu,

ainda colada braço a braço com AJ, senti meu rosto aquecer e gesticulei um “joia”. Dei um pulinho para a direita, sem encarar o bonitão ao meu lado.

— E aí, como vai o pé? — Perguntou, parecendo realmente interessado em saber

— Está ótimo — respondi, mexendo o pé, ainda sem olhar para ele.

— Recebi sua inscrição para o estágio — agora ele conseguiu chamar minha atenção.

O que eu disse sobre meus amigos quebrarem as promessas? Vou matar a Megan.

— Como? — Perguntei, curiosa — Digo, enviei pelo site da empresa, como você recebeu?

— Na verdade, sou eu quem avalia as inscrições para o primeiro processo seletivo e recebi a sua.

— Ahhh! Legal — legal era tudo o que eu conseguia dizer? Precisava saber se Megan tinha quebrado as regras. — Megan não te pediu nada a meu favor, pediu?

— Não, não! — Ele sorriu, e pela segunda vez, vi as covinhas hipnotizantes — Na verdade, você foi a única daqui a não me pedir ajuda, sabia?

— E por que pediria?

— Porque eu sou...

— Eu sei, me desculpe, descobri há pouco, mas agora sei quem você é e jamais tiraria proveito disso. — O interrompi.

— Jamais?

— Jamais — afirmei, sustentando seu olhar, e antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, fomos interrompidos por uma loira alta de rosto familiar, que se sentou bem ao meio, me jogando quase fora do banco.

— Olá, querido, estava procurando por você — ela deu um selinho de leve nele, me ignorando completamente.

— Amanda, essa é a Rebecca, Backy, essa é Amanda, minha namorada.

Ele nos apresentou dizendo a ela meu nome, e quando se referiu a mim particularmente, me chamou pelo apelido, como se fôssemos amigos. A princípio, fiquei confusa, nem nos conhecíamos direito, depois me lembrei que o permiti me chamar assim no dia em que me levou para casa. Quanto a ela, me disse um “oi” e continuou a me ignorar. Eu que estava sobrando, não precisava de nenhum outro motivo para sair o mais rápido dali.



FÉRIAS NA MINHA CIDADE NATAL. Não sei bem se era o que eu precisava, muitas lembranças surgiam na minha cabeça, mas estava com muita saudade de casa e dos meus pais.

Minha mãe me abraçou apertado e reclamou por eu perder uns quilinhos. Com a correria das provas, a última coisa em que eu pensava era comer, mas prometi recuperá-los até as próximas férias, e ela acreditou pelo modo que me beijou e me laçou aos seus braços. Meu pai não estava em casa, chegaria bem tarde do trabalho, e nós esperaríamos para jantarmos todos juntos.

Olhar a casa da frente me fez sentir um aperto no peito, queria correr para lá, mas de nada adiantaria, ele não estaria lá e muito menos à minha espera.

Fui dar uma volta na praia para respirar ar fresco. Adorava sentar na beira do mar e deixar que a água tocasse as pontas dos meus dedos. Fechei meus olhos e me permiti ouvir uma espécie de música das águas cantando em coro.

Depois de um longo tempo, me levantei, sacudi a areia do short e caminhei descalça de volta para casa, ainda admirando a dança das águas. E foi aí que eu o avistei, o mesmo rapaz

alto e esbelto com o cabelo desgrenhado, agora com uma pontinha de barba rala. Parei onde estava sem conseguir dar mais nenhum passo, a raiva e a saudade se misturavam numa onda de sentimentos que eu não conseguia assimilar. Eu o encarava, seus olhos cor de mel, com o olhar fulminante, sem nem mesmo me esforçar para isso.

Ele caminhou lentamente na minha direção, analisando minha feição, sem esboçar nenhum sorriso. Minha cara realmente deveria estar de matar, mas eu queria explicações e as queria agora.

— Olá, Backy — ele disse, parando a alguns passos de mim.

— Oi — respondi, surpresa com o tom ríspido e amargo que minha voz soou.

— Conheço bem essa cara — informou. Na certa, era para me lembrar que ainda me conhecia.

— E será que eu ainda conheço você? — Questionei.

— Backy, eu... senti sua falta — falou gaguejando e me envolveu num abraço apertado.

Eu queria estapear ele, arrancar os cabelos dele, descontar nele todas as lágrimas que derramei nesses meses sem notícia, mas, a saudade era maior, não consegui.

Estar ali, com a cabeça em seu peito, podendo sentir de novo seu cheiro inebriante, fez com que meus nervos enrijecidos relaxassem. Senti meus olhos marejados e forcei para que as lágrimas voltassem de onde vieram. Não ia chorar, não na frente dele.

— Backy, por favor, não chora, sei que sou irresistível — disse, divertido. Tinha certeza que estava sorrindo, mas não conseguia ver seu rosto.

— E convencido — falei, com a voz abafada em meio ao abraço e aproveitei para lhe dar um beliscão no braço. Ele me afastou e segurou minhas mãos. — Eu estou com tanta raiva de você, que arrancaria uma de suas orelhas se pudesse — ralhei, tentando me desvencilhar dos braços que me seguravam com força — Argh! Me larga! — Forcei os braços para me soltar.

Passei por ele e sai andando, saltitando de raiva, mas ele de novo me segurou e me puxou pra perto.

— Ei, ei, olha para mim. Olha para mim, Rebecca! — Pediu com autoridade.

O encarei ainda mais furiosa, ele nunca me chamava pelo nome e sabia que eu não gostava, a menos que o papo fosse sério.

— Só temos dez dias. — Enfatizou — Ahhh, por favor, não seja teimosa, você bravinha não me assusta — falou, usando de novo a voz calma, a voz que eu escutava todos os dias em meus pensamentos.

Revirei os olhos.

— Ainda vou querer explicações — adverti.

Ele assentiu positivamente.

— Todas as que desejar, agora vamos aproveitar o jantar da sua mãe, que deve estar divino, como sempre.

Agarrou meu pescoço e me fez um cafuné na cabeça. Abracei sua cintura e por hora me conformei. Pelo menos por dez dias, teria meu melhor amigo de volta.



A semana passou como um flash, mas aproveitamos o máximo que pudemos. Curtimos um cinema, fomos à praia, jantamos com meus pais, outro dia com os pais dele, tudo parecia como antes. Exceto que tinha algo diferente nele, algo que o incomodava, e eu ainda não sabia o que era.

Não falamos sobre as faculdades, nem sobre nossos novos amigos e muito menos sobre as

mensagens não respondidas, o que me fez pensar que era aí onde estavam as respostas para as minhas perguntas.

Arrumei minhas malas e as deixei prontas, partiria no dia seguinte de volta a Wescott e queria aproveitar o último dia de férias com meu amigo.

Nick me pegou logo de manhã, almoçamos no Glade, um restaurante popular do centro, tomamos sorvete à tarde, e por fim decidimos fazer algo diferente. Fomos ao píer da cidade ver o pôr do sol. Por sorte, hoje só havia nós dois ali, e nos sentamos bem na beiradinha, deixando as pernas balançarem no ar.

— Preciso te contar uma coisa, Backy

— Já era hora — rebati.

— Só espero que compreenda — falou baixinho, a expressão triste estampada em suas feições — Tentei evitar ter que falar sobre isso para não estragar nossos melhores dias, queria que me olhasse com os mesmos olhos de sempre e não me odiasse tanto por te amar.

O quê? Esperava tudo, menos que ele dissesse que me amava. Ainda assim, permaneci quieta, só ouvindo, meu coração acelerando num ritmo frenético. Olhei para a imensidão a minha frente para que meus olhos não me entregassem.

— As aulas começaram e conheci várias pessoas, meu alojamento é só de meninos e isso enjoa um pouco, ter contato com o sexo oposto é uma necessidade masculina.

Franzi o cenho. *Será que eu ouvi direito, “necessidade”?* Mas deixei ele continuar.

— Por mais que eu lutasse, eu não conseguia, só de fechar os olhos, me lembrava de nós dois, do natal e da despedida. Eu te fiz uma promessa e fui obrigado a quebrá-la, Backy, e a culpa é toda e só minha. Por isso achei melhor não responder às suas chamadas ou manter qualquer outro tipo de contato. Minha esperança era que você me esquecesse.

— E como eu poderia? — Fui obrigada a fitar sua expressão.

Ele se virou de frente para mim e cruzou as pernas em cima das tábuas do píer. Eu fiz o mesmo, e ficamos de frente um para o outro, o sol começando a se esconder na água alaranjada do rio.

— Backy, eu conheci uma garota logo nas primeiras semanas, e nós dormimos juntos e...
— Ele parecia escolher as palavras que diria a seguir.

— Nick, tudo bem! — Falei com a voz mais doce que consegui — A partir do momento em que você entrou no avião, eu estava ciente de que você estava livre para viver o futuro que te espera, e isso inclui dormir com outras garotas. E você estava certo quando disse que é irresistível, só não queria admitir pra não te deixar mais orgulhoso. — Dei um chacoalhão em seus ombros.

Nick me olhou, e seus olhos estavam cheios d'água. Uma lágrima escorreu pelo canto direito de seu olho, e eu de prontidão me ajoelhei e aninhei sua cabeça em meu peito.

— Ei! Está tudo bem — o consolei — Isso não é nada demais, acontece com todos os futuros médicos com feições abençoadas — dei um risinho — Poderia ter me contado.

Ele me afastou segurando minhas mãos, me forçando a sentar novamente, e em seu rosto não havia nenhum esboço de sorriso.

— Se eu soubesse do semestre que me esperava, jamais teria optado pela medicina, preferiria mil vezes fazer direito e estar ao seu lado em Wescott e não precisar passar por isso.

Realmente, ele começava a me assustar. Continuei toda ouvidos.

— Backy, a garota com quem eu dormi vai ter um filho meu.

Meu coração parou, e tudo em volta parecia girar, minha cabeça ficou zozza e senti até náusea. Será que eu ouvi direito? Questionei até minha saúde auditiva. Não poderia ser verdade, um rapaz de vinte anos, estudante de medicina, não foi capaz de se prevenir numa relação corriqueira?

Sem prestar atenção, minhas mãos estavam trêmulas sobre a minha cabeça, e eu estava chorando. O choque foi quase fatal, a resposta era com certeza a que eu menos esperava, mas certamente o motivo por me sentir tão abandonada.

— Backy, pelo amor de Deus, fala alguma coisa.

Eu queria dizer, mas não conseguia, minha língua enrolou na boca e fez um bolo na garganta. Só me defendia das lágrimas que jorravam dos meus olhos, incontrolláveis. Sem perguntas, todas as minhas dúvidas respondidas. Agora literalmente eu perdi, eu perdi meu único e grande amor, meu amigo, para duas pessoas desconhecidas, e para o resto da minha vida.

— Backy, eu não a amo, mas não posso abandoná-la, você entende?

Eu assenti.

Ele segurou meus ombros e obrigou nossos olhos a se cruzarem, senti que se aproximava, e de olhos fechados, o impedi de prosseguir.

— Por favor, NÃO! — Não queria que a dor aumentasse. Suas mãos subiram até meu rosto, o qual ele envolveu e depois apertou sua testa contra a minha.

— Me perdoe — sussurrou — Eu sempre irei amar você.

Mais uma promessa que eu sabia que ele não poderia cumprir, pelo menos não do jeito que eu queria. Com nossos lábios a centímetros um do outro, confesso ter que me conter ao impulso de beijá-lo, mas agora não poderia, nunca mais.

Me despeço com a única coisa que ainda sou capaz de fazer, dou-lhe um beijo delicado no rosto e um afago na face molhada em forma de adeus, uma despedida ainda mais difícil do que da primeira vez. Sem julgamentos ou lamúrias, sem dizer mais nada, sabíamos que estava tudo acabado, e eu precisava esquecê-lo, precisava deixá-lo partir para nunca mais voltar. Me decidi assim que me levantei e deixei aquele menino homem aos soluços atrás de mim. Agora só me restavam a dor e o torpor no peito.



OITO



— NÃO ESTOU PRA FESTAS, MEGAN, e ainda mais no meio da semana — resmunguei.

— Rebecca Donaway, dizem que o tempo cura toda a dor, mas isso não significa que você não precise dar uma forcinha.

— Sério? Não brinca! — Em que eu daria uma forcinha ao tempo participando de uma festa cheia de estudantes bêbados e chapados?

— Ahh, vamos lá, vai ser legal, já é hora de sair do luto. Enzo e AJ vão estar lá também, e eles são bem bacanas — odiava quando ela era direta e fingia não se importar com meus sentimentos — E você bem sabe que um deles lança olhares furtivos a você, desde o dia em que se conheceram. Se bem me lembro, foi quando você torceu o pé.

— Arghh — grunhi — Não fala bobagens, só trocamos algumas palavras até hoje, e na maioria, em concordância com o tagarela do Enzo. E não se esqueça que ele é compromissado, e nós duas bem sabemos que a namorada dele é o tipo de garota que tem poder de parar qualquer rapaz por onde passa, ou seja, impossível ele sequer me olhar, querida. E só para lembrá-la, EU NÃO estou procurando curar meu “luto”, como você diz, me relacionando com

outros rapazes.

— Qual é, Backy, isso não significa nada, e você ainda não descobriu o poder que tem por debaixo desse pijama, mas eu posso te mostrar — falou com um sorriso malicioso.

Ela era uma pessoa impossível de dizer não, até porque ela era bem irritante na tentativa de me convencer a fazer o que ela queria, e eu na maioria das vezes aceitava para fugir da voz que se tornava estridente na minha cabeça. E mais uma vez, ela venceu.

Megan escolheu meu *look*, claro! Uma saia evasê preta que ia até o meio das coxas e uma regata de seda branca que destacava meus cabelos *lisérrimos* pela prancha. Bochechas coradas e lábios rosados pelo gloss, eu era a “bonequinha de luxo” dela. Sempre me sentia feliz com o resultado, mas hoje, como nos últimos dias, tudo era chato e sem graça para mim.

Fomos a festa com Adam, um dos moradores do casarão do lado oposto ao nosso. Ele pareceu gostar do que viu, seus olhos correram de cima a baixo de nossos corpos, e isso me deixou bem desconfortável. Megan lhe deu um tapinha no queixo, murmurando para ele fechar a boca, e partimos.

As festas aconteciam com frequência, sempre no mesmo endereço, em uma das ruas paralelas próximas a universidade, numa casa noturna chamada “Rotary”. A noite era particular para os estudantes, e junto com os ingressos, estavam inclusas duas doses de vodca, que eu troquei por tônica com gelo no bar. Participei de uma única festa além desta, não gostava do som alto da música eletrônica, e o globo com luzes coloridas me deixava tonta toda vez que me atingia os olhos.

Só havia se passado uns trinta minutos desde que chegamos, e eu já me sentia sufocada pelo ambiente. A noite estava agradável, quem não estava nem um pouco agradável era eu.

— Vou lá fora respirar ar fresco — gritei para que Megan me ouvisse além das batidas estridentes.

Ela gesticulou um “joia”, e eu saí, agradecida quando a música era só um som de fundo agradável aos meus ouvidos. Segui em direção a uma lateral da grande piscina, que estava

proibida para uso naquela noite, uma que esperei estar inabitada. Havia poucas pessoas ali próximas, alguns seguranças, um ou dois casais conversando, outros namorando.

Me debrucei sobre uma mureta de concreto que envolvia o horizonte negro a nossa volta e respirei fundo. O vento soprava calmo, e apesar de bagunçar meu cabelo, a sensação era boa. Olhar para o nada era ainda mais satisfatório.

De repente, ouvi risos abafados, seguidos de gemidos e beijos estalados. Era tudo o que eu não precisava ver ou ouvir. Olhei para o lado num reflexo, e quando vi de quem se tratava, congelei.

Era Amanda, a loira bonita de olhos verde esmeralda e pele clarinha, a namorada de Alejandro de nariz empinado, mas com quem ela estava aos beijos não era ele. Embora a escuridão tentasse atrapalhar, era impossível não reconhecer aquele rosto invejável.

Imediatamente eu saí dali, na esperança de que ela não me visse. Me pergunto qual o problema com o mundo? Quando foi que ele perdeu os eixos? E quando foi que eu me perdi no meio dele?

Avistei Megan sentada numa mesa distante da pista de dança, para meu alívio, com Adam e mais um amigo, desconhecido para mim. Me sentei rapidamente junto deles, deixando-a em estado de alerta total, mas antes que ela me perguntasse qualquer coisa, balancei a cabeça indicando que as explicações viriam mais tarde.

Quase que no mesmo minuto, estávamos rodeados por Enzo e AJ “sozinhos”. Pelo visto, acabavam de chegar. Trocaram algumas palavras conosco, e AJ pediu licença para encontrar a namorada. Num impulso, o impedi, com a desculpa de que a havia visto no toalete minutos antes, e ele pareceu acreditar e me agradeceu com um sorriso inocente.

Não encarei o olhar da minha amiga, que me conhecia muito bem e sabia que eu estava mentindo. Senti empatia por ele, e por mais que eu quisesse evitar de alguma forma, meus dragões me impediam de sentir a dor de outra pessoa.

Amanda surgiu atrás de AJ, num impasse, tampou-lhe os olhos, fingindo surpresa, e me

encarou. Um olhar desafiador, na qual eu devolvi na mesma intensidade, sem baixar a guarda, ou me deixar intimidar por ela. Ao soltá-lo, tascou um beijo nele que deixou todos ao redor embasbacados. Já eu, o que eu senti foi a raiva tentando se apoderar de mim e meu estômago embrulhar. Meus olhos continuaram fixos nos dois, me controlando para não partir para cima dela, na incerteza de ela ter me visto ou não.

Na sexta-feira, enquanto caminhávamos até a faculdade, esclareci a Megan o motivo da mentira e os detalhes da cena de Amanda na noite anterior. Assim como eu, ela ficou surpresa e ao mesmo tempo enfurecida. Embora não fôssemos amigas íntimas de AJ, concordávamos que ele não merecia a infidelidade da namorada. A fiz prometer que não ia comentar sobre o acontecido com ninguém.

— Não é assunto nosso — exortei-a, e já nos corredores do segundo andar, seguimos para nossas devidas salas, hoje em direções opostas.

Naquele dia, tínhamos duas aulas sequenciais juntos, eu, Enzo, Amanda e AJ. Tudo parecia normal, exceto que meu companheiro da direita era Enzo, desprovido da companhia dos amigos. Ele os deixou do outro lado da sala, com uma expressão amargurada estampada no rosto de cada um deles, indicando que a noite não havia terminado tão bem quanto começou. Confesso me sentir satisfeita por isso.

O ambiente estava pesado, e com Enzo tagarelando no meu ouvido, não conseguia prestar atenção em nada. Me forçava a não olhar para Amanda e Alejandro e me concentrar em outra coisa, mas que coisa?

Pedi licença ao professor para me retirar e, com a permissão dele, corri o mais rápido que pude para o térreo, em direção ao pátio da universidade. Nem acreditei quando me sentei em um dos bancos e respirei ar puro. Só tinha alguns minutos antes que o sinal soasse para a troca de aulas.

— Péssimo lugar para um refúgio — ouço a voz de AJ às minhas costas.

— É — concordei — Não tenho muitas opções por aqui.

Ele surgiu de uma das árvores atrás de mim e se sentou ao meu lado, distante o suficiente para caber outra pessoa entre nós e para que eu pudesse ver bem seu rosto.

— De que você foge? — Ele pergunta.

E só por um minuto, sem saber uma resposta certa, me lembrei que havia esquecido dos meus próprios problemas e me preocupado com a reputação dele.

— Pra falar a verdade, nem eu sei — respondi encarando meus sapatos — E você? — Perguntei num impulso.

— De olhares piedosos e desculpas sem fundamento.

Não comentei mais nada ou fiz qualquer pergunta. Pelo visto, ele desconfiava ou sabia de algo, e se não soubesse, não seria eu a contar qualquer coisa que fosse. AJ interrompeu o silêncio.

— Tudo bem não ter me falado nada sobre o que viu, Backy.

Ai, meu Deus! Isso com certeza era uma armadilha para mim. Continuei calada.

— Só me entristece o fato de você querer protegê-la — ele suspirou fundo.

Se era uma armadilha, eu caí. Não suportaria a ideia de deixá-lo acreditar que eu estava protegendo alguém de algo que eu repugnava. Traição era uma atitude covarde para mim, e ele precisava saber disso.

— Eeeeu... eu não — gaguejei — Não era ela quem eu estava protegendo — droga! Precisava analisar com antecedência minhas respostas.

— Obrigado — agradeceu, e ao encarar seus olhos, pude ver que ele entendia tudo sem eu ter que dizer muitas palavras. Não precisava explicar, e isso era meu maior alívio.

The background of the top half of the page features a soft-focus image of yellow flowers, likely rapeseed, on dark green stems. The flowers are in various stages of bloom, with some showing distinct petals and centers. The overall color palette is warm, dominated by yellows and greens.

NOVE



“O tempo não cura tudo. Aliás, o tempo não cura nada, o tempo apenas tira o incurável do centro das atenções”

Martha Medeiros

PRIMAVERA, A MINHA ESTAÇÃO PREFERIDA do ano chegou, e eu não faço ideia do que ela me reservou desta vez.

Do meu quarto, eu via o belo jardim que me chamou tanta atenção quando o vi pela primeira vez, meses atrás. Agora, flores vão começar a surgir nas árvores e por entre os canteiros, os botões vão colorir a fauna terrestre e o verde das folhas, que a brisa faz dançar quando toca nos galhos.

Primavera tem o cheiro esperançoso de liberdade, que nos prova que é uma benção de Deus que faz renascer tudo no mundo.

Eu acordava todos os dias numa névoa descrente da realidade dos fatos, e levou algumas semanas para eu realmente compreender e desviar o foco daquele rosto cada vez que fechava os olhos. Eu me dei conta que todo aquele conflito com meus sentimentos havia passado, e embora devastado boa parte de mim, eu havia sobrevivido.

Ainda pensava em Nick, mas agora as lembranças não doíam mais, e acho que por fim se misturaram a tantas outras que vivem na minha cabeça e que decidiram não mais machucar meu coração. Voltei a ver beleza em meus dias e a admirar o que ele me proporcionava de mais belo visto da janela de meu quarto.

Eu queria deixar um marco naquele jardim, queria fazer algo com a minha cara, como um novo começo. Mas a minha ideia precisava de muitos voluntários e, certamente, de uma boa e melodramática amiga.

Megan chamou a todos os moradores do casarão, meninos e meninas, e até alguns funcionários: um paisagista, amigo do jardineiro, nos ajudou a escolher o lugar e a árvore perfeitos.

Cordas, correntes e até uma estrutura de metal já em formato de assento nós tínhamos disponíveis.

Os homens, na obra, passaram sem muita dificuldade as duas porções de correntes entrelaçadas em finas cordas sobre o galho grosso da árvore, prendendo-as num mosquetão, logo em seguida conectando-os nas laterais das grades do assento, dando sustentação as correntes.

A parte da decoração ficou encarregada às mulheres, então, mais do que depressa, entrelaçamos as correntes de folhagem sobre as cordas e correntes de metal. Tudo começava a ganhar vida.

Rosas brancas, amarelas e rosa-bebê, colhidas do próprio jardim, foram espalhadas por toda a extensão da corrente de folhagem. Pequenas astromélias *pink* deram um toque especial e encantador, finalizando nosso “Balanço de Flores”.

Todos nós ficamos impressionados com o resultado, e as câmeras começaram de imediato a registrar momentos mágicos naquele jardim. O balanço parecia ser a peça que faltava se encaixar ali e que, coincidentemente, eu avistaria do meu quarto todas as manhãs.

— Vocês estão atrasados!

Ouço ao longe Megan zangada com alguém que certamente ela convidou para o trabalho nem tão pesado, mas que chegou quando ele já tinha sido feito.

— Olá, *Sweet Girl* boazinha — me deparo com Enzo vindo em minha direção, e quando se aproximou, me envolveu num abraço que me deixou sem reação e ainda me lascou um beijo na testa, colorindo minhas bochechas automaticamente.

— Se ela é a boazinha, você está querendo dizer que eu sou a má? — Indagou uma Megan irritada, com AJ a tiracolo.

— Eu diria estressadinha — brincou Enzo, a pegando no colo, dando um giro de leve.

— Me ponha no chão, seu maluco! — Rosnou ela

— Uauu! Clima pesado para um trabalho tão bonito, não? — Falou AJ — Oi, Backy.

— Oi — dou um aceno de leve, torcendo para ele não me deixar ainda mais sem graça, mas toda a minha torcida vai por água abaixo quando recebo um beijo no rosto. *Tarde demais!*, sibilo para mim mesma. — Humm... Não esquentem a cabeça com a Megan, ela acordou com o pé esquerdo hoje. E não se preocupem, o trabalho por aqui já terminou.

— Oh, perdão pela demora, estávamos resolvendo alguns negócios de família — justificou AJ.

— Mentiroso, vocês nem são da mesma família. — Acusou minha amiga, ainda irritada

— MEGAN! — Gritei entredentes — Licencinha, meninos — pedi, a arrastando dali pelo braço. — Qual é o seu problema?

— Odeio gente que não cumpre os compromissos — respondeu, bufando

— Ei! Eles estavam ocupados, ok? E você não deve se intrometer e muito menos agir desse jeito. Se está tentando conquistar o gato musculoso de regata bem atrás de nós, acaba de perder uns pontos, *honey*.

— Backy! — Ela revirou os olhos — Tinha tudo planejado para ganhar de vez esse homem hoje, e meus planos foram todos para o ralo.

— Sempre há uma segunda chance, e não é mostrando suas garras que você vai ter uma. Agora dê um jeito nessa cara de bruxa e seja boazinha.

— A boazinha é você, não ouviu? — Ironizou

— Não vai querer que eu lhe dê uns tapas, vai? — Ela parecia uma criança mimada fazendo birra por causa de um doce.

— Tá bom! Tá bom!

De volta à conversa com os meninos, ela os convidou a nos ajudar a guardar as ferramentas que faltavam e, mais tarde, fazer uma sessão de fotos, os quatro ao redor do balanço. Eles concordaram sem mais perguntas. Pelo menos, não para ela.

Com a galera toda envolvida pela criação, deixaram o trabalho chato para a idealizadora da obra, euzinha. Megan se embalou na multidão para a sessão de fotos, arrastando Enzo, e quem por fim me ajudou a guardar os materiais foi AJ.

— Obrigada —agradei quando ele colocou as correntes pesadas na prateleira que ficava num pequeno quartinho de ferramentas do lado externo do casarão, um cômodo minúsculo, com tudo arrumadinho no seu devido lugar.

— Posso te fazer uma pergunta indiscreta? — AJ perguntou.

— Claro! — Respondi, curiosa.

— Megan é a fim do Enzo, não é?

— Não deveria te contar os segredos da minha melhor amiga. Realmente, essa é uma pergunta indiscreta.

— E muito, desculpa!

— Tô brincando! Relaxa! — Falei enquanto guardava as cordas — Mesmo que eu não te contasse, você saberia a resposta, ela não raciocina muito bem quando está perto dele. Mas isso ele não precisa saber.

— Será nosso segredo — sussurrou

Esbocei um sorriso largo para ele, que me devolveu outro cheio de dentes envolto por lábios perfeitos.

— A propósito, me desculpe pela reação dela há pouco.

— Imagina, mesmo chegando “atrasado” — ele abriu aspas com os dedos —, fico feliz por estar aqui com você.

— Que bom! — Respondi sem ter onde me esconder naquele pequeno espaço que dividíamos.

Droga, fiquei encabulada de novo.

O balanço estava ficando famoso na faculdade, e fotos daquele dia da construção ainda eram comuns entre as mensagens em grupo trocadas nos *smartphones*. Várias pessoas queriam tirar fotos lá, mas era algo particular, nosso, e tenho certeza que o dono do casarão não gostaria que fizéssemos do local um ponto turístico. Mas sempre havia exceções para os amigos.

Assim que entramos para nossa aula juntas, Megan, Prin e eu fomos surpreendidas pelo convite da *It Girl* da universidade. Sabe aquela pessoa linda, meiga, rica e superbacana misturada tudo num pacote só, que geralmente vemos em filmes ou novelas? Pois bem, ela existia e se chamava Íris Stevens.

Ela entregou para cada uma de nós um convite *azul-tiffany*, e antes que pudéssemos abri-lo, nos fez um pedido.

— Meninas, sem querer parecer que as convidei só por interesse, gostaria que me permitissem tirar umas fotos no balanço para expor na minha festa.

Como negar um pedido a ela, a aniversariante? Impossível!

— Claro! — Respondeu Megan — Será um prazer.

— Obrigada — ela agradeceu com um sorriso de orelha a orelha — Espero ter a honra da presença de vossas majestades — disse enquanto fazia uma reverência encantadora.

Devolvemos a reverência aos risos, e ela se despediu. Então abrimos o envelope, curiosas para ver o conteúdo. Íris estará comemorando seus vinte e um anos numa sexta-feira, dia vinte de novembro, a exatos trinta dias.

— Nossa missão? Comprar o vestido perfeito. — Suspirou Megan.



Duas semanas depois, estávamos as três atrás do tal vestido perfeito. Era sábado, e como Prin era a única de nós que tinha um emprego, esse era o único dia em que estava livre para as compras.

— Nem morta que eu vou comprar um vestido — falou Prin enquanto entrávamos na Scuse, uma das lojas mais famosas da cidade quando se tratava de roupa chique. E o melhor, tinha uma variedade enorme, de acordo com cada bolso.

— E eu é que não vou deixar você ir feito uma marmota, Priscila — murmurou Megan

— Você já reparou no tamanho das minhas coxas? Elas roçam umas nas outras, vou ficar em carne viva.

— Ei, vocês duas! Vamos dar uma olhada, e se não acharmos nada do nosso gosto,

partimos pra próxima, tudo bem?

— Tudo bem! — Responderam em uníssono, uma menos animada que a outra.

Entramos na loja e ficamos perdidas. A variedade de cores e modelos nos fez ficar ainda mais indecisas. Até Prin, que não estava animada com a ideia, vez ou outra encontrava um de seu gosto e se imaginava dentro dele em frente ao enorme espelho. Separamos alguns modelos, e depois de várias e cansativas provas, escolhemos o que mais nos agradou, ou melhor, o que mais agradou a Megan.

Enquanto a vendedora embrulhava nossos vestidos, nos distraíamos caçoando de Megan, que não nos deixava opinar nem na nossa própria roupa, e ela rebatia dizendo que era nossa *Personal Stylist*, e que deveríamos agradecer-lá por não cobrar pelo serviço. Claro que estávamos aos risos com o convencimento dela, até que estes cessaram devido ao clima tenso que se instalou no local.

— Vocês, por aqui! — Resmungou uma loira bonita e, digamos, um pouco arrogante. — Tem um brechó na próxima rua, talvez lá vocês encontrem algo do nível de vocês.

— Ou talvez você tenha se equivocado, não? Já fizemos as compras e estamos de saída — avisou Megan.

— Que seja! Mas, ainda assim, estou sendo gentil, se essa aí tivesse vergonha, nem sequer olhava para mim — rosnou Amanda, o tom amargo na voz.

— Essa aí quem? — Indagou uma Prin, que ficou enorme quando a encarou frente a frente. Já sabíamos que “essa aí” era eu.

— Não sei a que você se refere, mas não tenho nada de que me envergonhar — rebati. Passamos as três por ela em direção a saída, mas Amanda me impediu de seguir agarrando meu braço.

— Não sei por que você contou a ele sobre o que viu, mas não se intrometa mais no meu caminho ou eu...

— Ou você o quê? — Questionei, confirmando de vez minha suspeita de que ela me vira naquela noite — Já que falou em vergonha na cara, deveria ter primeiro, antes de cobrar das pessoas.

— Foi um erro, e me arrependi no mesmo instante, ele nem saberia se você não tivesse aberto o bico.

— Só uma dica! Da próxima vez, procure um lugar mais reservado, onde não tenha tanta plateia!

E com a maior delicadeza do mundo, soltei meu braço, que estava debaixo das mãos dela. Minhas terminações nervosas estavam todas afloradas, mas jamais me deixaria ser acusada por algo que não fiz, muito menos por quem cometeu o real delito.

Minutos mais tarde, estávamos as três almoçando no centro da cidade. Minha cabeça dava voltas pensando na acusação, e eu nem conseguia prestar atenção no que as meninas tagarelavam. Terminamos o almoço e, já porta afora, nos esbarramos em AJ, que entrava no restaurante.

Desde o dia da construção do balanço, não nos falávamos, pelo menos não uma conversa direta, e hoje realmente não parecia ser um dia bom.

— Olá, meninas.

— Oi — respondemos, e antes que lhe déssemos as costas, ele me chamou.

— Backy, tem um minuto?

— Claro! — Respondi enquanto minhas amigas se afastavam — Está tudo bem? — Perguntei por educação.

— Comigo está, mas e com você?

— Comigo, tudo ótimo! — Engoli em seco. *“Se não fosse pela sua namorada louca a me*

perseguir na loja há pouco, o dia estaria perfeito”, confessei em pensamento.

— Tem alguma coisa para me contar? — Inquiriu, analisando minha reação. Me esforcei ao máximo para não demonstrar minha surpresa com a pergunta.

— Não! — Respondi sem vacilar. E o que adiantaria eu contar a ele, esperava já ter resolvido o problema.

— *Certo!* Então até mais. — Seu olhar era reprovador, mas não a ponto de me deixar sentir culpada por omitir a verdade.

— Até! — Deixei-o sem olhar para trás, afinal, não fazia ideia do que ele queria saber, de fato, sobre Amanda. Esse ainda era um assunto recente, e não tinha como ele saber. Balancei a cabeça, me desvencilhando da nuvem de pensamentos, tinha que deixar esses dois de lado, esse era um problema que certamente não queria que fizesse parte da minha vida. Estava ainda em processo de recuperação dos meus.

— Dia agitado para você, amiga — falou Prin.

— E como! — Arqueei as sobrancelhas, bufando.

A decorative header image featuring yellow flowers on thin green branches against a soft, yellowish background. The word "Dez" is centered in a large, black, serif font. Below it is a horizontal line with a small, stylized flower icon in the center.

Dez

O DIA DA FESTA HAVIA chegado, faltavam apenas algumas horas para o início, e éramos três mulheres no mesmo ambiente tentando nos organizar e nos arrumar para a noite que parecia ser memorável.

Megan enrolou bobes em meus cabelos e nos de Prin e nos ensinou a fazer o mesmo com os dela; Parecíamos Donas Florinda, andando de um lado para o outro, tentando ficar o mais bela possível.

Prin escolheu um vestido de sarja verde-escuro, sem mangas e com decote quadrado, bem justo ao corpo rechonchudo, que a deixava com as longas pernas grossas um pouco mais à mostra. Os cabelos vermelhos encaracolados e a maquiagem que marcava somente os olhos pretos contribuía para o nascer daquele mulherão que estava bem na nossa frente.

Megan optou por um vestido evasê com estampas em preto e branco, que deixavam algumas costelas bronzeadas expostas. Os cabelos loiros se destacavam no vestido e na maquiagem fumê perfeita. Ela estava incrivelmente irresistível a qualquer olhar.

E por último, elas me vestiram com um tomara que caia em formato de coração, na cor

nude, que se ajustava perfeitamente ao meu corpo magro, com uma renda um tom acima, salpicada de alguns paetês que desciam de um dos bustos até a barra que terminava em forma de babados delicados. A princípio, imaginei que um vestido daqueles não combinaria com a minha pele morena, mas com certeza estava enganada, eu estava impressionada com a mulher de batom carmim que me encarava no espelho.

Após horas nos embelezando, enfim chegamos a tão esperada festa da Íris. Não que alguém pudesse ver a ansiedade de ter chegado estampada em meu rosto, até porque com certeza não a encontrariam presente, mas quanto a Megan, estava radiante, parecia até que era a aniversariante. Eu só não sabia ao certo o motivo de tanta excitação.

Passamos pela segurança da festa sem problemas após confirmarmos nossos nomes numa lista enorme de convidados. Suponho ser enorme porque demorou alguns bons segundos até que fôssemos identificadas.

— Meu Deeeeeus! — Ouvi a exclamação excitada das minhas amigas, até que eu mesma me perdesse observando e babando naquele magnífico local, simplesmente perfeito para uma amante de decoração vintage, dono de uma sofisticação que me deixou com certeza boquiaberta por minutos.

Ainda atônita, ouço a voz de Prin nos chamando, com uma taça de champanhe, que certamente veio da bela torre de taças localizada a nossa esquerda, nas mãos. Ao fundo da torre, a maravilhosa foto da aniversariante alegre e deslumbrante em nosso balanço. Após sermos servidas, fomos convidadas a nos adentrar até o salão principal.

Rumamos ao encontro da aniversariante para cumprimentá-la. Ela estava belíssima num vestido vermelho de paetês que lhe vestia muito bem e dava um lindo contraste com seus cabelos ruivos naturais e pele alva. Nem preciso falar dos belos e grandes olhos azuis.

— Fiquem à vontade, a festa é toda de vocês. — Desejou Íris, dona de uma doçura e *finesse* invejáveis.

Não foi difícil identificar vários rostos conhecidos, até mesmo aqueles na qual sabemos que não agradamos com a nossa presença, mas que é suportável se obtermos certo limite de

distância. Amanda.

Cumprimentamos mais alguns conhecidos, trocamos algumas risadas, e não pude deixar de notar que Megan parecia procurar algo, misteriosamente, com aquele ar de detetive procurando por pistas. Perguntei se ela procurava por alguém, e ela disfarçou reclamando do calor pela aglomeração de pessoas e que precisava de ar fresco. Convidou a mim e a Prin para darmos uma volta do lado de fora do salão, que era tão belo quanto o interior, cheio de palmeiras e bancos de madeira envernizados, com pequenos postes de luz espalhados por toda a extensão.

Acredito que o passeio até a área descoberta não foi agradável, porque não durou muito tempo até que voltássemos para dentro do salão. Ficamos por ali, numa das laterais que possuía confortáveis poltronas de vime e almofadas cor castor. Nos sentamos nelas e ali pudemos conversar sem o som da música nos fazer alterar as vozes para sermos ouvidas.

Prin falava de como estava incomodada em ter que usar vestido, por ter as pernas grossas que roçavam uma na outra e de como adoraria estar em casa de pijamas, quando notei que o que Megan tanto procurava acabara de chegar na festa.

— Agora entendi — disse a ela, que me retrucou, é claro.

— Entendeu o quê? — Mesmo relutante, ela não conseguia esconder o sorriso estampado no rosto.

— O motivo de tanta excitação e desconforto.

— Você bebeu muito champanhe, Backy, já está falando bobagens. Venha, vamos ficar mais perto do pessoal.

— Do pessoal, ou de um certo alguém? — Perguntei em tom de gozação.

— Calada. — Falou entredentes com um sorriso tímido de canto. Levantei as mãos em sinal de rendição.

Nos aproximamos de um grupo de amigos, e pude ver a afobação das pessoas ao vê-los.

Megan e Amanda certamente estavam tentando disfarçar o olhar, o que era impossível naquele momento, e algo me dizia que a festa havia acabado de começar, pelo menos para elas.

AJ e Enzo, como todos, cumprimentaram a aniversariante, atraindo para eles todos os olhares curiosos, causando muitos fuxicos por ali.

AJ vestia uma camisa social azul-turquesa com os punhos dobrados e arregaçados acima dos cotovelos, calça sport fino e cinto pretos e um sapato despojado, que nada perdia na composição do *look*. O cabelo hoje estava simplesmente perfeito, com um topete alto jogado para o lado esquerdo da cabeça, num estilo bem informal.

Enzo, por sinal, vestia uma camisa social preta, calça Calvin Klein jeans escuro, com um belo blazer grafite, cinto e sapatos preto, com seu clássico cabelo retrô e barba cerrada muito bem-feita.

É, realmente, estavam dignos de todos os olhares e comentários positivos e maldosos.

— Podia jurar que demorou horas pra ele ficar ainda mais gato, se já não fosse o bastante — falou Megan, certamente sobre Enzo.

— Tem pessoas que nascem prontas — falou Prin — Não precisam perder tempo em frente ao espelho para se tornarem perfeitas, assim como nós — e todas rimos, breve, em uníssono, quebrando nosso estado inerte de pura observação.

Não pude discordar, ela tinha razão (não sobre nós), e o mesmo cabia a Amanda, sempre linda. Ela logo se apressou ao encontro deles e arrastou AJ para um lugar onde meu campo de visão era ofuscado pelas pessoas em volta deles. Embora houvesse dúzias de homens interessados nela, ela investia todo seu poder de sedução tentando reconquistá-lo, mas ainda não conseguiu. Devo admitir, ela é muito boa nisso.

— Que tal uma bebida, meninas? — Eu disse, na intenção de desviar o foco do casal, que embora eu tentasse, não conseguia parar de olhar. E todas nos dirigimos ao bar da festa.

Mais tarde, estávamos às gargalhadas com Frank, um velho amigo de Prin que ela nos

apresentou e que adorava contar algumas boas histórias, quando AJ e Enzo se aproximaram do nosso grupo a fim de se familiarizarem com o motivo de tanta risada.

— Olá — disse Enzo e nos cumprimentou com um leve beijo no rosto, que em mim não surtiu efeito algum, mas pude sentir o tremor dos braços de Megan, de tão perto que estavam dos meus. Parecia até me pedir que a segurasse para não cair feito um coco maduro. “*O que deu nela hoje?*”, pensei.

O mesmo fez o outro rapaz, e ali permaneceram, dando mais volume às risadas.

De repente, Amanda interrompeu os risos, como que ordenando que AJ a acompanhasse, mas ele não a seguiu, trocou algumas palavras inaudíveis com ela e permaneceu ali conosco. Amanda não disfarçou estar incomodada por ele estar tão à vontade com outras pessoas ou outras garotas que não fossem ela e as amigas. Pelo menos, desde o dia infeliz dos dois, eu não os vi participando do mesmo círculo de amizades nenhuma vez sequer.

— Por quê? — Ela disse, e seu tom de voz não era agradável. Embora não fosse alto para anunciar a todos os presentes na festa que algo ali estava errado, foi o suficiente para que nós, integrantes do grupo, nos calássemos. Seu olhar era tenso e parecia querer devorar alguém.

Demos um pequeno espaço, meio que os isolando, e eu automaticamente me virei, dando-lhes as costas, formando um novo grupo na qual os dois não fizessem parte, afinal, o assunto não nos cabia. Pelo menos, eu achava que a mim não.

Embora prosseguíssemos a conversa em grupo, não pude deixar de ouvir que os dois discutiam o fato de ele não dar uma segunda chance a ela.

— O que há de errado comigo? — Ela dizia — Eu errei e já te pedi perdão, estava confusa e já te expliquei milhões de vezes.

— O problema não é você — ele respondeu — As pessoas mudam, eu mudei.

— Por favor! Me dê uma razão convincente? Um simples “eu mudei” não é uma explicação!

— Aqui não é o momento, podemos conversar outro dia, tudo bem?

— A menos quê... — houve uma pausa — Você esteja interessado em outra pessoa, claro! É isso, não é? — Seu tom de voz acabava de ganhar volume, e podíamos sentir os olhares ao nosso redor.

— Amanda, por favor! — Pediu AJ, sempre com sua voz calma e centrada.

— É ela, não é? O motivo da nossa separação, a pessoa por quem está me trocando? Rebecca Donaway, é sua verdadeira razão! — Ela gritou.

E nesse momento, meu coração parou pela segunda vez.

Agradei aos céus um instante pela música alta ainda estar tocando e a acusação de Amanda não ecoar pelo salão, fazendo alarde a todos os presentes ali. Olhei para Megan, que estava bem na minha frente, e podia ver o que todos viam, menos eu. Pela expressão dela, percebi que a coisa era séria.

Minha cabeça entrou em parafusos, e sem entender nada, me virei depois de ouvir meu nome e sobrenome pronunciados em alto e bom som. Fitei o rosto de Amanda, que estava tão surpresa quanto eu com o que acabara de revelar. E todos os olhares à nossa volta imediatamente se viraram para mim.

— Backy? — Ainda calmo e sereno, o rapaz me encarou. Não sei como ele se controlava assim, eu só não saí correndo porque naquele momento não conseguia dar ordens às minhas próprias pernas.

Ele ficou esperando que eu dissesse alguma coisa, mas não consegui pronunciar nenhuma palavra. Amanda continuava me olhando como se esperasse de mim qualquer tipo de reação em minha própria defesa, e eu, eu estava sem chão, em estado de choque. Só então percebi a enxurrada de lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

Senti Megan me arrastar dali de volta para as poltronas confortáveis que estivemos antes. Como minha melhor amiga, ela sabia que eu odiava ser o centro das atenções e sempre fugia de tudo que poderia me colocar nessa posição. Me sentia grata por tê-la em minha vida.

— Você está bem? — Ela indagou, enxugando minhas lágrimas com um lenço que não sei onde ela conseguiu tão rápido.

— Confusa e envergonhada — confessei.

Eu ainda estava um pouca zonza com tudo, com a festa, com a choradeira, com o que ouvira há pouco tempo, como se houvesse uma imensa nuvem no meio do meu cérebro, jorrando raios e trovões, fazendo com que a chuva escorresse através de meus olhos.

— Tudo bem, se recomponha e vamos embora daqui, ok?

Concordei com um meneio de cabeça.

Enzo, Prin e até mesmo Frank faziam um círculo à minha volta e a de Megan, nos protegendo de qualquer olhar curioso naquele momento. AJ se aproximou e pude sentir que me olhava, mas por um breve momento, ficou calado me observando, e não consegui encarar seu olhar.

— Podemos conversar? — Rompeu o silêncio.

— Não se preocupe, está tudo bem — tentei responder firme, mas, com a voz embargada, fracassei.

Ele estendeu a mão e ela permaneceu ali suspensa, me esperando, e não pude ignorá-lo. Mesmo em meio a toda essa bagunça, na verdade, queria saber o que foi tudo aquilo. Minha cabeça formulava muitas perguntas que eu não podia responder, mas talvez ele pudesse. Peguei sua mão e me levantei, ajeitei o vestido e rapidamente balancei a cabeça disfarçadamente para Megan, para que ela soubesse que estava tudo sob controle, embora as minhas pernas agora tremessem.

Atravessamos os fundos do salão, onde havia uma porta bem discreta, uma saída longe dos holofotes, perfeita para não ter que encarar a multidão novamente. Contornamos metade de uma das laterais e saímos pelo portão Principal em direção a uma cafeteria que ficava a alguns metros dali. Não trocamos palavra alguma no percurso. Só quando chegamos, percebi que ele segurava minha mão.

AJ puxou uma das cadeiras da mesa redonda cor de tabaco da cafeteria para que eu me sentasse e sentou em outra, bem na minha frente. Me recompus e o encarei pela primeira vez em minutos.

— Café? — Ofereceu como opção.

— Cappuccino, por favor.

Ele de imediato chamou a garçonete, que, com um rabo-de-cavalo no alto da cabeça, era bem bonita e não economizava olhares descarados ao belo rapaz moreno fazendo o pedido. Assim que ela saiu, restávamos somente nós dois, e não tinha mais como me esconder. Analisei seu rosto, e ele permanecia sereno. Engoli a saliva com tanta força, que tive de pôr a mão no pescoço para saber se o nó que antes se formava ali havia sumido.

— Sinto muito — ele disse — Espero que possa me perdoar pelo descontrole de Amanda.

“Quanta gentileza”, pensei com ironia, “se desculpando por uma louca que diz coisas sem fundamento, numa festa bombástica”.

— Não há o que perdoar — só fui pega de surpresa e acabei dando mais ênfase a situação com meu descontrole emocional — Foi mal! — Suspirei fundo.

— Sorte a sua ter um anjo da guarda para te tirar de situações constrangedoras o mais rápido possível — disse em meio a um sorriso complacente.

— É, sorte a minha — respondi, esboçando um sorriso sem graça. Realmente, Megan era meu anjo da guarda mortal. Desde que cheguei nessa cidade, a única coisa que ela faz é me proteger.

Ele colocou suas mãos sobre as minhas, que estavam em cima da mesa. Eram macias e quentes, de um toque suave ponderando o peso delas. Seus músculos do antebraço flexionaram-se sob as mangas enroladas, e isso me fez ter um breve *déjà-vu*. Olhei para o seu rosto para tentar descobrir o que estava acontecendo, e seus olhos também analisavam minha reação ao toque. Eu retraí as mãos por debaixo das dele, mas agora ele as segurou firme. Senti meu coração palpitar mais forte, e antes que pudesse dizer alguma coisa, ele o fez primeiro.

— Ela está certa, Amanda está certa! — Sua voz era firme, e pude ver seu cenho franzir pela primeira vez. — Meu coração pertence a outra pessoa, e por mais que as coisas não tenham saído como eu queria, sabia que não poderia passar dessa noite. Precisava contar a ela, precisava contar a você.

— A mim? — Eu disse em tom de espanto — Por que para mim?

— Porque é você, Backy, você é a razão pelo qual eu perco o sono, me perco em palavras e perco até mesmo o controle sobre mim.

Soltei uma breve gargalhada como resposta ao meu nervosismo. Aquilo não era verdade, não poderia ser.

— Você, perdendo o controle? — Enfatizei com humor — E que história é essa de que eu sou a razão, você está brincando? Isso é loucura! — Murmurei com um meio sorriso nos lábios, mas ele permaneceu de cenho franzido e segurando minhas mãos. Puxei-as com mais força e, para disfarçar, ajeitei uma mecha do cabelo. Não, não era brincadeira. Uma onda de desespero começava a surgir.

— Me ofende você questionar minha sanidade. Pela primeira vez, me sinto lúcido o suficiente para saber bem o que quero.

— O que você está dizendo? — Perguntei — Você nem me conhece direito, somos colegas há o que, dez meses? Menos talvez. E quanto a Amanda? Primeiro ela me ameaça, depois isso? — A verdade é que me perdi com as palavras, não sabia o que pensar e muito menos o que dizer.

Respirei fundo e endireitei meu corpo, deixando-o ereto no encosto da cadeira. Olhei ao redor para tentar organizar meus pensamentos, depois fechei os olhos e balancei a cabeça, tentando me desvencilhar da névoa, e agradei quando a garçonete enfim trouxe nossas bebidas. Tomei um gole generoso e acabei tostando a língua, de tão quente que estava, fiz até uma careta, e acho que não foi uma das minhas melhores.

— Eu perguntei se você estava bem quando nos esbarramos no restaurante, mas você não confiou contar a mim sobre a ameaça, e não que eu esteja cobrando nada de você, isso só me fez admirá-la ainda mais.

— Me desculpe — eu disse — É só que você, eu... — mais um gole e as palavras novamente sumiram.

— Nos conhecemos há nove meses e quatorze dias, você é inteligente e odeia se sentir constrangida, como está agora, porque fica sem saber como agir, gosta de ler livros, ir ao cinema, prefere o banco do carona do que o do motorista, odeia injustiça, abomina traições e tem um jeito todo desconcertado quando se trata dos garotos, o que te deixa ainda mais linda. Quanto a essa questão, tenho duas teorias: por ser realmente tímida ou por já ter sofrido por amar alguém, então você se esconde com medo de arriscar.

AJ jorrou as palavras em cima de mim. Meus olhos pareciam saltar de meu rosto e a boca despencar sobre a mesa.

— Uau! — Falei e o encarei sem desviar o olhar e, mais uma vez, sem saber como reagir.

Nos minutos seguintes, fui ouvinte de AJ, que falou de seu término com Amanda e de como se sentia mal por ter deixado as coisas chegarem a esse ponto. Pude ver que ele realmente não estava portando seu total autocontrole, pela maneira como se remexia na cadeira e não encontrava um lugar para fixar as mãos, mas ainda assim, sua voz era firme. E eu permaneci o tempo todo calada.

Será que o que me disse antes era verdade? Sobre o efeito que causo, a ponto de perder o sono e o controle sobre si mesmo? O questionei em meus pensamentos. E como ele sabia tanto sobre mim e eu quase nada sobre ele? Será que Megan contou isso tudo a ele e sabe Deus o

que mais? Me espantei com a possibilidade da minha melhor amiga poder ter evitado algumas surpresas.

Perdida em meus pensamentos, me assustei quando Megan sacudiu meu ombro, me chamando para irmos para casa. Ela me conhecia bem a ponto de interromper a conversa que ainda formulava muitas perguntas em minha cabeça. Concordei com o chamado e olhei para AJ, que me encarava tentando adivinhar se eu ouvi tudo o que ele havia me dito. A essa altura Megan, já me esperava do lado de fora, acredito que para podermos nos despedir sem mais constrangimentos.

Deixei meu mutismo de lado e interrompi a barreira de silêncio que por um momento se instalou entre nós.

— Alejandro, você deve estar confuso, você não pode se interessar por mim, ou pelo menos, não deveria. Sinto muito, preciso ir — informei olhando de relance em seus olhos.

Cabisbaixa, afastei a cadeira a fim de me levantar, queria ser rápida, minha expectativa era poder organizar meus pensamentos sozinha, o que seria impossível já que eu morava num quarto com minha melhor amiga. Ele rapidamente se levantou e me alcançou, uma mão na cadeira e outra no meu braço, impedindo minha passagem. Estava tão perto, que pude sentir o cheiro amadeirado de seu perfume. Sua mão desceu pelo meu braço e agora seus dedos roçavam os meus.

— Como eu disse, não poderia deixar passar dessa noite — senti um arrepio de deleite quando ele se inclinou e sussurrou em meus ouvidos — *Rebecca Donaway, eu estou completamente apaixonado por você.*

Meu corpo todo tremia enquanto eu tentava voltar a respirar novamente. Esbocei um sorriso fraco e senti meu rosto queimar, me despedi com o melhor que consegui dizer, um “até logo”, me virei e fui em direção a saída, torcendo para que meus pés não trombassem nas cadeiras.

No caminho para casa, com Megan ao volante e Prin no banco do carona, me joguei no banco de trás, que era só meu. Poucas palavras, como “*você está legal*” e “*sim, estou*”, foram trocadas durante o trajeto. Ao chegarmos em nosso quarto, coloquei meu pijama e me joguei

na cama, desejei boa noite ao anjo que me perguntou se eu queria desabafar, pedi que conversássemos quando o dia amanhecesse, e como a boa amiga que é, ela respeitou meu pedido.

The background of the top section is a soft-focus photograph of yellow flowers, possibly rapeseed, on thin green stems. The flowers are in various stages of bloom, with some showing distinct petals and centers. The overall tone is warm and yellowish.

onze



REJEITEI O DESPERTAR DO RELÓGIO no meu celular às seis horas o mais rápido que pude para não acordar Megan, já que eu estava acordada muito antes dele soar. Na verdade, só tirei uns cochilos durante a noite toda.

— Esqueceu de reprogramar de novo em pleno domingo, Backy? — Ela resmungou, sonolenta.

— Perdão, ainda é cedo, volte a dormir — sussurrei.

Ela deu um salto, se sentou na cama com as pernas cruzadas, toda descabelada, me olhou, forçando para abrir bem os olhos, e disse:

— Isso é sinal que o dia amanheceu, estou pronta para conversarmos.

Ela estava pronta, mas eu ainda continuava confusa, então comecei tirando uma dúvida sobre a fidelidade da minha amiga:

— Preciso saber de uma coisinha antes, e, por favor, seja sincera — disse a ela com a cara

mais séria que consegui fazer, e antes que ela tivesse tempo de pensar, fiz a pergunta. — Você andou conversando com AJ alguma coisa sobre mim, assim, por acaso contou a ele qualquer detalhe que só minha melhor amiga saiba?

— Não, nunca, claro que não, por que a pergunta? Não estou entendendo.

Ela respondeu minha pergunta, mas mesmo assim semicerrei os olhos, mostrando desconfiança, e ela permaneceu firme.

— Não é preciso fazer um juramento dos nossos segredos para saber que as melhores amigas não devem sair por aí espalhando eles a torto e a direito. O que eu estou perdendo, Backy?

Contei a ela os detalhes dos quais ela, e agora ele, sabiam. Ela, por morar comigo havia meses, mas e ele, como saberia? Foi o que questionei, e ela me respondeu de forma prestativa e calma:

— Backy, AJ é um cara especial, e todo mundo percebe isso, ele é muito observador e prestativo, nós sabemos o quanto ele é diferente dos outros garotos. Não só por ser gentil e educado, mas ele se preocupa com as pessoas e as trata como seres realmente humanos. Você se lembra quem foi o único a dar apoio total ao Samy quando ele ficou doente e sem amigos no início do ano, e ainda ficou ao lado dele durante todo o tratamento e recuperação da doença que teve no sangue?

— Não muito, não o conhecia bem para observar essas atitudes dele.

— Mas virou comentário geral, e todos ouvimos por alto — ela me encarava tentando me convencer — Tá, essa é a melhor! E quanto ao término afetuoso com Amanda? Que homem aceita um par de chifres com tanta compreensão e consegue ficar ainda mais encantador? E muitas outras coisas que eu poderia listar, mas que se fazem desnecessárias, já que você também as presenciou nestes meses em que convivemos todos juntos.

— *Okay*, mas a menos que ele seja formado e pós-graduado em psicologia aos vinte e um anos. E o papo da desilusão amorosa? Como a senhorita me explica isso? — Eu realmente

estava tendo um ataque de nervos.

— Como eu disse, Backy, observador.

— Mas... — ela me interrompeu:

— Ele deve ter te analisado há meses, e venhamos e convenhamos que nossa rotina não é das mais agitadas, muito fácil de acompanhar e descobrir nossos segredos, que em nada são surpreendentes.

Ela tinha razão, nossa vida era a faculdade, e raramente saíamos para alguma festa como a de ontem, no máximo íamos ao shopping para nos distrairmos. Apoiei minha cabeça nas mãos, tentando pensar no que fazia nos momentos livres dessa minha nada agitada vida.

Contei a ela o último detalhe da conversa, a parte do sussurro em meus ouvidos, que me arrepio só de pensar. Ainda estava processando as palavras e tentando descobrir a verdade nelas. Sei que ele não aparentava ser um cara que gostava de brincar com sentimentos, e o que Megan me fez lembrar só afirmou essa certeza.

— Pare de pensar muito, Backy, você não precisa saber todas as respostas, homens lindos e sensíveis como AJ são raros. E se serve de conselho, se não quer dar uma chance a você, dê pelo menos uma ao seu coração, e vamos ver como ele se sente batendo descompassado novamente.

A verdade é que eu só tive um namorado nos meus quase vinte anos e que era meu amigo de infância e terminamos por escolher seguir interesses de vida diferentes. Embora ainda fôssemos amigos e trocássemos mensagens durante algum tempo, o laço foi cortado quando ele resolveu precocemente formar uma família na qual eu não me encaixaria nunca. Acho que meu maior medo era partir meu coração novamente e depois não conseguir mais juntar os pedaços.

— Tive uma ideia! — Gritou Megan — Podíamos pegar um cineminha mais tarde, estreou o último filme daquele livro que você adora, nada melhor que um passatempo para esquecer por um momento essa loucura. E aí, o que me diz? Arco e flecha, menina tordo, atores

bonitões...

— Ótima ideia! — Concordei com um sorriso largo nos lábios — Agora é sua vez de me contar sobre os avanços de ontem com Enzo, e não tente me enrolar, você estava ansiosa a noite toda, e eu só espero não ter atrapalhado.

— Na verdade, Backy, foi exatamente ao contrário, você me ajudou e muito. — E lá vinha ela, aos pulinhos e gritinhos, para cima da minha cama.



Mais tarde, fomos ao shopping com o carro que gentilmente Adam nos emprestou. Ao chegarmos, compramos nossos ingressos e o ticket para mais tarde retirarmos o combo de pipocas. Faltava uma hora para a sessão começar, então resolvemos dar uma volta para o tempo passar mais rápido. Entramos em algumas lojas e demos uma conferida no que estava em alta na moda, degustamos uma paleta mexicana e voltamos para o cinema, que a essa altura, já devia ter liberado a sala para nos acomodarmos.

A fila para a entrada estava enorme, não esperava menos, todos queriam ver o fim épico desta adaptação cinematográfica, o “*Grand Finale*”. Pegamos nossas pipocas e encaramos a fila, Megan de frente para mim já devorava algumas e ria de qualquer coisa bizarra que visse.

De repente, ela ficou séria e disfarçadamente se virou do meu lado e me disse bem baixinho:

— Eles estão aqui. — Olhei para encarar sua expressão incrédula. Já imaginava quem eram “eles”.

— Você está brincando!?

— Antes de qualquer acusação, sou inocente. — Ela sussurrou.

Tarde demais para eu tentar falar qualquer coisa, eles estavam bem ao nosso lado agora, e meu coração palpitava. Não esperava ver AJ antes da segunda-feira, tentei não pensar na noite anterior.

— *Sweet Girls!* — Saudou Enzo com sua voz rouca. Me cumprimentou como de costume, mas com Megan pareceu mais amoroso.

— Olá, meninas! — Cumprimentou AJ, e pude perceber que ele estava tão desconcertado e surpreso quanto eu — Backy? — Me chamou pelo nome para que eu não escapasse do seu olhar. Concedi um sorriso sem graça.

— Coincidência vocês por aqui, e já que vamos assistir ao mesmo filme, podemos nos sentar todos juntos — sugeriu Enzo.

“*Inacreditável*”, pensei, mas devo isso a Megan, precisava dar uma força para minha amiga, que tinha conseguido arrancar de Enzo um “selinho demorado”, foi como ela descreveu, na festa. Só me restou segui-los e os deixei ir bem à frente para poder respirar fundo. Corri rapidamente ao banheiro, que ficava no hall entre as salas de exibição, me encarei no espelho, molhei o rosto e a nuca e pensei no que Megan me disse mais cedo: “*Se não quer dar uma chance a você, dê pelo menos uma ao seu coração*”. Notei a respiração voltando ao normal. “*Você consegue!*”, me encorajei e saí apressada, não queria perder mais tempo.

Me deparei com AJ encostado no corredor escuro próximo à escada da sala, segurando nossos óculos 3D, à minha espera.

— Vamos — falei, me dirigindo à rampa que dava acesso a escada, e antes que eu continuasse, ele me interrompeu, bloqueando minha passagem. Segurou meu rosto com as duas mãos, a fim de me encarar e não permitir que eu me desviasse daqueles olhos penetrantes. Meu coração estava batendo num ritmo frenético.

— Por favor, não fuja de mim — disse usando seu tom mais sedutor.

— Não vou — afirmei, sustentando seu olhar — Sabe, tem uma coisa que você não sabe sobre mim, também sou cinéfila — sorri — Amo até mesmo os trailers de início — dito isso, o

arrastei em direção aos nossos assentos, soltando suas mãos para que ninguém visse.

Revelei mais um segredo que imaginei que ele não sabia a meu respeito, ele sabia que eu gostava de cinema, mas não a ponto de ser fanática pelos filmes de todos os tipos de gêneros. Ele me seguiu sem hesitar e sem dizer mais nada, só com um sorriso torto nos lábios. Acho que o surpreendi desta vez, não sei como e nem o porquê, mas me sentia bem melhor.

Nos acomodamos nos assentos vazios ao lado de Enzo e Megan, formando dois casais, e fiquei feliz por ela estar ao meu lado.

— Tudo bem? — Megan perguntou num sussurro.

— Tudo sob controle — respondi e coloquei meus óculos para evitar qualquer tipo de olhar ou quaisquer novas perguntas.

O filme seguiu cheio de suspense e revelações que eu já esperava. Estávamos todos atentos e em total silêncio para não perdermos nenhum detalhe sequer, e assim permanecemos até o fim.

Enquanto os créditos subiam e todos se dirigiam à saída, continuamos sentados esperando que a aglomeração diminuísse, e Enzo quebrou o silêncio.

— Estou um pouco desapontado — comentou — O que aconteceu com o galã bonitão, pra onde ele foi?

— Ele está bem aqui, na sua frente — brincou AJ.

— Ahammm! — Falou Enzo enquanto formávamos um coro de risos.

Nos levantamos e descemos as escadas. Ao sairmos da sala, caminhamos até o guichê do estacionamento. AJ e Enzo, bem atrás de nós, estavam aos cochichos. Achei que só as meninas fizessem isso, mas antes que eu percebesse, eles se aproximaram, e Enzo agora trocava risadas com Megan, que ficava ainda mais sorridente quando estava perto dele.

— Dizem que os opostos se atraem — falou AJ — Será que isso vale em questões de amizade?

— Não sei — dei de ombros. Será que agora ele analisava minha amizade com Megan? Ou a pergunta tinha duplo sentido? Ele, o carinha lindo e rico, e eu, a pobretona caipira? Mas hoje era meu dia. — Você e Enzo são opostos, ele todo descolado, e você mais pé no chão, acho que essa amizade deu certo, não?

— Não era sobre nós que eu estava falando, e eu também tenho meus momentos descolados — fez um gesto engraçado acompanhado de um sorriso malicioso.

— Eu sei, eu sei. — Sorri também.

— Precisamos de um momento a sós, sem a tensão de ontem. — Falou AJ, a voz séria e o olhar cético enquanto aguardava minha resposta.

— Precisamos. — Concordei apertando os lábios timidamente.

— Te pego para um passeio amanhã antes do pôr do sol — informou.

— Combinado! — Respondi.

Nesse momento, ele me envolveu num abraço forte, me deu um beijo no alto da cabeça e recitou uma de minhas frases favoritas: *“Me abrace, que no abraço, mais do que em palavras, as pessoas se gostam”*. Devolvi o abraço mais delicadamente, nos afastamos e fitei seu olhar por um minuto, sem dizer nada. Estava me achando a esperta por revelar algo novo sobre mim, e ele tinha mais esta carta na manga.

Me despedi e entrei no carro, que já estava ligado, à minha espera. Ele era mesmo surpreendente e sabia mais coisas sobre mim do que eu imaginava.



Já passava da hora do almoço, e decidi escolher o que usar para o passeio. Megan, toda empolgada, me ajudava a escolher o vestido perfeito, nada muito curto e nem muito comportado. Provei várias peças e já estava cansada, já ela, que por sinal estava mais ansiosa do que eu, continuava a procura a todo vapor.

Ela ajeitou meu cabelo na lateral direita e modelou cachos que caíam em cascata sobre meu ombro esquerdo, maquiagem leve, com olhos marcantes e um gloss rosinha claro bem discreto. “*Só falta uma coisa*”, ela disse e insistiu para que eu usasse sua pulseira da sorte, com um delicado trevo dourado de folhas vazadas.

— Ganhei do meu pai, ele disse que era pra me dar sorte.

— Megan, não posso usá-la, tem um valor especial, e eu...

— Por favor! — Ela insistiu— Vocês são especiais para mim, permita que ela lhe traga um pouco de sorte também. — Ela me ajudou com o fecho da pulseira, e eu aceitei, já que seria inútil recusá-la.

Já se passava das treze horas, e Megan agora estava de prontidão próximo ao portão do casarão, no intuito de me avisar quando AJ chegasse, para que não alarmasse os demais moradores, meus colegas de faculdade. Eles já haviam presenciado demais a exposição da minha vida para um final de semana.

Ouçó pés apressados baterem no assoalho e logo descubro que é ela, toda agitada, saltitando e entrando no quarto.

— Ele chegou! — Ela cantarolou, toda eufórica, espirrou em mim uma pequena dose de seu perfume doce importado e me empurrou porta afora.

— Aaah, já ia me esquecendo, boa sorte! — Desejou, me enlaçando num abraço rápido e apertado. Podia jurar ter visto seus olhos nadarem em lágrimas.

— Tenho isto — falei, indicando a pulseira, e fui ao encontro de quem me esperava.

Saí pela porta da frente e logo o avistei encostado em um de seus belos carros, uma Range Rover Sport branca, que me parecia ser novíssima. Mérito de se trabalhar com o pai, que não deve saber nem quanto tem aplicado em ações e depende da gestão de terceiros para cuidar de seu patrimônio.

AJ estava vestido casualmente com um jeans e camisa polo, com finas listras azuis e amarelas, que marcava os braços musculosos por debaixo da manga, usava óculos de sol preto que mascarava seus belos olhos, mas acentuava o sorriso que emoldurou seu rosto quando me viu. Eu assoviaría para elogiá-lo, se soubesse.

— Você está incrível! — Elogiou assim que retirou os óculos para me avaliar melhor, o que me fez corar.

Ainda portando o sorriso, me deu um beijo suave na bochecha, abriu a porta do carona para que eu entrasse e eu fugi para dentro do carro antes que ele me derretesse com aquele olhar. Olhei para o retrovisor e ali confirmei que eu realmente estava com as bochechas vermelhas, parecia ter exagerado e muito no blush.

Ele contornou o carro e o adentrou, para enfim seguirmos nosso destino, que eu não fazia ideia de qual seria.

Realmente o fim de semana havia me reservado muitas surpresas, e lá estava mais uma delas. Cerca de uns trinta minutos depois, estávamos em uma cidade vizinha, em frente a um parque de diversões. Entramos no estacionamento, e minha cabeça agora se perdia em questões e exclamações como “*adoraria estar vestindo um jeans nesse instante!*” ou “*e agora, o que eu faço com esse cabelo?*”. Vestido e parque de diversões certamente não eram uma combinação nada legal.

Droga! Droga! Droga! Soltei os grampos que prendiam meus cachos na lateral e os deixei cair, amarrei um rabo de cavalo no alto da cabeça, me sentindo satisfeita por ter guardado um elástico no bolso do vestido. Pelo menos assim, ele ficaria um pouco mais informal.

De canto de olho, pude ver AJ me observando enquanto, após abrir a porta do carro para mim, esperava que eu descesse. Ele parecia estar se divertindo com meu desespero.

— Gosta de diversão? — Perguntou com um sorriso maroto.

— Não quando estou ridiculamente vestida para a ocasião — as palavras saltaram de minha boca antes que eu pudesse pensar numa resposta menos agressiva.

— Você está ótima — falou. E eu pude ver uma ruguinha de preocupação acima de suas sobrancelhas grossas. Me senti mal por provocar aquilo, encenei um sorriso e me esforcei ao máximo em parecer menos chateada.

— Que tal um pouco de adrenalina? — Sugeriu, semicerrando os olhos em tom desafiador enquanto envolvia involuntariamente um de seus braços, sentindo a fortaleza de seus músculos firmes e rígidos.

— Todas possíveis. — Concordou com o olhar dócil, parecendo não se importar com meu contato tão próximo.

Na minha cidade, raramente ia a parque de diversões, justamente por ela não ter um fixo como este, só alguns ambulantes que raramente se instalavam em Burness, com poucos brinquedos e nenhuma adrenalina. Lá, o mais empolgante era uma roda-gigante velha com cabines em forma de laranja descascada.

Mas aquele era um parque de verdade, e senti as borboletas dançarem no meu estômago enquanto observávamos a enorme torre em forma de elevador com cadeiras que despencavam de pelo menos uns setenta metros de altura e a uns bons quilômetros por hora, como se as pessoas sentadas ali fossem manequins com uma única expressão: a de pavor.

Por causa das minhas vestimentas, não podíamos abusar dos brinquedos, íamos vez ou outra em alguns menos incríveis. AJ me analisava a cada passo ou olhar de espanto meu para o perigo eminente ali.

Precisava surpreendê-lo, ou teria que encarar aquele olhar mais cedo ou mais tarde, e

embora a tarde estivesse agradável, ainda não tínhamos sentido a adrenalina percorrer nossos nervos de nenhuma forma sequer. Logo ia anoitecer e eu perderia a coragem juntamente com a luz do dia se esvaindo.

— Montanha-russa? — Sugeriu.

— Tem certeza? — Perguntou, incrédulo.

— Absoluta! — Assenti, entusiasmada.

Entramos na fila, que tinha pelo menos uns quinhentos metros de comprimento, o que significava que ficaríamos ali por pelo menos uns vinte minutos. Um casal trocava muitos afetos bem na nossa frente, e assistir aquela cena com AJ me deixava com vergonha alheia na medida em que as carícias se intensificavam. Eles não se importavam nem um pouco com os olhares que as pessoas lançavam sem sequer disfarçarem. O melhor que eu podia fazer era tentar dar as costas ao meu acompanhante e baixar a cabeça para olhar sei lá para onde. Meus pés!

AJ tocou em meus ombros, e embora só eu pudesse ouvir, meu coração reagiu tão forte ao toque, que soava mais alto que qualquer bateria de escola de samba.

— Você está com medo? — Ele perguntou seriamente.

— Não! — Menti.

Suas mãos ainda permaneciam ali, e eu, imóvel. Claro que estava com medo, não sei se pela ambiguidade da situação, só tentava não demonstrar meu total desespero. Não sabia como esse dia iria terminar.

— Se quiser, pode segurar minha mão, pra se sentir mais segura.

— Nossa vez! — Cantarolei, como que para espantar a oferta e a mão macia pousada ali.

Sentamos lado a lado na cadeira, e senti sua perna roçar na minha despida, abaixo dos

joelhos. O jeans agredia a minha pele, e eu afastei a perna um pouquinho. Coloquei o que sobrava do vestido embaixo das coxas, para que ele se ajustasse ao meu corpo e não me causasse vexame mais tarde.

A funcionária do parque ajustou os cintos, abaixou as travas de segurança e nos instruiu a abaixar a cabeça caso sentíssemos náuseas. Estávamos prontos pra partir.

AJ me olhou bem nos olhos, exibiu um largo sorriso e segurou a minha mão esquerda, que estava próxima da sua direita. Não bastasse o frio na barriga, agora faltava ar em meus pulmões.

O maquinista nos desejou boa sorte, e agora os carrinhos subiam a primeira montanha dos trilhos. Senti minha boca ficar seca e já não conseguia mais respirar. Avistei que logo haveria a primeira queda e, de repente... gritos e mais gritos.

Certamente aquilo liberava muita adrenalina. Demorou menos de um minuto para que os carros fizessem todo o percurso da estrutura de aço, composta por elevações seguidas de quedas e por vezes inversões de 360°. Um simples passeio numa montanha-russa traz uma incrível variedade de emoções: euforia, medo, alívio, prazer.

Quando o percurso, embora rápido, mas longo ao mesmo tempo, terminou, notei que eu apertava a mão de AJ com tanta força, que ela parecia frágil e sem cor.

— Me desculpe! — Falei rápido, sentindo a bile subir e descer pela minha garganta, o que me fez pôr a mão na boca, a fim de impedir que algo saísse dali.

Tomei um gole generoso da água que ele comprou para nós, e embora tenha conseguido impedir o vômito, minha boca estava amarga, e a tensão ainda estava presente em meus nervos. Respirei fundo, uma, duas vezes, e ele permaneceu ali calado, sorrindo.

— Jura que você está se divertindo com isso? — Murmurei inspirando e expirando.

— Nem um pouco, você está pálida! — Ele disse, mas não conteve a discreta gargalhada.

— Arghhh! — Resmunguei, revirando os olhos.

— Deixa eu te ajudar, relaxe os braços e feche os olhos — ele segurou minha cabeça, e eu levantei o rosto para fitar o seu.

— Hum? — Perguntei, desconfiada. O que ele estava pensando em fazer?

— Confie em mim! Olhe para frente e feche os olhos. — Fechei — Agora, coloque a língua no céu da boca e de novo inspire e expire por três vezes. — Obedeci.

Após o ritual, meu enjoo havia passado, e eu permaneci de olhos fechados.

— Fizemos um grande progresso. — Ele falou. Abri os olhos e concordei.

— Realmente, isso foi ótimo!

Minhas pernas ainda continuavam bambas. Me sentei num banco de concreto ao lado do carrinho de cachorro-quente. Precisava me recompor.

Ele se sentou ao meu lado, puxou meus ombros e me deu um meio abraço, apoiando minha cabeça na curva de seu pescoço. Com a outra mão, tirou a franja que caía sobre meu rosto, acariciando minha bochecha, desenhando a linha do meu maxilar com os dedos até pousar a mão quente em meu queixo. Além de pálida, estava com a pele gelada. Eu estremeci e tentei resistir, mas ele me segurou ainda mais forte, me impedindo de fugir. E me permiti permanecer ali.

Por mais inerte que eu tenha ficado, me sentia bem melhor, podia sentir seu peito inflar e depois voltar ao normal, a respiração regular, mas o coração um pouco acelerado, nada comparado com o meu, que aos poucos voltou a bater dentro do meu peito. Se a ideia não tivesse sido minha, com certeza o culparia por me fazer sentir tão à vontade de novo nos braços de alguém.

A essa altura, o sol já se punha, e algumas estrelas apontavam no céu. Nos levantamos depois de alguns bons minutos e optamos em dar uma última volta no parque antes de

voltarmos para casa. A roda-gigante ainda funcionava a todo vapor, ela era linda, e parei um segundo para admirar sua beleza. Suas cabines eram vermelhas e tinham portinhas, acomodavam quatro pessoas, e ela era alta, tão alta, que com certeza daria vista ao belo mar que ficava atrás do parque.

AJ me convidou para curtir a atração, e eu aceitei de imediato, os olhos cintilantes como os de uma criança prestes a ganhar um presente.

Entramos na cabine, que parecia com as de um teleférico, se não fosse pela tinta vermelha cor de maçã do amor. Ninguém entrou para completar os assentos, e aos poucos fomos subindo, devagar e parando, para que outras pessoas embarcassem nas cabines abaixo.

Encarei as estrelas fora da janela e avistei a lua cheia, que estava escondida atrás de uma montanha que nos impediria de vê-la se não fosse pela altura em que estávamos. AJ me cutucou e mostrou o rio que ficava na mesma direção, um pouco mais à esquerda, e que exibia suas águas cintilantes pela luz do luar. O vento soprava fraco, mas o suficiente para meus pelos dos braços eriçarem e eu esfregá-los para aquecê-los.

— Lindo! — Exclamei — É mágico para os olhos estar diante de tanta beleza.

— Concordo.

Quando o encarei, desconfiei que não falávamos da mesma coisa.

E então... Um tranco, e outro, e ops... mais um, que me jogou para cima de AJ. Estávamos parados bem no topo; ao olhar para baixo, as pessoas tinham o tamanho de formigas.

Senti meu rosto arder e o corpo todo de repente esquentar de uma só vez. Me afastei e, enquanto tentava me ajeitar, ele me puxou para perto novamente, seus braços me envolveram e seu rosto estava a centímetros do meu. Ponderava se queria ou não que ele ultrapassasse a linha invisível entre nós. De novo, eu estava tocando nele quando pousei a mão espalmada em seu peito na defensiva. Eu estava ofegante, e qualquer esforço meu naquele momento parecia ser inútil.

Ele segurou meu rosto em suas mãos, e eu agora me perdia nos olhos verdes, que brilhavam à luz das estrelas, sem emitir qualquer som, sem querer fugir dali. Engoli o bolo que formava em minha garganta.

— Não consigo mais ficar um minuto perto de você, sem poder beijá-la. — Sussurrou, e o inevitável aconteceu.

Ele se aproximou cautelosamente, inclinou a cabeça e apertou seus lábios finos e bem desenhados contra os meus. Eles eram firmes e suaves, donos de um beijo quente e macio. Ao se afastar, seus olhos penetrantes me encaravam mais profundamente, fazendo com que meu coração batesse ainda mais forte.

Esbocei um sorriso que valia mais do que mil palavras em concordância com nossa intimidade e, por mais que eu lutasse com toda a força do meu ser, não resisti ao impulso de deixar ele me conduzir para um próximo beijo.

Nível de adrenalina do encontro: nas alturas.

A soft-focus photograph of yellow flowers, possibly rapeseed, on thin green branches. The flowers are in the foreground and background, creating a dreamy, ethereal atmosphere. The background is a pale, hazy yellow.

DOZE



“Ninguém, além de você, está no controle de sua felicidade. Portanto, ajuste as velas e corrija o rumo”

Marcio Kühne

JURO, NÃO ME IMPORTARIA SE ele me ligasse no meio da madrugada dizendo que não consegue dormir por estar pensando em mim, em nós e no passeio maravilhoso da tarde.

Por ser inexperiente com relação a encontros, eu estava muito nervosa, e por se tratar do recente solteiro mais cobiçado da universidade, a tensão era dobrada. Sem falar nos últimos acontecimentos da minha vida. Minha cabeça tinha muita coisa pra processar, então perdi o sono, de novo.

Me permitir sentir algo tão bom me fazia parecer uma boba sonhando acordada, tentando acreditar se tudo o que havia acontecido era verdade, até porque por quais razões ele se sentiria atraído por uma pessoa como eu? Sei que não sou desprovida totalmente de beleza, mas nem me comparo com Íris ou até mesmo Amanda — só de pensar nela, nem imagino o que ela faria se soubesse sobre ontem.

Mas foi bom, na verdade, mais que bom, e mesmo que não se repetisse, aquele momento

era só meu, e eu iria guardá-lo na minha caixa de memórias inesquecíveis, intocável por qualquer sentimento contrário à plena felicidade.

Não cheguei tarde em casa, pouco depois das onze, mas Megan já estava deitada. Por mais que eu quisesse contar tudo a ela, não despertaria o sono profundo de um anjo de cabelos dourados. A cobri, e isso a fez se remexer na cama, balbuciando o nome de Enzo. Uma apaixonada sonhadora.

Fiquei rolando na cama, recordando o beijo delicado, o cheiro amadeirado do perfume, a voz firme e doce. AJ me trouxe para casa e em momento algum me fez duvidar do quanto ele era garboso e galante.

No carro, conversamos pouco sobre a festa, me desculpei mais uma vez pelo modo como reagi, reafirmando que fui pega de surpresa, e por mais de uma vez, ele me orientou a não se preocupar com Amanda, que ele a procuraria e a colocaria no seu devido lugar. Em outras palavras, daria um basta à obsessão que ela tinha por ele, que acabou de certa forma replicando em mim.

Vivenciamos aquele novo momento, um conhecendo um pouco mais do outro, ou pelo menos eu conhecendo um pouco dele. AJ trabalhava na empresa do pai, *isso eu já sabia*, seria sucessor na frente dos negócios e estava estudando para isso, não se sentia confortável em ter tudo sem ao menos um esforço pessoal. Pelo menos, em questão de merecer algo, tínhamos a mesma opinião, e isso me fez admirá-lo ainda mais.

Trocamos nossos números de telefone, abri a porta do carro, e ele rapidamente a alcançou, segurou meus ombros e de novo me encarou com os olhos irreverentemente sedutores. Disse ter adorado nossa tarde juntos, beijou minha bochecha de um lado, depois do outro e por fim, selou meus lábios.

— Eu também adorei — confessei em meio a um largo sorriso, daqueles que você não consegue controlar, e por mais que eu não quisesse que o dia terminasse, as provas finais iniciariam com o amanhecer do sol, então me recolhi.



— Backy, acorda! Backy, BACKY, BACKY...

Megan me acordou aos gritos. A menos que o mundo estivesse acabando, não era legal gritar na orelha de alguém como uma louca desvairada. Devo ter dormido só umas duas horas, mas valeu a pena, estava tendo um sonho bom.

— O que foi, Megan? Ainda é cedo, tenho uns vinte minutos.

— Não quando tem alguém te esperando lá embaixo no portão — ela disse, e quando mirei seus olhos, eles estavam radiantes.

Tomei uma chuveirada rápida para lavar o cabelo todo embaraçado pelo laquê, escovei os dentes e me troquei o mais rápido que pude. Com o peso do cabelo molhado nas costas, descii, já com tudo o que precisava para a aula, e lá estava AJ.

— Bom dia, Rebecca — ela me saudou.

— Bom dia — respondi com sorriso no rosto.

Alejandro me olhava com o olhar sério, e isso me assustou a princípio. Nem um sorriso, será que se arrependeu sobre o dia anterior?

— Eu vim te pedir desculpas — ele disse.

— Desculpas? — Repeti, confusa.

— Tenho este envelope para você, esqueci de te dar ontem.

— Poderia ter esperado a aula — falei, séria.

— Não queria causar mais tumultos — *ótimo*, pensei, *agora não quer conversar comigo em público*.

Peguei o envelope da sua mão e agradei, baixando o olhar. Ele ergueu meu queixo com uma das mãos, para que o encarasse.

— Ainda vai me surpreender muito, não é mesmo?

— O quê?

— Não vai abrir? Não está curiosa com o conteúdo?

— Na verdade não, estou curiosa sobre você.

— Sobre mim? E por qual motivo?

— Esse olhar...

— Por favor, Rebecca, abra esse envelope, estou tentando ser profissional, mas não estou mais conseguindo me conter.

— Se conter a quê? — Questionei, rompendo o selo.

— Dane-se! — O ouvi dizer, e antes que pudesse pensar no que aquilo significava, já estava envolta em seus braços e seus beijos matutinos.

— Momento superdescolado esse. — Brinquei e vi que agora o sorriso que mostrava as covinhas estava de volta.

— Você não quer ter privilégios, juro que tentei me controlar.

Abri o envelope timbrado da Backer Incorporation, e ali estavam as congratulações por eu ter sido selecionada para a próxima fase do processo seletivo que contrataria novos estagiários para a empresa.

— Ah, meu Deus, isso é magnífico!

— E você não vai pular no meu pescoço, dar gritinhos, beijinhos?

— Você se contentaria só com os beijinhos, esses outros requisitos não fazem parte... — não terminei a frase, e ele de novo me agarrou para mais porções de beijos.

— Esse é suficiente para mim.

— Que bom! — Eu ri — Só espero nunca mais precisar ver essa sua cara séria, ela dá arrepios. Na verdade, achei que não quisesse ser visto comigo em público.

— Nada disso, só não enviamos cartas para os selecionados pessoalmente, isso causaria tumulto.

— E quanto aos privilégios? Humm?

— Relaxa! É só uma cópia que já foi enviada para o seu e-mail, que, pelo visto, não foi acessado nos últimos dias, e uma desculpa para te ver e... te dar uma carona.

— Tem certeza disso? Digo, a carona?

— De qualquer modo, seremos o assunto hoje, e por que não enfrentarmos isso juntos?

— É, e por que não?



Chegamos na universidade minutos atrasados, não sei se por sorte, mas todos já estavam acomodados em sala de aula.

— Te vejo no terceiro tempo.

— Que ele não demore a chegar — AJ falou com sorriso maroto e me deu um beijo no rosto, em seguida subiu as escadas, e eu permaneci no térreo, onde teria minha primeira aula.

Pedi licença ao professor e entrei na sala, onde meu lugar já havia sido reservado, entre Megan e Prin.

— Conte-me tudo e não me esconda nada. — Ordenou Megan aos sussurros.

— Passei para a próxima fase do processo seletivo da Backer — falei, suspendendo o comunicado no ar.

— Parabéns! — Falou Prin, alto demais.

Os olhares se voltaram todos em nossa direção.

— Obrigada! — Agradei, a voz vários tons mais baixa do que o normal.

— Você sabe muito bem que não é isso que quero saber, não sabe? — Insinuou uma Megan com o olhar malicioso a me encarar. — Poxa, nem pra me acordar e me contar os detalhes em primeira mão?

— Não quando você está sonhando com Enzo.

— Como sabe que sonhei com ele?

— Balbuciou o nome dele a noite toda enquanto dormia.

— Tem alguém apaixonada aqui! — Exclamou Prin, de novo alto demais.

Novamente os olhares se voltaram em nossa direção, agora com alguns risos baixos. Com certeza as exclamações de Prin foram interpretadas fora de contexto. Nem imagino o que se passa por essas mentes maldosas.

O alarme para a terceira aula soou, e eu veria Amanda pela primeira vez desde a festa que mudou minha vida. Me sentei no mesmo lugar de sempre no fundo da sala, com Enzo ao meu

lado.

— Hoje, por hora, serei sua sombra. — Informou ele.

— E por que eu precisaria de uma?

— Vai por mim, você vai precisar.

E ele tinha razão, a loira veio direto até mim. Eu já estava em estado de alerta, e minha sombra até que era forte e grande, e isso me fez sentir um pouco mais segura.

— Olá, Rebecca.

— Olá, Amanda — respondi no mesmo tom sarcástico.

— Só um aviso! Você pode até tentar, mas não pode roubar o que é meu. — Vociferou.

Isso fez com que todos me olhassem, esperando que eu agisse como uma tola, talvez chorasse ou saísse correndo. Odiava ser o centro das atenções, mas isso já era algo que estava se tornando comum, então precisava de novas alternativas. Encará-la era uma dessas. Com meu protetor já em pé, assim também me pus, para ficarmos no mesmo nível da moça, ou quase, no meu caso.

— Não posso roubar alguém que não pertence a você, Amanda, alguém que você perdeu sem nenhum esforço. Uma pessoa não é um objeto para você se apoderar dela, entende? Pelo menos, não quando ela não quer mais.

— Não, o que eu entendo é que você está tentando me furar os olhos desde que chegou aqui, garota. E quem te disse que ele não me quer mais?

“Ele mesmo, quando disse estar apaixonado por mim, ou quando me beijou no parque e novamente hoje de manhã.”

Seria o suficiente para acabar com a raça dela se eu jogasse tudo no ventilador. Mas não, vou fazer tudo ao jeitinho Rebecca.

— Eu não preciso furar seus olhos, até porque você fez isso sozinha, lembra?

— Você é uma va... uma... — nesse momento ela cerrou os punhos, e Enzo deu um passo à frente, para lembrá-la de que ele ainda estava ali.

— Não ouse me ofender e muito menos me ameaçar novamente, ou não respondo por mim — alertei. Com a voz levemente alterada, parecia ter crescido uns centímetros. Ela me encarava surpresa com minha audácia em enfrentá-la. Aproveitei sua falta de resistência e gritei a plenos pulmões — CAI FORA!

E ela se foi, e quando digo se foi, é porque ela realmente saiu da sala. Eu estava com os nervos aflorados e ao mesmo tempo estonteante, enfrentei a fera e enfrentei um de meus maiores medos. As palmas cessaram quando o professor entrou em sala e pediu que todos retomassem seus lugares.

Esperava que o conselho que dei a ela servisse para ela sumir de vez da minha vida e da de AJ. Pena que nem tudo na vida é como a gente quer.

— Onde ele está? — Perguntei a Enzo enquanto nos acomodávamos de volta a nossos lugares.

— Teve que ir, emergências no trabalho. Por que acha que fiquei encarregado de ser sua sombra? A propósito, você tinha razão, não precisava mesmo de uma, você é uma garota forte, mesmo parecendo ser tão frágil. Mandou bem.

Mais tarde, já em casa, meu celular bipou uma mensagem de AJ.

“Desculpe te deixar sozinha, realmente tive que resolver algumas emergências, prometo recompensá-la.”

Mandei minha resposta:

“Compreendo! Não se preocupe, sobrevivi.”

Ele respondeu minutos depois:

“Isso é muito bom, ou eu teria morrido também. De qualquer forma, falhei, a recompensarei e farei valer a pena.”

Respondi:

“Esperando ansiosa.”

A background image of yellow flowers on a branch, with a soft, hazy light effect.

TReZe



A TERÇA-FEIRA AMANHECEU NUBLADA, o céu cinza-escuro e o sol invisível a meus olhos. Uma brisa fresca entrava pela janela, as nuvens pareciam carregadas, indicando que mais tarde se despencariam em lágrimas, assim como, acabo de perceber, está minha melhor amiga, escondida debaixo do edredom.

— Megan, o que houve?

— Não estou bem, hoje não vou sair de casa.

— E por qual motivo você vai perder sua avaliação? Alguma coisa errada com Enzo?

— Não tem nada a ver com o Enzo, Backy. Só não estou legal, e hoje só tenho revisão das matérias.

Quando me aproximo à procura do cabelo cacheado no meio de todo aquele emaranhado de tecido, percebo que ela está abraçada ao retrato de um homem, um homem mais velho, de feições semelhantes às de Megan.

— É seu pai? — Ela só balançou a cabeça afirmando. — E você está com saudades, por isso está assim?

— Hoje faz um ano que ele se foi — dessa vez, ela se desenterrou e virou a cabeça na minha direção. — Tenho tantas saudades, Backy! Queria tanto poder abraçá-lo mais uma vez e dizer o quanto ele me faz falta.

Nunca tinha visto Megan daquele jeito, e me partia o coração não encontrar as palavras certas para consolá-la. Sentei na cama e dei uns tapinhas no meu colo para que ela depositasse sua cabeça ali, e assim ela fez, molhando toda minha calça do pijama com suas lágrimas. Afaguei sua cabeleira até que ela se acalmasse e encontrasse voz em meio aos soluços.

— Eu estava lá quando ele se foi, passei todos os minutos possíveis na terapia intensiva ao seu lado. Tudo aconteceu tão rápido, uma semana antes, ele estava consciente e me dizia o tempo todo que me amava, e de repente ele era só um corpo num leito de hospital. — Eu continuava a afagar seus cabelos em silêncio, a deixando desabafar. — Não queria ter entrado na faculdade ano passado, ele teve o primeiro enfarte semanas antes das aulas começarem, e seria impossível me concentrar, mas minha mãe me obrigou, alegando que de nada adiantaria eu adiar, pois ele ficaria bem. Eu pensava o tempo todo em que estava aqui em como eles estavam cuidando dele. Os médicos disseram que ele era valente, mas que não deveria passar por fortes emoções, e minha mãe é meio desligada, a verdade é que eu queria estar lá do lado dele. Todos os dias quando eu ligava, ela sempre me dizia a mesma coisa, que ele estava ótimo, “*novinho em folha*”, até que meados de setembro ele teve um segundo, dias depois um terceiro, e eu passei um mês todo lá, procurando me orientar e me informar sobre quais cuidados minuciosos deveríamos ter. Eu juro que fiz o meu melhor enquanto estive lá. — Novamente ela desabou em lágrimas, e eu apertei seus ombros em forma de um abraço — Com meu pai um pouco melhor, estávamos na varanda tomando café da manhã, e ele insistiu para que eu voltasse e terminasse o ano. Faltava pouco mais de um mês para terminar, e ele disse que eu não deveria perder e nem desistir de um sonho por causa dele. O questioneei, claro! Existem exceções na vida, e aquela certamente era uma delas, mas perdi pelo cansaço em lutar contra a obediência e o amor que sentia por ele. Foi então que me deu a pulseira e disse que ela me traria sorte, ela seria meu amuleto.

— Por isso o trevo — falei.

— Eu nem imaginava que era nosso momento de despedida. Dois dias depois de estar aqui, eu voltava pra casa, ou melhor, para o hospital, onde ele estava inconsciente. Eu nunca mais ouviria sua voz.

Senti um choque no peito e uma pitada de vergonha quando ela mencionou a pulseira, olhei imediatamente para o lugar que ela ainda se encontrava, em meu braço.

— Aqui! — Falei — Ela já fez seu trabalho por mim — tirei-a do meu braço e fixei no dela, que me deu um sorriso afável, mesmo em meio ao rosto vermelho e inchado.

Meses atrás, quando eu é que me acabava em lágrimas, li um artigo na internet que dizia que a dor da separação é compatível com a dor do luto. De certo modo, ambas são uma forma de perda, mas eu jamais seria egoísta de tentar comparar o que um dia despedaçou meu coração com o que ainda faz partir o dela.

Sem fôlego, cheguei na WE para minha única prova. Mesmo perdendo as revisões do dia, voei para poder chegar a tempo e me deparei com Enzo num dos corredores. Ainda pensava na bela adormecida que deixei no meu quarto, no casarão, e não hesitei em convidá-lo para participar de uma tramoia que vim amadurecendo pelo caminho, mas uma tramoia boa.

— Oi, Enzo — cumprimentei, ainda ofegante — Tudo bem?

— Backy, comigo bem, já com você...?

— Em minutos estarei bem, só estou um pouco fora de forma, mas não é sobre mim que quero falar, preciso da sua ajuda.

— Sou todo ouvidos.

Contei a ele meu plano secreto, sabia que Megan era apaixonada por ele, e ele também gostava dela, não sei se na mesma intensidade, mas minha amiga era intensa em tudo o que sentia, então difícil ser comparada com quem quer que eu conhecesse.

Com Enzo de acordo com meus planos, disparei até minha sala, e antes que eu entrasse, fui puxada tão abruptamente pelo braço, que nem tive tempo de pensar em gritar.

Contra a parede e com o coração disparado pela ambiguidade da situação, fui surpreendida por braços musculosos impedindo que eu me movesse. Fechei os olhos, respirei e lhe dei um cutucão nas costelas que o fez gemer de dor.

— Você quer me matar do coração? — Falei, para logo me recriminar ao recordar o motivo das lágrimas de Megan.

— Defina matar. Há várias formas de morrer, umas boas e outras não tão boas assim.

— Péssimo dia pra piadas desse tipo — reclamei, séria.

— Oh! Me desculpe, está tendo um dia ruim?

— Estava, ou melhor, Megan está, deixa pra lá, depois te explico. Mas então, qual o motivo disso tudo? — Indiquei os braços que me prendiam.

— Nossa noite especial de quinta-feira. — AJ falou com um sorriso que me deixou curiosa.

— Quinta? O que temos na quinta?

— Vou pagar minha promessa por te deixar sozinha ontem, disse que a recompensaria, lembra?

Fiz que sim com a cabeça.

— Preciso de uma roupa formal ou despojada? Não quero parecer ridícula desta vez.

— Você fica linda de qualquer jeito. Iremos pra um lugar simples, sem formalidades.

— E poderia saber onde fica esse lugar, ou é surpresa?

— Surpresa nenhuma, vamos para a minha casa.

— O QUÊ!?! — Fiquei boquiaberta — Pirou de vez, não posso ir na sua casa.

— E por que não?

— Porque sou uma das candidatas para o cargo na empresa do seu pai, e não posso imaginar o que ele pensaria se me visse na sua casa, acharia que eu sou uma oportunista.

— Fique tranquila, ele não vai estar em casa, e além do mais, sua entrevista on-line é amanhã, já terá lançado seu destino na quinta à noite. — Fechei os olhos absorta em meus pensamentos. — Ei, Backy? — Abri os olhos e vi que seu rosto estava a centímetros dos meus. De repente, fiquei sem ar. — Vai ser inesquecível! — Encarei seus olhos, depois sua boca, lutando contra o que queria dizer ou fazer naquele momento. Mordi meu lábio inferior a fim de me conter. — Está liberada. — Sussurrou, me dando uma piscadela ao mesmo tempo que baixava um de seus braços, liberando minha passagem. — Te pego às vinte horas.

— Combinado! — Falei, forçando-me a lembrar que precisava respirar, e saí.



Hoje acordei mais ansiosa que o normal por duas razões: a minha tramoia com Enzo seria hoje, logo após o almoço, e também minha entrevista, onde eu era a única que poderia dar um rumo à minha carreira profissional, ou não.

Megan acordou bem melhor, e o sorriso estava de volta. Passamos a tarde toda do dia anterior vendo filmes e comendo pipocas, e eu ouvia quando ela resolvia falar alguma coisa, até que consegui descobrir o endereço da casa dela, onde já fazia quase um ano que ela não retornava.

Da forma como Megan havia me contado sobre o pai, pude perceber que ela, mesmo sem querer, culpava um pouco sua mãe, e desde então, nunca mais havia voltado para casa. Ela era filha única, e se ela, que perdeu uma pessoa que amava, estava daquele jeito, imagina como estava o coração de uma mulher que perdeu de uma só vez o marido e consequentemente,

mesmo que ainda viva, a filha.

Combinei com Enzo de levá-la até a casa de sua mãe. Eram quatro longas horas de viagem, e eu não poderia acompanhá-los devido ao meu compromisso da tarde. Mesmo que ela me odiasse por um momento, sei que ela entenderia no final de tudo. Me adiantei escrevendo um bilhete a ela, e pedi que Enzo a entregasse quando estivessem a alguns quilômetros de chegarem ao destino.

Megan

Sei que deve estar querendo me esfolar viva nesse momento, mas antes de tudo, não culpe o cara fofo ao volante, ele é meu cúmplice nisso, mas só porque eu sei que você está amando passar algumas horinhas a sós com ele, então, se for culpar alguém, culpe só a mim, está bem?

Quando chegar em casa, e por favor, não pense por um segundo em desistir, caso não encontre as palavras certas a dizer, dê e receba aquilo que nos faz sentir protegidos. Um amigo uma vez me pediu um abraço, e embora eu já conhecesse, ele me lembrou de recitou uma frase na qual descreve bem o que estou tentando te dizer: “no abraço as pessoas são felizes”. Mesmo que venha à tona a dor, no final, nos braços de outra pessoa ela se torna reconfortante. O abraço de uma mãe é muito mais, é um refúgio, e você sabe como é difícil querer abraçar alguém que não está mais ao seu alcance. Por favor, enxugue as lágrimas, não quero te fazer chorar, só quero que aproveite o que a vida ainda lhe permite ter, então perdoe, primeiramente a si mesma e depois a essa sua amiga destrambelhada que tanto lhe quer bem.

Com amor, Backy.

Assim que a maratona de revisões e avaliações terminou, e pelo meu estado, pareceu demorar mais que o normal, me despedi de Megan, que saiu da sala direto para o carro que já estava à sua espera para o destino que ela ainda não fazia ideia de qual seria.

— Boa sorte, Backy, tenho certeza que a vaga é sua.

— Obrigada! — Agradei, e ela me deu um abraço afetuoso. Senti uma pontada de medo em não receber mais daqueles abraços quando ela retornasse da viagem. — Amo você, sabia?

— Ei, até parece uma despedida, não estou me casando, estarei aqui para você mais tarde.

— Eu sei, eu sei disso, é que...

— Tudo bem, se faz você se sentir melhor, também amo você. — Ainda bem que ela me interrompeu, ou eu não conseguiria enganá-la por mais tempo.

No caminho para casa, meu celular bipou uma mensagem de AJ.

“Boa sorte, Donaway!”

Simples, direta e formal, ele realmente sabia separar o profissional da amizade... um pouco colorida talvez.

Já passa da meia-noite e Megan não deu nem sinal de vida. Rolei na cama, ainda sem conseguir pregar o olho.

— Oh! Graças a Deus! Você chegou! — Falei enquanto Megan entrava pela porta com uma expressão séria. — Está tudo bem?

— Tudo bem — ela respondeu sem me encarar e se preparou para dormir.

— Megan? Por favor, olha para mim. — Ela sentou aos pés da cama, me encarando séria, e isso me assustou um pouco, meus olhos estavam prestes a saltarem das órbitas

— O que eu faço com você? — Me perguntou sem desviar o olhar. Continuei a encará-la. — Por mais que eu queira, não consigo. — Ela disse.

— Não consegue o quê?

— Ficar brava com você — ela deu uma gargalhada e me abraçou, todo o peso dos meus ombros se desmanchando no abraço — Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida, sua maluca. — Agora ela me apertava forte e me balançava de um lado para outro.

— Megan, está me esmagando.

— Ahh, não reclama não, porque quero te esmagar, te beliscar, puxar seu cabelo — e conforme ela descrevia seus desejos, ela os realizava de imediato — E apertar essa bochechinha.

— Ai! Isso dói!

— Obrigada, Backy! Agradeceu envolvendo com um aperto firme minhas mãos

— Então, pelo jeito, meu plano deu certo?

— Deu sim, eu nem imaginava como sentia falta da minha mãe, fui uma covarde em nunca ter voltado. Passarei as próximas férias com ela.

— Mas isso é ótimo! — Falei, entusiasmada.

— É, não é? E o melhor você não sabe!

— Então me conta.

— Acho melhor deixar pra amanhã, já está tarde e temos que acordar daqui a cinco horas.

— De jeito nenhum! Não vou dormir até você me contar tudinho, e pelo jeito, esse “melhor” tem nome e é bem alto e bonitão. — Arrisquei um palpite certo, caçoando dela.

— Simmm! — Ela riu — Enzo e eu estamos namorando.

— NÃOOO!?! Jura? Isso é demais!

— Foi a melhor viagem da minha vida, Backy e eu devo ela a você.



QUATORZE



AMANHECEU, E EU ESTAVA MORTA, a conversa com Megan rendeu algumas horas, e por sorte, hoje eu tinha só revisão das matérias, sabia quase todas de cor. Mas ficar em casa ia adiantar de que, se hoje à noite eu tinha um segundo encontro com AJ e estava mais nervosa do que da primeira vez?

— E por que tanta preocupação, Backy, ele prometeu valer a pena, e muitas dessas meninas aí — ela apontou todas que conseguiu avistar à frente — Fariam qualquer coisa por uma noite com AJ.

— Eu sei disso, é que vai ser na casa dele, vamos estar sozinhos, eu sou candidata da empresa, porque... raios, eu nem sei direito!

— Ei, se acalme! Você mesma disse que ele sabe separar as coisas. E... hum, você está horrível com essas olheiras. Dou um jeito nelas à noite, deixa comigo.

— Você sempre dá— bufei. Ela me agarrou pelo pescoço, e fomos para nossas revisões. Na sala, Prin nos esperava com uma expressão de felicidade plena.

— Oi, meninas, que demora! — Exclamou, excitada.

— O que foi, Prin, por que essa felicidade toda? — Questionou Megan, delicada como ela só.

— Estou namorando! — Disse, dando gritinhos.

— Uauu! Desde quando, ou melhor, quem? — Megan perguntou.

— Frank!

— O Frank da festa? — Desta vez, fui em quem perguntou.

— Ele mesmo — ela respondeu. E daí já deu pra imaginar que a história rendeu, Megan e Prin tinham novidades em comum, e eu estava sobrando no papo das duas. Fiquei feliz pelas minhas amigas, mas não conseguia me concentrar na felicidade delas, ainda estava temerosa pela noite.

Me deparei com AJ na porta da sala quando saíamos em direção ao anfiteatro.

— Oi — eu disse. Lembrando que da última vez que o vi perdi o ar, acabei vestindo minha armadura.

— Olá, Backy, preparada para hoje à noite?

— Hoje? O que temos hoje? — Perguntei em tom de brincadeira. — Estou sim.

— Que bom! E como foi ontem, a entrevista?

— Acho que me saí bem — falei — Me atrapalhei um pouco devido ao nervosismo, mas concluí a entrevista, e acho que isso é bom, não é?

— Sem privilégios, lembra?

Não estava requisitando privilégios, estava pedindo uma opinião, mas não insisti, arqueei as

sobrancelhas, confusa, e mudei de assunto.

— O que você está escondendo aí atrás? — Questionei. Ele estava com uma mão escondida atrás das costas enquanto com a outra ajeitava meu cabelo atrás da orelha esquerda.

— Flores para alegrar seu dia. — revelou, depositando uma flor miúda amarela no canto de minha orelha e me entregou mais um punhado delas.

— Flores? São lindas! — Balancei a cabeça em negação.

— O que foi? Eu mesma as colhi, não gostou?

— Adorei! — Dei um abraço nele em agradecimento, ao que ele me beijou no alto da cabeça. — Te vejo às vinte horas?

— Sim, às vinte horas — confirmou acariciando as maçãs de meu rosto.

Era para eu estar radiante não era? Então por que eu estava apavorada?

Coloquei as flores colhidas à mão num copo em cima da minha escrivaninha e fiquei olhando para elas durante a tarde toda. AJ era um “*gentleman*”, e disso eu não tinha dúvidas, mas por que hoje de manhã, quando me deu as flores, ao invés de me sentir a garota mais sortuda do mundo, eu senti medo? Perguntas e mais perguntas. Será que eu nunca iria obter todas as respostas de que precisava na vida? Podia simplesmente deixar a vida me levar, mas para mim nunca foi fácil, eu pensava demais, em tudo, nas possíveis consequências, e elas se tornavam “porquês” intermináveis.

Já estava dando meus toques finais, quando Megan chegou do passeio da tarde com o namorado.

— Não acredito, por que não esperou por mim?

— Tudo bem! Consegui me virar sozinha.

— É, devo admitir, conseguiu mesmo. Está linda neste vestido, é bem delicado, mas se esse decote das costas fosse na frente, seria perfeito!

— Você está louca? — Não contive o riso — Revelaria demais, você não acha?

— Só um pouquinho da beleza que você insiste em esconder, amiga. — Ironizou.

— Eu não me escondo, Megan, eu me protejo, acho.

— Se protege de quê? Ou de quem? De si mesma?

As palavras dela me calaram. Para disfarçar meu silêncio, resolvi passar o batom carmim que combinava perfeitamente com minhas unhas. Um contraste no vestido preto.

— Ei! — Ela me chamou, virou minha cadeira e me olhou bem no fundo dos olhos. — Tire a trava desse coraçãozinho, está bem? Sei que está com medo de se apaixonar, mas nem sempre o amor machuca.

Balancei a cabeça e engoli o choro que formava em minha garganta, impedindo que as lágrimas borrassem minha maquiagem.

Chegamos até a casa de AJ, e eu não dei uma palavra no caminho, estava apreensiva, tentava me controlar, mas vez ou outra soltava o ar com tanta força, que ele me sondava de canto de olho.

— Chegamos! — Falou, virando meu rosto para encontrar o seu — Você está bem? Parece distante.

— Estou bem! — Respondi com um sorriso nos lábios, mesmo não sendo totalmente verdade.

— Se não quiser entrar, podemos ir para outro lugar.

— Sério, estou bem. — Dei uma piscadela seguida do sorriso mais bonito que consegui formar.

Mesmo já sendo noite, era impossível não ver a beleza externa da casa, a pintura clara, a estrutura de dois andares, as janelas todas de vidro que davam vista para o belo jardim de árvores e todas as espécies de flores, inclusive as que recebi pela manhã. Não continha muros para separar a casa das outras, o que as separava eram os metros de grama verdinha e bem aparada. Uma estrada estreita de concreto por entre a grama direcionava até a enorme porta de madeira da entrada. As casas eram todas de mesmo porte, e por se tratar de um condomínio particular de alto padrão, dá pra imaginar as mansões luxuosas construídas ao redor daquela na qual AJ morava.

Ao passarmos pela porta, AJ pediu que eu aguardasse um minuto na sala de estar enquanto se dirigia à escadaria que dava acesso ao segundo andar.

Fiquei maravilhada, nunca imaginei na vida ver uma sala tão bela, moderna e *clean*. Assim como as paredes externas, as poucas que a sala continha eram branquíssimas, o sofá e as poltronas que decoravam a sala também. O tapete fofo era bege-claro e a mesa de centro, embora tivesse o acabamento de vidro, era branca. Algumas almofadas pretas davam um toque ainda mais sofisticado ao ambiente.

Eu deveria estar tão embasbacada com o enorme lustre, que nem percebi que AJ já havia voltado e me puxava pela mão direto para uma passagem que dava acesso aos fundos da casa.

Se eu achava que a sala era um espetáculo, certamente é porque ainda não tinha visto a varanda, quase indescritível. Ela contornava toda a extensão da casa, e uma das laterais era toda de madeira, desde o deck até a estrutura vazada, coberta por um material transparente.

Uma descida de degraus levava a mais um caminho de deck até uma outra estrutura de madeira construída isoladamente da casa. Nessa estrutura, as fileiras de madeira estavam envoltas por lâmpadas brancas, luzes minúsculas, como os pisca-piscas de natal, que davam um ar todo romântico ao local. Bem ao centro, estava posta uma mesa também de madeira, na cor tabaco, com duas lamparinas que abrigavam uma vela, cintilando sobre a louça branca fina. Ainda compondo a decoração, um solitário sustentava algumas flores “amarelas”, nada

exagerado, tudo milimetricamente ocupando seu espaço, assim como os talheres e as taças.

— Nossa! Você fez isso tudo sozinho?

— Sim, mas minha mãe me deu algumas dicas.

— Sua mãe? — O fitei surpresa — Me lembre de agradecê-la quando eu tiver oportunidade, ficou incrível!

AJ puxou uma das cadeiras de assento macio para que eu me sentasse, e em seguida se acomodou em outra, ficando de frente para mim.

— A propósito, antes que eu me esqueça, você também está incrível! — Senti meu rosto queimar — Não gosta de elogios?

— Gosto, quem não gosta? Só não estou acostumada a recebê-los.

— Bem, por mim você os receberia todos os dias.

— Sua mãe, ela é espanhola? — Mudei de assunto.

— É sim, ela nasceu em Madrid.

— E foi ela quem escolheu seu nome?

— O primeiro. Meu pai preferia Thomas, então me presentearam com os dois.

— Uma combinação perfeita de nomes fortes. — Ele me lançou um sorriso tímido — Bom, já sei que a sua cor preferida é amarela — brinquei, indicando as flores no vaso.

— Na verdade, você está errada, essas são as minhas flores preferidas. — Humm! — Como eu disse, minha mãe me deu algumas dicas, e quando contei a ela o que estava planejando, ela me incentivou a colher as flores e me contou um pouco de sua origem. Essa é uma espécie rara encontrada somente na Holanda.

— E eu tenho algumas num vaso em meu quarto. Generosidade dela compartilhar algo tão particular e precioso com uma estranha como eu.

— Você pode ser estranha para ela, mas não é para mim.

Alejandro alcançou uma de minhas mãos e entrelaçou seus dedos nos meus de forma carinhosa. Pensativo, seu olhar era intenso, e os lábios formavam uma linha fina, parecia tentar ver o mais profundo do meu interior.

— Vinho? — Ele ofereceu, e eu sabia que não era sobre o vinho que ele estava pensando, mas em alguma coisa que ele de repente decidiu não me contar. Antes que eu pudesse responder, ele me serviu uma taça, e continuamos a conversa.

— Tenho algo para você. — Colocou uma caixinha retangular delicada ao alcance de minhas mãos.

— Um presente? — Sorri, e ele afirmou com um meneio de cabeça e arqueou as sobrancelhas, indicando a caixa para que eu abrisse.

Abri a caixinha, e dentro dela tinha uma pulseira dourada com um pingente em formato de roda-gigante. A peguei nas mãos para olhá-la mais de perto. Era uma roda-gigante perfeitamente desenhada, pequena e delicada. Não contive o sorriso largo, era perfeita e simbolizava onde tudo começou, onde nos beijamos pela primeira vez.

— É linda! Pode me ajudar com o fecho? — Ele se levantou, não que isso fosse necessário, já que seu braço estava a centímetros do meu pulso, mas levantou mesmo assim e me deu as mãos para que eu também me colocasse em pé. Em seguida, colocou a pulseira em meu braço e passou os dedos delicadamente sobre o objeto e minha pele. — Obrigada! — Sussurrei.

— Pra não se esquecer de mim — falou. *“Como se isso fosse possível”*, pensei.

A troca de olhares intensos foi interrompida por uma senhora, muito bem-apessoada em seu uniforme, que trouxe nosso jantar. Paulina era o nome dela, era amiga da família Backer há mais anos dos que Alejandro já vivera, e este estima por ela uma grande afeição, percebi assim

que ele a agradeceu com um beijo no rosto antes mesmo de me apresentá-la.

— O jantar estava maravilhoso — falei assim que deposei meus talheres sobre o prato.

— Satisfeita?

— Muitíssimo — respondi.

— E que tal uma música?

— Amo música!

— Venha, vamos dançar?

— Já vou avisando que sou péssima — eu ri.

— Também não sou dos melhores.

Ele colocou sua *playlist* favorita do celular, já de início uma música bem dançante e descontraída. Nos colocamos em pé e lá fomos nós, dar boas gargalhadas com a falta de experiência de ambos.

Depois de algumas canções agitadas e muita risada, AJ me convidou a dançar a próxima que acabava de começar, lenta, daquelas que se deve dançar coladinho. Ele estendeu a mão, e eu aceitei o convite de bom grado. Uma mão na minha cintura, a outra suspensa, segurando a minha destra no ar, um puxão delicado, e seu corpo quente estava colado ao meu.

— Era assim que eu pretendia te contar tudo na festa, quando a convidasse para uma dança, e fôssemos só nós dois. Mesmo com a pista lotada, por um momento, seria só você e eu.

Os acontecimentos passaram como cenas em *flashes* pela minha cabeça.

— Mas seus planos foram interrompidos, e acabamos numa cafeteria. — Sorri.

— Foram, mas sempre temos uma segunda chance.

— Você me disse naquele dia como se sentia, e me perdoe por não dizer nada, eu fiquei um pouco assustada, tudo me pareceu tão...

— Louco?

— Eu diria surpreendente, pareciam cenas daquelas que só vemos em filmes e novelas. Tudo aconteceu muito rápido, olha onde estamos, e em apenas uma semana.

— Está arrependida?

— Arrependida? Jamais! Qualquer garota daquela festa daria tudo pra estar no meu lugar.

— Mas e você?

— O que tem eu?

— Está feliz por estar aqui? Comigo? — Ele me afastou para ver a verdade em meus olhos, e a profundidade daquele olhar me deixou constrangida. Pela primeira vez, eu estava me sentindo confortável em expressar o que estava sentindo. Envolvi seu rosto com as mãos, abaixando sua cabeça para mais perto da minha, e confessei, olhando bem no fundo de seus olhos.

— Não existe outro lugar onde eu desejaria estar mais do que aqui, com você. — Ele me agarrou pela cintura, me aproximando novamente de seu corpo em combustão, seus lábios colados aos meus numa necessidade feroz. Enterrei minhas mãos em seus cabelos e me rendi ardentemente ao beijo, um misto de desejo e ternura, como se pudéssemos por um minuto congelar o tempo e aproveitar o que um tinha de melhor a entregar ao outro.

Ao nos afastarmos inebriados pelo beijo, AJ me abraçou, e eu deposei minha cabeça em seus ombros enquanto ele afoagava meus cabelos, seus dedos roçavam minha pele nua devido ao decote do vestido, o que me provocava leves e prazerosos arrepios.

— Eu poderia te prender aqui em meus braços e nunca mais soltar — me falou ao pé do ouvido — Você é tudo o que eu preciso, Rebecca, e tudo o que eu mais quero, mas preciso que

tenha certeza, preciso que se sinta segura. Eu seria hipócrita se dissesse que não percebo que você não consegue se envolver por completo. Está tudo acontecendo rápido, sim, mas eu sei bem o que quero.

Senti um nó formar em minha garganta, e meus olhos ardiam. Ele me conhecia intimamente, achei que havia blindado esse sentimento, mascarado o medo, mas a verdade é que ele estava à flor da pele, e eu nem mesmo percebi, mas AJ sim.

— Não quero só você, digo, seu corpo, seus lábios, que formam sorrisos tímidos que me deixam ainda mais apaixonado, não quero só a matéria, eu te quero inteira, quero que me dê o seu coração.

Impossível conter uma lágrima, mesmo tentando impedir, ela saltou de meus olhos, caindo direto na camisa polo de AJ, seguida de outra e mais algumas, e é claro que ele percebeu que eu estava emocionada, mesmo que em silêncio, mas foi gentil em não me ver chorar, só me abraçou mais forte, me mantendo aninhada e confortável em seus braços.

The background of the page features a soft-focus image of yellow flowers, possibly rapeseed, on thin green branches. The flowers are in various stages of bloom, with some showing distinct petals and centers. The overall color palette is warm and yellowish-green.

Quinze



A NOITE FOI INCRÍVEL, CHEIA de surpresas, e AJ tinha razão, com certeza valeu a pena.

— Ele fará uma viagem com o pai e só voltará na segunda, ou seja, nada de final de semana romântico. — Esbocei um sorriso fraco enquanto Megan me ouvia.

— E por que essa cara?

— Quando ele voltar, quer uma resposta.

— Uma resposta?

— Se estou pronta a lhe entregar o meu coração.

— Um xeque-mate? E por que você já não disse logo que está?

— Parece mais fácil falar do que me expressar, AJ conhece cada reação minha, cada terminação nervosa afluída em meu ser quando estamos juntos. E eu realmente não sei a resposta.

— Backy? Ainda pensa no traste, digo, em Nick?

— Penso, mas não como antes, só lamento pelas coisas terem acabado daquele jeito. Temos uma história de vida Megan, ainda dói.

— Então minha amiga, é bom pensar mesmo numa resposta, mas em primeiro lugar, uma para você. E não me diga que não está apaixonada, porque sei que está. Resolva esse conflito entre seu coração e a razão.

Eu tinha um final de semana para pensar a respeito, um final de semana sozinha, já que Megan, com seu namorado, também me abandonaria por um passeio a dois. A resposta parece bem simples, o homem mais doce e humano que você conhece, que não esconde seus sentimentos atrás de um rosto bonito, muito bonito, e que em apenas uma semana declara estar apaixonado por você, te leva literalmente às alturas, faz um jantar romântico, e a única coisa que te pede em troca é seu coração. Deus! Só uma louca negaria uma proposta tão tentadora e decente.

Por outro lado, o medo. Mas de que eu realmente tenho medo? De me machucar? De machucar AJ? Pensar na hipótese de machucá-lo me deixava atormentada. Se eu não conseguir me desprender do passado e me entregar totalmente, causaria a ele dor ainda maior que as ambas exposições ao ridículo causadas pela ex, por sua infidelidade e pelo show da festa, da bendita festa. Mas eu merecia algo novo, meu melhor amigo escolheu seguir em frente, e eu também precisava me dar uma nova chance, uma nova escolha.

O silêncio do quarto, do jardim e até da corrida matinal no parque em pleno domingo era ensurdecedor. Livros, músicas, em nenhum eu prestava atenção. Deitava na cama, rolava na cama, sem ninguém para conversar, sem ninguém para me orientar ou aconselhar o que fazer. O dia estava se findando, e com ele nasciam as horas limites para minha resposta. E, apesar de pensar e repensar nos prós e contras, eu definitivamente já tinha uma.



Meu celular quicou no chão por duas vezes quando despertou na manhã ensolarada de segunda-feira. Não consegui salvá-lo a tempo de dar com a cara, ou melhor com a tela no chão, o que formou um trinco que a atravessou de ponta a ponta. O dia tinha começado muito bem.

Um tropicão no pé da cama me faz parecer ter seis dedos nos pés, porque um sempre sobrava para me causar aquela dor terrível e a vontade de esmurrar alguém. Decidi esperar Megan na entrada do casarão, antes que ela fosse uma vítima do meu déficit de sorte. Bem no dia que eu mais precisava, poderia furar-lhe os olhos com um lápis voador saindo do meu estojo ou até mesmo tacar fogo em seus cabelos com enxaguante bucal, tudo é possível em “Hogwarts”, a Hogwarts da minha destrambelhada segunda-feira.

Sentada na escada, me deparo com um Audi preto estacionando em frente ao portão do casarão. Meus olhos não acreditaram no que viram, então procurei meus óculos para focar melhor a visão, e só depois de revirar a bolsa, me lembrei que nunca tive um. Não era uma visão, era ela, era Amanda, e ela vinha direto na minha direção.

— Bom dia, Rebecca!

— Bom dia! — Me pus num salto em pé. Quando ela ficou tão afável?

— Sei que é estranho eu estar aqui logo de manhã, mas precisava falar com você, primeiro queria te pedir desculpas pelo mal-entendido na sala e na festa.

Era um sonho, só podia ser, me belisquei para ver se acordava do pesadelo, porque só em um pesadelo ela me pediria desculpas.

— Tudo bem — eu disse — Foi só um mal-entendido, mas não precisava se deslocar até aqui, poderia ter esperado até...

— É, eu sei — ela me interrompeu — Mas eu também precisava te pedir um favor, e não queria causar mais alarde.

Um favor! Não sei o porquê, mas isso me deixou em estado de alerta total.

— Backy, eu sei que AJ está a fim de você, já quanto a você, não sei se sente o mesmo. — Ela me encarou, esperando uma resposta, mas continuei calada para que ela continuasse — Eu preciso tê-lo de volta, Backy, não posso fazer isso sozinha.

“Fazer isso sozinha”, acho que não vou querer ouvir o resto. Engoli a saliva que se formava em excesso em minha boca.

— Namoramos por um ano, e você sabe, as pessoas ficam íntimas e... Ah, Backy, ele é tudo para mim, por amá-lo tanto, eu decidi deixar ele seguir em frente com você, ou com quem ele quisesse, mas agora... Eu preciso dele ao meu lado.

Mais uma vez o destino pregou uma peça em mim. Acho que eu não mereço ser feliz, ou não mereço que alguém se apaixone por mim. Primeiro Nicholas, agora Alejandro. Mesmo que com o último tenha sido apenas uma semana entre lágrimas, risos e beijos, foi o suficiente para permitir ao meu coração bater descompassado novamente, para eu me sentir viva de novo, desejada outra vez.

— Tudo bem! — Eu disse — Não estou interessada nele — menti — E quanto ao acontecido, não foi nada, não se preocupe. — Difícil acreditar na verdade de minhas palavras, quando eu mesma custei a dizê-las.

Por mais que ela não soubesse, deixei ela pensar que o “nada” foi pelo acontecido da festa. Ela me deu um abraço e até um beijo no rosto, girou nos calcanhares, virando seu belo corpo esguio, entrou no carro e saiu.

Soltei o ar com tanta força, que queria gritar. Megan estava do meu lado assim que a loira saiu, olhou nos meus olhos, e antes que ela perguntasse, os fechei para impedir as lágrimas de escorrer e balancei a cabeça negativamente.

— Enzo veio me buscar — ela disse — Você quer uma carona? — A essa altura, Enzo, que já estava ali assistindo a cena toda, me deu um tchauzinho, e eu devolvi.

— Não, obrigada! — E a empurrei para que não se demorasse mais. Em poucos minutos, todas as minhas convicções ruíram, nem os desastres da manhã, nada me faria perder a certeza

que eu tinha, mudar a resposta que eu daria, nada, até agora. Uma caminhada me faria bem, e teria mais tempo de bolar uma estratégia para evitar o rapaz de olhos verdes que aguardava por mim.

Conversei com o professor e inventei a maior desculpa sobre uma conjuntivite. Embora não houvesse sinais dela nos meus olhos, ele não quis arriscar que eu contagiasse uma sala inteira e me deu a avaliação na sala de reuniões com supervisão de uma secretária. Um dia vencido.

Meu celular bipou uma mensagem, meio duplicada devido a trinca.

“Rebecca Donaway perdendo uma prova! Ansioso pra te ver. Bjs.”

Nossa próxima avaliação juntos seria na quinta e a última na sexta, então eu chegaria mais cedo e sairia o mais rápido possível para que AJ não me visse. Não respondi a mensagem, o que só cutucou a ferida em meu peito.

Só precisava daquela semana fugindo e depois férias. Correria para a casa de meus pais e ficaria lá todos os dias, trancafiada no quarto. Megan era minha cúmplice e me ajudava a esconder, mentindo até para seu namorado, que agora a busca regularmente em casa. Virose, pelo menos era o que todo mundo pensava, indisposta pra qualquer atividade ou relacionamento afetivo.

“Podia jurar que está fugindo de mim, se não fosse sua indisposição. Parece que faz uma eternidade que não a vejo, saudades!”

Outra mensagem, quem eu queria enganar? A mim mesma, com certeza! AJ não era idiota e nem um pouco burro para acreditar nas minhas invenções, e Megan era uma péssima mentirosa, tanto quanto eu. Faltava só mais um dia, e eu conseguiria.

Acordei, me arrumei e sai bem cedinho. Cheguei tão cedo, que o portão ainda estava trancado, e eu teria que esperar até que fosse aberto. Droga!

— Tendo um dia ruim? — Falou a voz que evitei há dias, fazendo meu coração disparar.

Me virei e não disse nada, o olhei de relance e abaixei a cabeça em derrota. Ele se aproximou e pegou uma de minhas mãos e com a outra levantou meu queixo e me olhou fixamente nos olhos.

— É tão difícil assim, a ponto de você fugir uma semana inteira de mim? — Questionou AJ com a voz doce e calma, mas com a seriedade estampada no rosto. E o “difícil” para ele se resumia em uma resposta, já para mim, em me despedaçar inteira, agindo de novo pela razão, deixando meu coração de lado mais uma vez.

Com o indicador, contornei seu lábios, os quais não voltaria a beijar novamente, meus dedos gélidos afagaram uma última vez o rosto, cada pedacinho dele, o pingente da pulseira dançava bem em frente aos nossos olhos, um momento o qual nos marcaria para sempre. Eu sabia que o magoaria, mas teria que dar um... fim.

— Não posso fazer isso — eu disse — Não é justo!

Não sei por qual motivo minha voz soou suave mais zangada. Eu realmente estava zangada, não com ele, mas comigo, com o que eu causaria a partir dali. Amanda agora estava descendo do carro e caminhando em nossa direção. Sorte eu tê-lo afastado de mim; AJ seguiu meu olhar e deu um longo suspiro. Quando se virou, eu já estava longe dele, seguindo para a minha liberdade condicionada.

Durante a avaliação, ele me olhava o tempo todo, Amanda fazia o mesmo, revezando entre ele e eu, mas eu fingia não ver. Sorte eu entender a matéria, porque estudar que é bom não consegui fazer há dias.

Terminei e saí a passos largos, quase correndo. Não era justo com ela, não era justo comigo, isso se repetia o tempo todo na minha cabeça.

Minhas malas estavam prontas desde o dia anterior, deixei um recado a Megan e o número do telefone da casa de meus pais, caso ela precisasse falar comigo. Abri a gaveta da escrivaninha e deposei ali meu celular, queria evitar mensagens e contato com o mundo. Eu precisava de paz, eu merecia paz.

A close-up photograph of a branch with several bright yellow flowers, possibly rapeseed or mustard flowers, set against a soft, out-of-focus background of more yellow flowers and greenery. The lighting is warm and natural, creating a serene and slightly melancholic atmosphere.

Dezesseis

JÁ NO MEU VELHO QUARTO, deitada na minha velha cama, uma réplica malfeita de um dossel, eu tentava avaliar meu primeiro ano como universitária. Quanto aos estudos, eu não tive problema algum, era uma ótima aluna, sempre fui, mas os percalços deste ano quase me fizeram desistir de mim mesma.

Uma vez, li uma pequena história onde as pessoas nasciam com a data e hora marcados no pulso: o dia em que encontrariam o amor de suas vidas. Uma delas, a personagem principal, nasceu sem a sua marcação. Eu também nasci sem essa marcação, e embora o amor da vida dela a tenha encontrado e a história tenha um final feliz para aquela garota, acho que para mim não será da mesma forma.

Eu perdi o amor por duas vezes: quando eu o encontrei pela primeira vez, ele foi tirado de mim, e quando ele me encontrou, tive que deixá-lo ir.

Passei a tarde chuvosa toda no quarto. Minha mãe me trouxe um lanche e respeitou minha hibernação. Sempre fomos amigas, e eu contava tudo a ela, e assim o fiz quando ela me perguntou o porquê de tanta tristeza. Ela só me deu um beijo exagerado de mãe, um abraço apertado e pediu que eu desse tempo ao tempo, que tudo se encaixaria um dia no devido lugar.

Minha mãe sempre me falava em meias palavras, mas o suficiente para eu entender o que ela queria dizer.

Já anoitecendo, ouvi a campainha soar, mamãe me gritou avisando que eu tinha visitas.

Ouvi passos lentos vindo em direção ao meu quarto, e quando abri a porta, dei de cara com Nicholas. Um Nicholas mais magro e agora de barba loura cerrada, os olhos cor de mel cintilantes e ferozes.

— Oi — eu disse assustada.

Ele me abraçou forte, estalando cada osso da minha coluna, depois beijou todo meu couro cabeludo, e eu fiquei sem reação, parecendo ter visto um fantasma, até que ele se afastou, encarou meus olhos arregalados e começou a brigar comigo.

— Rebecca, nunca mais dê as costas para mim como fez da última vez que nos vimos, e não ouse dizer nada até me ouvir, está bem? — Eu assenti, fechando a boca, que estava pronta para cravar os dentes nele, se fosse preciso. — Eu errei sim, você foi e sempre vai ser meu primeiro amor, mas você me abandonou, e no momento que me deixou feito um bebê chorão perto do lago, levou com você minha melhor amiga, e eu precisava dela para o que iria enfrentar nos próximos meses, e você tirou ela de mim sem dó nem piedade, você foi cruel.

Abri a boca para falar, mas novamente fui interrompida.

— Ainda não acabei, mocinha! Poderíamos ter amenizado nossas feridas juntos, mas o que você fez? Me afastou de você, como faz quando está com medo, você afasta as pessoas que te amam, Rebecca.

O silêncio das palavras interrompeu a conversa, e o único som ali era o de um Nicholas ofegante como se tivesse corrido uma maratona.

— Posso falar? — Perguntei, levantando uma mão, como quando fazemos à espera de permissão.

— Pode! — Ele permitiu, se sentando na minha cama bagunçada, me encarando ainda com o olhar mordaz. Ele parecia estar com raiva, muita raiva.

Pensei bem no que dizer.

— Você tem razão — concordei, e isso pareceu aliviar a tensão. Ele agora abria as mãos, que estavam fechadas com tanta força, que os nós dos dedos perderam a cor. — Eu estava com medo, eu estou com medo agora e realmente quero fugir, mas não vou, nunca mais.

Demorou a cicatrizar, mas agora a ferida não doía mais, a dor era só saudades dele, saudades do meu melhor amigo. E mesmo que tenha parecido uma eternidade, ele realmente disse o que eu custava a enxergar por mim mesma.

Fui em sua direção e agarrei seu pescoço para matar a saudade imensa que estava em meu peito. O abracei o mais forte que pude, e aquele abraço pareceu ser o melhor e o maior conforto do mundo.

Sussurrei em seu ouvido:

— Estou aqui agora e nunca mais vou te abandonar.

Por sorte, o abraço foi correspondido, e na mesma intensidade, nos fazendo ganhar bons minutos ali.

— Quero que conheça uma pessoa — ele me disse, inspecionando minha reação às suas palavras — Fique aqui, que volto num segundo — pediu quando assenti seu primeiro pedido.

Já imaginava que ele traria a namorada para casa nas próximas férias, e depois de brigar comigo e dizer verdades bem na minha cara, agora queria linchar meu coração, me apresentando a mulher que o roubou de mim. “*Ótimo!*”, pensei.

E por um minuto, analisei as palavras que ele me disse: “*você afasta as pessoas que te amam, Rebecca*”. Terei feito o mesmo com AJ?

Minha nuvem de pensamento logo foi dissipada com Nick entrando acompanhado da mais bela menina que já vi na vida.

Não resisti às lágrimas. Ela era linda e estava vestindo um macacão de frio todo rosinha, com um ursinho desenhado no peito, os olhos castanhos na pele branquinha feito a neve se destacavam na manta de babados amarela envolta em seu corpinho minúsculo.

— Meu Deus, ela é uma princesa! Posso pegá-la?

Ele me entregou o pequeno embrulho humano, que gemia e esboçava risos para mim, e por um momento senti culpa por ter odiado aquela pessoinha antes mesmo dela nascer. Agora, me apaixonei por ela assim que a vi, senti seu cheirinho de talco e acariciei sua pele macia de bebê.

Na minha ingenuidade e confusão de sentimentos, nem fiz as contas do nascimento da criança, claro que ela já haveria nascido e estava ali, em meus braços, aquela pequena criatura sem nome.

— Qual o nome dela? — Perguntei.

— Emilly.

Derramei mais uma porção de lágrimas, era o nome de um dos nossos prováveis filhos, coisas de criança. Quando éramos pequenos, discutíamos vários nomes, até que um dia chegamos a um nome de gosto em comum, Emilly. Depois de um tempo, isso não era mais nosso passatempo, achei que ele nem se lembrava mais dessa brincadeira boba.

— Perfeito! — Falei, a voz embargada em meio aos soluços.

Ele nos abraçou e deu um afago no bebê, como se fôssemos uma família. Por um momento, parei para imaginar como seria, nós dois e Emilly, mas eu não me encaixava ali, não pertencia mais a ele. Meu coração tinha um novo dono, eu estava apaixonada, e só agora fui capaz de admitir a mim mesma.

Passei algumas semanas curtindo Nick e Emilly. A mãe da criança nem sequer deu sinal de vida. Segundo Nick, ela precisava descansar e deixou que ele a trouxesse para conhecer os avós sozinho. Falou ainda que ela não estava pronta para me conhecer, que eu era a ex-namorada perfeita, o que não era nem de longe verdade. Nick namorou a mãe de Emilly por alguns meses, o namoro não deu muito certo no início, mas quase perto de Emilly nascer, eles reataram e estão tentando se entender aos trancos e barrancos, foi assim que ele descreveu o relacionamento dos dois. Temperamento forte tinha a namorada, Margot.

Contei a ele sobre meu semestre intenso, e sobre minha nova e melhor amiga. Até dei relatos dos acontecimentos com AJ, e pode parecer estranho, mas me sentia à vontade de falar com ele sobre isso. Na verdade, sobre tudo, de novo. Rimos com o livro de fotos que ele me deu quando me pediu em namoro, que agora não continha mais a pergunta espalhada em letras pelas páginas, e adicionamos uma foto nossa com Emilly. Aquilo seria para sempre o melhor de nossas memórias.

Mamãe subiu as escadas com o telefone sem fio nas mãos.

— Querida! Ligação para você, é Megan. — Nick semicerrou os olhos com ciúmes.

— Megan? — Atendi no mesmo instante.

— *Oi, sua louca, preciso que volte, é urgente.*

— O quê? Por quê? Megan, está tudo bem?

— *Comigo, ótimo, mas com a bandida, já não sei se ficará.*

— Megan, não estou entendendo, dá pra explicar direito?

— *É AJ, ele está em perigo, pode retornar amanhã?*

— Posso sim, mas...

— *Explico tudo em detalhes quando chegar aqui. Ahhh, e não se aproxime do traste loiro, ou ele irá feitiçar você. Te vejo amanhã, beijos.*

Olhei para o telefone e para Nick, ela havia desligado na minha cara com explicações vagas. AJ estava em perigo?

— Preciso voltar amanhã — falei.

— Ela me chamou de traste loiro? — Esqueci o quanto Megan falava alto, então acho que ele ouviu tudo.

— É só uma maneira carinhosa dela se referir a você.

— Carinhosa? Tem certeza que ela é uma amiga?

— Não seja ciumento, amo você também.

— E por falar em amor, venha cá — ele indicou o colchão macio de minha cama — quero te dar um conselho, está bem? — Assenti, enquanto me sentava na cama, e ele se agachava aos meus pés — Backy, você não deve esconder todo esse amor que existe aí dentro, você deve partilhá-lo com alguém, alguém especial. Um dia eu pude experimentar um pouco desse amor, e ele é intenso e maravilhoso, e eu queria muito que ele fosse só meu, mas eu soube no exato momento em que o destino nos separou que ele era demais para um amigo, ele ainda está esperando ser encontrado por alguém, por outro coração, que infelizmente não é o meu. Estou sendo egoísta, eu sei... Céus! Não acredito que vou falar isso, mas você sabe que alguém já o encontrou, não sabe? — Mordi os lábios.

— Vai citar Shakespeare agora? — Ele riu com os olhos marejados.

— “Não perca algo que pode ganhar, pelo simples medo de tentar”. — Recitamos juntos.

— E quando foi que você amadureceu assim? — Falei, e não era uma pergunta, então só o

abraçei, me acolhendo em suas palavras.



Dezessete



APÓS A LIGAÇÃO DE MEGAN, adiantei a viagem de volta a Wescott antes da virada do ano. Meus pais não ficaram nem um pouco felizes, mas prometi que faria de tudo pra voltar antes de as aulas começarem. Minha mãe me deu a maior força na tentativa de convencer meu pai, porque ela sabia que eu precisava resolver esse assunto importante de uma vez por todas.

Megan também adiantou a volta de suas férias com a mãe e, exagerada como ela só, disse ser questão de vida ou morte ajudar a melhor amiga a agarrar o “boy magia”.

Primeiro passo, pedir ajuda ao namorado dela e melhor amigo do homem que eu queria para minha vida, para descobrir onde ele poderia estar numa manhã de segunda-feira, já que sabíamos que não estava na faculdade, por estar de férias, e nem no trabalho, porque foi nossa primeira opção quando começamos a procurar. Segundo passo, ainda não tínhamos planejado um.

Megan, juntamente com Enzo, foi buscar informações sobre Amanda e AJ, me deixando sozinha com o emaranhado de fios elétricos na minha cabeça. Enquanto não tinha notícias, tirei meu celular do exílio e mandei uma mensagem para Alejandro, pedindo que ele me retornasse assim que possível, já que não atendeu às inúmeras ligações anteriores à mensagem.

Minutos depois, Enzo e Megan, agitados, entraram no quarto, me dando um baita susto. Perguntei a mim mesma como ela conseguiu permissão para ele entrar ali, mas acho que pronunciei cada palavra em voz alta, porque ela de prontidão me deu uma bronca:

— Isso não importa, ele veio nos ajudar.

— Claro! — Afirmiei, ainda desconfiada.

Enzo me informou que Alejandro tinha ido a um compromisso acompanhado de Amanda. Ao que parece, foram a um médico especialista. Era de se esperar que estivessem juntos.

— Já esperava por isso. — Bufe.

— Backy? Você não vai fazer nada, vai ficar parada aí? — Falou Megan, a excitação na voz.

— O que eu poderia fazer?

— Mostrar a Amanda a quem ele realmente pertence. E tudo bem se a avó de noventa anos dela está doente e ela carece de um amigo nesse momento, mas você não pode deixar ele escapar por entre seus dedos por causa de uma velhinha com o pé na cova!

— O QUÊ? — Dei um grito

— É, Backy, você pode ser legal com ela, ajudando a dar apoio à vovozinha, mas do lado dele. Agora pega logo sua bolsa, e vamos. — Falou Megan, arrastando o namorado para o corredor.

— Para onde? — Perguntei, já com a bolsa nas mãos. E esse foi nosso irracional segundo passo.

Me impus a assumir o volante, deixando o dono do carro de castigo no banco de trás enquanto tagarelávamos nossos planos mirabolantes de invasão domiciliar, o que não seria

uma invasão de verdade, já que Enzo tinha acesso livre ao condomínio, então partimos de imediato. Mesmo sendo noite, quando estive na casa uma vez, decorei o caminho sem dificuldades, e estar no controle parecia fazer a tensão regredir um pouco.

Wesscot era uma metrópole, e certamente o médico consultado era da cidade. Tentando adivinhar os passos seguintes da família, eles certamente voltariam para casa com a doente após a consulta, mas AJ retornaria a dele?

— Tem certeza que ele vem pra casa? — Questionei Enzo.

— Absoluta! Falei com ele antes de sairmos do casarão e disse que o esperaria aqui pra conversarmos, insisti que o assunto era sério. — Sério era o fato dele não ter me retornado até agora. Se Enzo falou com ele minutos antes, era mais do que certeza de que ele estava me evitando.

E lá estávamos nós três no carro à espera da procissão, em meio à conversa fiada e risos tensos, sim, tensos, não tínhamos ideia do que fazer e nem do que dizer, até que, *bingo!* Avistamos o Audi preto de Amanda e outro na cor prata se aproximarem e estacionarem em frente à mansão.

Do primeiro desceram Amanda e AJ, do segundo, uma mulher jovem e magra, estatura média, cabelos amendoados e de um andar elegante e delicado. Num impulso, abri a porta e desci, fui ao encontro de Alejandro com Megan e Enzo logo atrás de mim.

Poucos metros depois, estávamos todos frente a frente, a moça loira, num misto de surpresa e raiva, me encarava com chamas nos olhos. Com certeza ambas não esperávamos nos encontrar ali, e a fera ia tentar pôr as garras em AJ usando da sua arma mais inofensiva: seus choramingos.

Enzo cumprimentou a jovem mulher, a senhora Backer, se arqueando todo para alcançar seus braços longos, e ela o abraçou afetuosamente.

— E essas belas jovens, quem são? — Falou a matriarca no mesmo tom doce que o filho possuía.

— Essa é Megan, minha namorada — adiantou Enzo — E essa é...

— Rebecca — me adiantei, nervosa, e os olhos da mulher correram quase imperceptíveis aos do filho e voltaram sua atenção a mim — É um prazer conhecê-la, senhora Backer.

— O prazer é todo meu, querida — e assim como fez com o outros, me deu um abraço apertado — Mas pode me chamar de Olívia. — Falou, dando um afago em meu rosto, revelando um sorriso largo.

Olívia nos convidou a adentrar a casa, mas de imediato recusei.

— Obrigada, Olívia, estamos aqui só de passagem, viemos dar uma palavrinha com Alejandro e já estamos de saída.

— Pois eu aceito um copo de água, estou sedenta — enfatizou Megan exageradamente — E Amanda, como está a sua avó? — A marionete permitiu ser guiada por Megan. Agarrada ao seu braço direito, parecia rosar de raiva por termos descoberto sua tramoia e, bem ali, ela não dispunha de seu arsenal para nos atacar.

— Bom, agora somos só você e eu — disse, olhando fixamente nos olhos de AJ. O olhar sério, frio, e a postura imóvel se mantiveram desde o momento em que me viu descer do automóvel — Precisava vir, tentei ligar antes, mas acho que não queria me atender — a expressão dura continuava, as mãos enfiadas nos bolsos da calça e o queixo bem talhado apontava que ele admirava algo acima da minha cabeça, me ignorando completamente — Entendo que esteja com raiva, mas posso te explicar, foi um mal-entendido.

— Com você, sempre há mal-entendidos. — Falou com amargura na voz.

— Você tem razão! E pela primeira vez, estou disposta a resolver um sem fugir, então poderia, por favor, olhar para mim?

— O que quer de mim? O que quer que eu diga? Que está tudo bem? Porque não está nada

bem, você... — suspiros — Foi embora e me deixou no escuro, não me disse o que havia acontecido, não me deu explicação alguma, e agora é tarde, não as quero, nenhuma delas. — Me arrependi, assim que ele me lançou as palavras, em ter pedido que olhasse para mim. Aquele com certeza era o mais desprezível que eu já havia recebido de alguém, mesmo que por uma fração de segundo.

— Tudo bem! Mas antes preciso que saiba, pode ser tarde para dizer, mas... *eu também estou apaixonada por você* — com essas palavras eu ganhei a atenção dele, seu rosto suavizou, ele abriu a boca por instante e quando eu pensei que quebraria toda aquela geleira, ele a fechou com tanta força, que parecia estar prestes a explodir o maxilar, então abaixou a cabeça sem dizer absolutamente nada. — Por favor, diga aos meus amigos que os espero no carro.

Corri mais do que depressa para o automóvel, me sentindo uma idiota por estar ali. É irracional procurar por alguém que não quer ver você, e ele deu indícios disso desprezando qualquer contato meu logo pela manhã, e eu ignorei.

Novamente ao volante, eu parecia uma criança emburrada com raiva do mundo, com raiva de mim mesma, mas nunca com raiva dele. Devo ter deixado meu senso de noção perdido em algum lugar pelo caminho, e só agora com esse choque, me inteirei da realidade dos fatos, era tarde demais para mim, tarde demais para um “nós”.

O motor do carro roncou e de novo pegamos a estrada. De repente, a Backy toda forte e impulsiva se desmanchou em culpa e autodesprezo, numa fonte seca de lágrimas.

Ao chegarmos em casa, me joguei na cama, Megan se sentou ao meu lado, lamentando ter me encorajado ir atrás de AJ, disse que praticamente me deixou sem opções, como se eu não precisasse de um empurrão.

— Ei! A culpa não é sua. — Falei — Sei que você queria me ajudar, e para começo de conversa, você nem deveria estar aqui.

— Mas fui eu quem praticamente te obrigou a voltar, disse que ele estava em perigo, sem

ao menos saber se ele realmente estava junto da megera. Agora sabemos que estava, não pelos motivos fantasiados na sua cabeça oca, mas eu a ajudei alimentar esperanças, e me sinto horrível por isso.

— Já disse que a culpa não é sua, se tem alguém culpada nessa loucura, sou eu, com minhas inseguranças e medo de enfrentar meus fantasmas. Se não fosse tão covarde em reprimir meus sentimentos, não estaria passando por nada disso. Sério, vai deixar seu namorado te esperando lá fora até quando? Até perceber que jogou sua provável felicidade no ralo, como eu fiz? — Dei um empurrão nela, mas ela ainda permaneceu ali.

— Mesmo assim, eu só queria te agradecer, Backy — a encarei nos olhos, tentando descobrir o motivo pelo qual ela deveria me agradecer, sendo que quem me apoiava e ficava praticamente de babá minha o tempo todo era ela.

— Pelo quê? — Eu disse por fim.

— É estranho, mas se não fosse por toda aquela confusão na festa da Íris, o cinema, a viagem surpresa à minha mãe, Enzo e eu não estaríamos juntos. Unimos nossas forças para protegermos nossos amigos, e isso nos aproximou. Tentei fazê-lo me notar por meses, e ele só começou a fazer isso no dia em que nos encontrou no shopping — ela riu, choramingando — De um jeito idiota, você foi nosso cupido naquela sala de jogos, você me trouxe sorte desde o dia em que pisou aqui pela primeira vez.

Me sentei na cama e a abracei com força. Jamais me imaginaria amiga de alguém com tanta intensidade, destrambelhada como sou, muito menos um cupido.

— Então aceite o conselho desse cupido que te acertou uma flecha sem ao menos saber disso — risos — Vá viver, Megan, e não se preocupe mais comigo, não tenho certeza se conseguirei mirar o coração certo para você da próxima vez. Se perder esse, e por minha causa, nunca vou me perdoar. — Segurei seu rosto e enxuguei uma lágrima prestes a escorrer e borrar toda a maquiagem dela, quando notei que a pulseira que havia ganhado semanas antes, a única coisa que simbolizava meus melhores dias, não estava mais em meu pulso, e eu nem imaginava onde ela poderia estar.

A close-up photograph of a branch with several bright yellow flowers, possibly rapeseed or mustard flowers, set against a soft, out-of-focus background of more yellow flowers and green foliage. The lighting is warm and natural, suggesting a sunny day.

DEZOITO



O CALOR INTENSO DE VERÃO não dava uma trégua, a semana toda não conseguimos dormir direito, e embora nos noticiários a previsão era de chuva para o sábado, esse certamente não deveria ser o escolhido pelo homem do tempo, já que o sol ardente logo de manhãzinha se posicionou no céu.

Já fazia quatro dias que não tinha notícias de Alejandro, e embora a festa de ano novo e as pessoas que moravam comigo foram bem amigáveis, ainda me sentia infeliz, não a ponto de chorar, mas estava triste por perder um presente especial, a única coisa que me ligava a ele.

Procurei a pulseira em todos os lugares possíveis do meu quarto, nas malas, na escrivaninha, banheiro, até nas coisas de Megan. Perguntei a cada morador e funcionário do casarão, tentei refazer meus passos do dia em que supostamente a perdi, e nada. Liguei para minha mãe e pedi que ela revirasse cada canto minúsculo do meu quarto, até mensagem para o Nick mandei, poderia ter ficado em meio às coisas de Emilly, mas também não obtive sucesso.

Quando nos exercitamos, liberamos uma substância chamada endorfina, conhecida também como hormônio do bem-estar, é um analgésico produzido pelo corpo que quando liberado na corrente sanguínea, nos causa essa sensação, alivia o estresse e inibe os mecanismos da dor.

Como um novo hábito e forma de autoajuda, comecei a correr todas as manhãs no parque Lake. Dava pelos menos umas três voltas em toda a trilha do parque rodeado por um lago com uma ponte curvada de madeira que ia de uma ponta a outra. Após terminadas as voltas, caminhava pela ponte, às vezes me demorando um pouco mais ao centro para admirar o movimento de pessoas.

Durante a semana, o parque era habitado por atletas de todos os tipos, aos sábados, era invadido por grupos de amigos que cantavam e dançavam ao som de um violão, adolescentes apaixonados, famílias inteiras com cães e *frisbee* ou com a excitante tarefa de ensinar uma criança a andar de bicicleta. Outros ainda apreciavam e curtiam a natureza debaixo das enormes árvores que não economizavam em dividir sua sombra com os hóspedes. Pelo menos ali, naquele mundinho perfeito do parque Lake, as pessoas eram felizes, e isso era admirável.

Até hoje não compreendo o porquê das pessoas saírem correndo aos gritos quando a chuva dá o ar de sua presença. Ela deveria ser recepcionada com risos e alegria, assim como um dia nublado ou extasiante de calor. Com certeza os meteorologistas estavam certos desta vez, a chuva dividia o espaço com o sol e agora caía calma e intensa por toda a extensão em que meus olhos foram capazes de avistar.

Pouquíssimas pessoas, consideradas malucas, assim como eu, aproveitaram por um momento a chuva fria de verão. Estendi os braços, respirei fundo e fechei os olhos, deixando a chuva me molhar e escorrer por todo meu corpo, me refrescando. Não tinha ideia de como isso me faria bem, mas, conforme as gotas tocavam minha pele, pareciam levar consigo toda a minha ansiedade e culpa dos últimos dias. De repente, eu estava sorrindo e girando feito uma boba.

Senti uma mão forte pegar a minha e me rodopiar como numa pista de dança. Ainda de olhos fechados, sem saber quem é, não me assustei, só continuei a minha performance em meio a chuva fina e colorida, que como um bálsamo misterioso, me enchia de forças desconhecidas.

Por um breve momento, tudo parecia acontecer em câmera lenta. Mesmo toda ensopada e agora sentindo pequenos calafrios, isso não me impedia de sentir o calor do toque daquelas mãos, calor esse que irradiava por todos os músculos do meu corpo, fazendo-me sentir ainda

mais confiante.

Não houve uma palavra sequer, ela não se fez necessária, era superficial, e de certa forma, estabelecemos um diálogo natural.

Aquele toque sutil me trouxe alívio, toda a tensão pareceu dar um salto de meus ombros, dando de cara no chão. Eu me sentia leve, eu me sentia agradavelmente livre.

Se você um dia encontrar alguém disposto a dançar na chuva ao seu lado, não fuja, nem se espante, molhe-se e aprecie o momento. Viver é se agarrar na esperança de que após a chuva, virá o sol, que amanhã será um novo dia cheio de surpresas. Se queremos ver o arco-íris, temos que esperar a tempestade passar.

Quando abro os olhos, vejo que é Adam, o morador da república que também criou o hábito de se exercitar nas manhãs. Como prefiro caminhar sozinha, nos cruzamos entre uma caminhada e outra, nos cumprimentamos, mas cada um seguia seu ritmo e destino.

A chuva só durou uns dez minutos, tempo suficiente para espantar todos que estavam espalhados pelo parque. Adam e eu terminamos nosso ritual de dança na chuva e fomos para casa encharcados, mas felizes pela manhã descontraída.

Confesso, tive um rompante de esperança de que outra pessoa me fizesse companhia, mas jamais culparia alguém como Adam por ser tão agradável e me proporcionar por um momento tudo o que eu mais precisava.

A background image of yellow flowers on thin green branches, set against a soft, hazy yellow background. The flowers are in various stages of bloom, with some showing distinct petals and centers.

Dezenove



AOS OLHOS DE AJ

EU SEI EXATAMENTE O MOMENTO em que descobri estar apaixonado por Rebecca Donaway. Foi quando a olhei bem fundo nos olhos e disse a ela não ter importância omitir o que viu na noite anterior, embora o que realmente me entristecia era não saber o porquê de ela ter protegido Amanda, protegido a infidelidade da minha ex-namorada naquela festa reveladora da faculdade, já que elas não eram nem de longe próximas.

“Não era ela quem eu estava protegendo”, foi só isso o que ela me disse, e mesmo em meio às palavras entrecortadas, eu compreendi. Compreendi que ela protegera a mim. Também não éramos amigos íntimos, mas mesmo assim ela escolheu me poupar o desconforto visual. Vi a tensão de seu formoso rosto desaparecer quando sorri e agradei, e foi exatamente ali que senti algo novo nascer dentro de mim.

Não foi a primeira vez que a vi, tínhamos algumas matérias em comum e a amiga dela de rosto angelical e de comportamento fora dos padrões até tentava, mas não conseguia esconder estar afim do garanhão do meu melhor amigo Enzo. Por essa razão, volta e meia passavam por

nós entre os corredores e prédios da universidade, e para o azar da garota, tínhamos aula em comum com Backy, mas nenhuma com ela e a outra amiga de cabelos vermelhos flamejantes e corpo avantajado.

Já nosso primeiro contato foi quando, por uma felicidade do destino, numa manhã de segunda-feira, enquanto Enzo e eu nos dirigíamos a aula, nos deparamos com as duas moças, uma agachada apalpando com força um dos pés, e embora seus longos cabelos castanhos tapassem a maior parte de seu rosto, as expressões nele revelavam sua dor. Ouvi quando Enzo as chamou por um apelido — ele tinha mania em inventar um as pessoas que ele realmente gostava, foi assim que ganhei o meu “AJ”, quando ficamos amigos, na sexta série — a moça loira de cabelos ondulados, Megan, se aproximou, nos informou sobre o ocorrido e mais do que depressa ofereci carona a um hospital, ou onde quer que precisassem ir.

A moça de cabelos longos foi praticamente jogada no banco de trás e não resistiu em sibilar um “ai”. Rapidamente olhei para seu pé torcido, e ele estava realmente muito inchado.

— Está tudo bem? — Eu perguntei, realmente preocupado com o estado em que ela se encontrava.

— Está sim — ela respondeu com a voz meiga em meio à dor que não conseguia disfarçar, mesmo se esforçando muito para isso. Enzo fez as honras.

— Olá, Backy, este é meu amigo Alejandro, mas pode chamá-lo de AJ — achei que era eu quem deveria me apresentar pelo menos pelo apelido, mas ele fez isso por nós dois, porque certamente Backy não deveria ser o nome da bela garota de olhos negros e pequenos, contornados por sobrancelhas bem desenhadas. Ela tomou a frente, Rebecca era seu nome, e me permitiu chamá-la pelo apelido, o que, pela brincadeira em meio às caretas, não deve ter sido da mesma forma com meu amigo.

Uma semana após o incidente, a vi conversando com Enzo sentada em um dos bancos de concreto no pátio da WE. Ele certamente deu um baita susto na moça, a vi pôr a mão no coração, certificando-se de que ele ainda batia. Me aproximei e me sentei ao lado esquerdo de Backy, a deixando espremida em nosso meio. Mesmo desconfortável, ela permaneceu ali, calada, enquanto eu jogava conversa fiada com Enzo. A verdade é que lançava olhares

discretos em sua direção, admirando a naturalidade de sua beleza. A pele morena e levemente bronzeada, as unhas pintadas de vermelho, os lábios perfeitamente delineados como na pintura de um quadro, cintilantes por um gloss rosa claro, nariz pequeno e levemente empinado... Não sei se me denunciei com os olhares, porque de repente ela se remexeu entre nós, como que para nos avisar que ela estava presente ali e estava vendo tudo.

Enzo imediatamente se levantou e decidiu esperar por Megan na porta de sua sala, que era quem ele estava à procura de fato, deixando Rebecca e eu por um momento a sós. Seu braço estava colado ao meu, e eu podia sentir em sua pele o calor, que subiu e deixou as maçãs de seu rosto coradas, e ela se afastou. Como eu não tinha assuntos em comum com Backy, optei por aquele que seria mais adequado no momento.

— E aí, como vai o pé?

— Hum, está ótimo — ela respondeu, encarando o pé recém recuperado, mas não olhou para mim, então me lembrei de algo que pudesse ganhar sua atenção.

— Recebi sua inscrição para o estágio — essa deu certo, mas quando me olhou, seu olhar era reprovador e preocupado, como se fosse errado eu saber sobre isso, e então esclareci que era eu quem as avaliava para o primeiro processo seletivo.

— Megan não te pediu nada a meu favor, pediu?

Esbocei um dos meus mais belos sorrisos, o que era uma de minhas armas de sedução, e quando fiz questão de dizer que ela era a única em não me pedir ajuda e informá-la do poder de meu sobrenome, ela me interrompeu dizendo saber quem eu era e que jamais pediria minha ajuda. *Por que jamais?*

— Jamais? — Perguntei, e sua expressão continuou firme, ela falava a verdade, mas eu queria saber o motivo por ser a única a não querer benefícios, quando todos queriam. Ela me deixou intrigado, mas não tive o prazer de interrogá-la por uma resposta convincente, porque fomos interrompidos por Amanda, que colou seus lábios nos meus por um segundo, e mesmo depois de apresentá-la à bela moça, a ignorou completamente, e essa foi a deixa para ela ir embora sem me dar o que eu queria.

Não me lembro o momento exato em que me comprometi com Amanda, ela era muito bonita e sensual, mas não fazia o meu tipo. Às vezes, nos atropelamos e fazemos escolhas ruins. Sim, foi uma escolha ruim, e o que eu ganhei em troca foi humilhação pública por todos a verem beijando outro cara numa festa abarrotada de conhecidos, mas e daí? Foi de certa forma um alívio, e quanto a opinião alheia, nunca me importei com ela.

O que eu detestava era todas as desculpas esfarrapadas de Amanda e garotas malucas se oferecendo para me consolar de alguma forma. Nunca fui de afogar minhas mágoas num copo de bebida ou na cama de alguém. Não que eu estivesse magoado, como eu disse, estava aliviado, mas geralmente é o que os caras da minha idade considerados normais fazem quando são traídos, não?

Mas aquela garota, ela era diferente, ela poderia ter me contado, mesmo que indiretamente através de Enzo, mas ela preferiu me poupar, me poupar de pegar minha parceira em flagrante, me poupar de uma humilhação ainda maior. Se sua namorada te beija como uma louca desvairada depois de retornar do toalete, cuidado, esse beijo pode significar *culpa*.

Amanda não me dava uma trégua, tinha explicações pelo seu ato impensado, desculpas de que me amava, de que foi um erro e tudo o mais que conseguiu como argumento para se defender, mas eu não queria reatar o namoro, não estava e nunca estive apaixonado por ela, sentia algo especial, mas por outra pessoa. Era cansativo tentar evitá-la e raramente conseguia, ela montava guarda em casa, me seguia no trabalho, colava em mim na faculdade, e era ainda mais complicado nossas famílias serem íntimas.

Enzo me fez o convite para ajudar na construção de um balanço de flores no casarão onde Megan mora. Era o lugar perfeito para eu poder respirar ar puro e poderia dar uma guinada na minha amizade com Backy, que também morava lá, então aceitei de cara. Eram oito horas da manhã e Enzo buzina na porta de casa, e antes que eu saísse, fui interrompido pela família de Amanda, que chegava para um *brunch* com meus pais, e ela estava junto deles, óbvio!

— Querido, não vai nos acompanhar? — Disse Madeleine, mãe de Amanda.

— Me desculpe, não sabia que viriam para um *brunch* hoje — falei.

— Não faça essa desfeita, meu amor, convide Enzo para se juntar a nós — intimou minha mãe, com um beijo leve em meu rosto. Ela ainda não sabia do término do meu namoro, eu não tive nem tempo de informá-la, mas revelou saber que havia algo errado quando sussurrou em meus ouvidos — Depois conversamos, está bem?

— Claro! — Respondi ambas as questões de uma só vez.

O café da manhã pareceu uma eternidade, duas horas intermináveis com Amanda ainda se passando por minha namorada, e eu me esquivando dos beijos e afagos, até que enfim conseguimos escapar direto para o casarão.

— Qual é a da regata? — Questionei Enzo.

— O que tem de errado com ela? — Perguntou, dando uma conferida ligeira na peça.

— Você quer conquistar alguém com isso aí? — Zombei dele

— Era para pôr a mão na massa, e não faria isso com essa sua camiseta engomadinha aí. E não pretendo conquistar ninguém, porque já fiz isso, só não sei como me declarar a ela.

— Posso pedir uma força para a amiga dela, se estiver sem coragem — desafiei suas habilidades de conquistador barato.

— Ahn, não enche, cara — resmungou quando atravessávamos os portões de ferro do casarão.

— Vocês estão atrasados! — Uma Megan bem irritada vinha ao nosso encontro e nem o abraço apertado e o beijo de Enzo amansaram a fera.

E lá estava ela, ajuntando cordas e algumas correntes bem pesadas, linda num rabo de cavalo e um vestido estampado alguns dedos acima do joelho. Eu a admirei por um instante enquanto Enzo a cumprimentava também com um abraço, até me livrar da posição estática quando Megan vociferava algumas palavras para Enzo, que agora a tinha pego no colo e a

girava de um lado a outro.

— Uau! Clima pesado para um trabalho tão bonito, não? — Realmente o balanço estava incrível, e eu não perdi a chance de cumprimentá-la — Oi, Backy — num impulso, dei-lhe um beijo no rosto, e com isso pude sentir o cheiro de sua colônia adocicada.

— Não esquentem a cabeça com a Megan, ela acordou com o pé esquerdo hoje, e não se preocupem, o trabalho por aqui já acabou. — Ela justificou a ação da amiga, e eu logo justifiquei nosso atraso, o que deixou Megan ainda mais irritada, levando Backy a arrastá-la para longe de nós por um momento.

— O que você fez a ela? — Perguntei a Enzo.

— Gostaria de saber — ele encolheu os ombros.

— Seja lá o que for, ela está bem irritada com você.

— Relaxa, eu amanso essa fera antes de irmos para casa — falou, a convicção na voz. Enzo era assim, um garanhão, mas não um rapaz que se aproveitava das moças, só das que ele realmente se interessava, e havia muitas aos seus pés. Mas, que eu me lembre, nunca uma na qual ele quisesse a ponto de se declarar.

— Que tal nos ajudarem com as ferramentas e depois partimos para uma sessão de fotos, os quatro? — Sugeriu Megan.

Concordamos sem hesitar, não queríamos despertar a ira da moça novamente, não agora, que parecia mais calma. Megan arrastou Enzo para a sessão de fotos com toda a galera presente ali. Quem estava guardando as ferramentas sozinha era Backy, e eu logo me prontifiquei a ajudá-la. Peguei as correntes pesadas de metal e coloquei na prateleira do cômodo destinado às ferramentas construído fora da casa. Ela não me deu muita bola, mas me agradeceu pela ajuda. Precisava de uma desculpa para conversarmos, só ficar observando sem dizer nada me deixava nervoso e desconcertado de uma forma que eu nunca havia sentido antes.

— Posso te fazer uma pergunta indiscreta? — *Sério, precisava usar a última palavra? Agora ela vai achar que sou um tarado.*

— Claro! — Ela respondeu, mas não esboçou estar preocupada com a pergunta.

— Megan é a fim de Enzo, não é? — Fiquei encabulado quando ela revelou ser uma amiga fiel, me dizendo que não deveria contar os segredos da melhor amiga e exortou minha indiscrição, então me desculpei.

— Tô brincando! Relaxa — ela falou enquanto guardava o restante do material — Ela não raciocina muito bem quando está perto dele, mas isso ele não precisa saber — agora ela me olhava com um sorriso maroto nos lábios, que só ganhou mais intensidade quando revelaram seus dentes, que acentuaram sua beleza, quando eu disse que seria nosso segredo. Era natural sorrir junto dela, tínhamos algo em comum.

— A propósito, me desculpe pela reação dela a pouco.

A fiz corar quando disse que estava feliz em estar junto dela, era para dizer que estava feliz por estar ali, mas me perdi em meio às palavras. Mesmo assim, não me arrependi em ter dito nenhuma delas. Pela primeira vez, eu estava apaixonado, neste instante meu status mudou de um admirador a um pretendente, e eu faria qualquer coisa para conquistá-la.

Passei quase dois meses só observando Backy. Ela era estudiosa e esforçada, dona de um riso natural, mas às vezes aparentava um semblante um pouco triste. O curioso é que nunca a vi com nenhum namorado, ou ela não tinha um, ou ele não era da cidade, sempre estava acompanhada das amigas, e quando um garoto se aproximava, ela parecia se retrair, não de forma acanhada, parecia agir por um instinto de autoproteção.

Em sala, era reservada, trocava poucas palavras e risos quando Enzo a enchia com suas baboseiras, e vez ou outra ele tentava me incluir na conversa, que raramente fluía com minha ex em nossa cola o tempo todo.

Sempre amigável e gentil, linda com os cabelos soltos lisos ou cacheados, com rabo de cavalo ou ainda trançados. Tímida? Pode até ser, mas tem algo mais, ela pode ter sofrido por amor, mulheres são um pouco complicadas em relação a sentimentos, ou ela os esconde para se proteger, ou os expõe em excesso, ou simplesmente não os tem. Mas quanto a ela, ainda era indecifrável.

Apreciava filmes, porque geralmente os passeios de fim de semana a levavam direto ao cinema do shopping. Quando não estavam no cinema, estavam numa biblioteca ou livraria. Enquanto Megan comprava maquiagens, ela comprava livros? Não pude conter um riso, isso era cômico, muito difícil uma mulher trocar a vaidade pela literatura. Não que ela precisasse, era deslumbrante mesmo ao natural.

Eu estava fascinado e, às vezes, a seguia pelos corredores sem que ela me visse, ou ainda nos fins de semana, quando conseguia me ver livre, e ela nunca desconfiou, mas alguém suspeitou das minhas intenções.

Amanda tinha me dado uma trégua naquela manhã de sábado, então decidi descobrir o paradeiro da bela garota. Deus!! Se alguém me visse seguir Rebecca assim, eu acabaria sendo preso por perseguição.

Quando a encontrei no centro na cidade, vi que estava discutindo algo com as amigas na porta de uma loja de trajes sociais. Elas não demoraram muito e resolveram entrar. Já eu fiquei dentro do carro parado do outro lado da rua, a metros de distância suficientes para não ser pego. Me distraí ouvindo algumas músicas em meu iPod. Não fazia ideia de quanto tempo isso levaria, e já fazia pouco mais de uma hora que elas estavam lá dentro.

Se, por inocência minha, acreditei que Amanda estava em casa e havia cansado de me importunar, estava errado. Ela escolheu outra vítima, e mesmo que indiretamente, ela me atingia. Tirei os fones de ouvido, na tentativa impossível de tentar ouvir o que as duas discutiam dentro da loja. Claro que eu não conseguia ouvir nada, mas eu conseguia ver: mesmo de costas para mim, conseguia ver Amanda agarrada a um dos braços de Rebecca, atacando com suas palavras, e os lábios perfeitos se movendo em sua defesa, devolvendo calma e lentamente a ameaça, mas o olhar, o olhar era estático, o famoso olho no olho.

Me perdi na intensidade daquele olhar, como poderia ela parecer tão frágil e ao mesmo tempo tão forte? Uma onda de raiva percorreu meus nervos, a mão agarrada ao volante deixava os nós dos meus dedos esbranquiçados. Precisava dar um basta na loira, enquanto era somente a mim que ela atacava, tudo bem, mas atacar Backy, eu não permitiria. Saí em disparada com o carro, quando as avistei sair da loja. Continuaría minha perseguição e arrumaria uma desculpa para falar com Backy, um almoço, talvez?

Dei meia-volta no quarteirão e desci a avenida principal, que dava acesso a várias ruas nas quais elas passariam a pé. Avistei quando entraram em um restaurante. Poderia convidá-la para um particular em minha mesa, o que foi impossível, porque demorei muito pra encontrar um lugar disponível para estacionar. Droga! Droga! Droga! Parecia um adolescente ridículo que não conseguia pensar direito, tinha um estacionamento particular no restaurante, e eu perdi todo esse tempo. Encostei a cabeça no volante, a mão agarrando meus cabelos, inspirei e expirei várias vezes para ver se alguma ideia madura me ocorria.

Eu vou até lá e o que me ocorrer na hora eu digo, pensei, mas não sou bom com improvisos. *Vou chamá-la para tomar um sorvete, o dia está propício a sorvete, não, não.* Esse meu descontrole emocional só me fez ficar ainda mais furioso.

Corri até o restaurante e esbarrei em Backy e as amigas já de saída.

— Olá, meninas — cumprimentei, tentando controlar minha tensão, e elas me responderam como um coral. Me adiantei — Backy, tem um minuto?

— Claro — ela respondeu, e pude ver que ela me analisava, eu deveria estar com uma cara péssima, porque ela logo perguntou:

— Está tudo bem?

— Comigo está, mas e com você? — Devolvi a pergunta. Tinha esperanças que ela partilhasse o ocorrido, mesmo sabendo que não tinha razões para dividir qualquer coisa que fosse comigo

— Tudo ótimo — novamente ela me respondeu. Certo de não ser a verdade, decidi ser mais

específico.

— Tem alguma coisa para me contar? — Minha esperança é que ela dispensasse as meninas e fôssemos juntos para qualquer outro lugar, ela me contasse sobre o acontecido na loja, e de gancho em gancho, eu atacaria, ou melhor, a convidaria para sair. Mas com Rebecca as coisas nunca eram simples assim, sua resposta foi infelizmente só um *"não"*. Lancei a ela um olhar duvidoso, mas não podia contar o que vi, porque isso desencadearia perguntas, e as respostas poderiam me levar a explicações que eu não saberia dar. Me despedi e entrei, afinal, estava faminto.

— Cara não acredito que você só me falou isso agora? Qual é, achei que fôssemos amigos!
— Repreendeu-me Enzo.

— E somos, é que eu ainda estava tentando me entender, não sabia direito o que estava acontecendo comigo. — Expliquei em minha defesa.

— Nossa, mas você demora para se encontrar, hein, fala sério! Já faz alguns meses que sua ex te deu um par de chifres de presente, achei que você estava estranho por causa disso. Se bem que eu sempre soube que você não gostava dela.

— Eu gostava dela, só que não do jeito que gosto da Backy

— Desse jeito louco? A ponto de arriscar sua liberdade a segui-la? Quando foi que perdeu o juízo? — *É brincadeira que meu amigo, que acabava de ultrapassar o sinal vermelho, estava me cobrando por juízo?*

— No mesmo dia em que perdi minha namorada. — Revelei o que nada era além de a mais pura verdade

— Você não está nada bem, não anda falando coisa com coisa.

— Ela é diferente, Enzo, poderia ter me contado sobre a traição, sobre a ameaça de

Amanda, poderia me pedir ajuda com o estágio, e não, ela simplesmente resolve seus problemas e, mesmo confiante e dona de si, ela parece tão... sozinha.

— E você quer fazer companhia a ela, oohh, que fofinho!

— Vai ficar de gozação com a minha cara? — Repeli — Tem algo errado com você também, desde quando você passou a ser todo certinho? Olha essa roupa, parece até um cara decente.

— Está ruim a minha roupa? Demorei horas para me arrumar.

— Cara! Olha para você, preocupado com a roupa. — Não conseguia parar de rir — Algo errado parece bom, pelo menos para nós.

— É, meu amigo, o jeito é reverter essa situação, e podemos fazer isso hoje — propôs Enzo.

— Como? — Questionei, ansioso em saber o que as vincas em sua testa significavam.

— Eu me declaro se você se declarar.

Já na festa, cumprimentamos a deslumbrante aniversariante. Íris estava ainda mais bonita que o normal, num vestido vermelho que destacava sua pele e os grandes olhos azuis. Mas não era a moça de cabelos ruivos a quem eu daria toda minha atenção durante a noite. Mesmo não tendo dificuldade, procurei acima das várias cabeças, e antes que eu pudesse avistá-la, alguém chegou até mim primeiro. Amanda.

— Olá, querido, só faltava você para a festa começar.

— Olá, Amanda — me desvencilhei do beijo. — Não somos mais um casal, e você sabe disso não?

— Ainda vai continuar com essa bobagem, nunca vai me perdoar? — Ela agarrou meu

pescoço e agora me balançava de um lado a outro em ritmo de dança.

— Já te perdoei, querida — respondi, sarcástico — Só não ficaremos mais juntos — me soltei de seus braços. *Seria muita maldade dizer o quanto ela era sufocante?* — Vamos curtir a festa, está bem?

Claro que ela não aceitaria isso como uma oferta de paz. Ela me sugava até a alma, e eu tinha que dar um basta de uma vez por todas, mas isso seria mais difícil do que eu imaginava. Precisava de uma bebida. Tinha duas coisas importantes para a noite: me livrar do chiclete colado em meus sapatos e ganhar o coração da morena que tinha acabado de avistar saindo do bar da festa. *Enzo, onde está você?* Minha visão estava ofuscada pela quantidade de pessoas, e não podia perder o foco de onde Rebecca estava. Procurava por um, sondava de soslaio o outro, até que achei.

— Ei, Enzo, encontrei as meninas, vem comigo — sussurrei, mas quando me virei, surpresa!

— Aonde vai, querido? — *Deus! Às vezes me irrita o fato de eu ter uma boa educação.*

— Ver o restante do pessoal — falei, arrastando Enzo dali, antes que ela fizesse mais perguntas ou tentasse me impedir.

— Caramba! Posso dar um tiro nela, se quiser. — Enzo ofereceu, incrédulo em meio ao riso, e eu, que não sou santo, respondi a brincadeira.

— Me faria um enorme favor.

Ao nos aproximarmos das meninas envoltas em uma roda, vimos que o papo parecia bem descontraído. Todas riam de algumas histórias bem bestas vindas de um cara alto e magricelo. Enzo logo invadiu a roda com seus cumprimentos afetuosos, um beijo mais demorado no rosto de Megan e outros dois na morena, sem interesse. Eu o segui instintivamente.

Rebecca estava incrivelmente bela num vestido que combinava com seu tom de pele moreno-claro, o batom vermelho destacava seus lábios finos e os dentes alinhados.

Frank era o nome do rapaz das piadas, ele até que era gente boa, mas a tentativa de conquistar a menina de cabelos tingidos de vermelho não estava dando muito certo, porque nenhuma delas parecia perceber a quem ele realmente gostaria de chamar atenção, embora a atenção em si ele ganhara, mas não a ponto de serem só os dois envolvidos na conversa. De certa forma, ele era mais esperto do que eu e Enzo; se não pode chamar atenção de uma garota, por que não ganhar também a das amigas dela. Confuso, eu sei. Mas, ainda assim, inteligente da parte dele.

Permanecemos ali tempo suficiente para nos inteirarmos das histórias, e como dois idiotas, darmos volume às risadas, o que de fato ganhou os olhares das pessoas ao redor e também o da Malévola na versão menos propensa a boazinha.

— Poderia me acompanhar, Alejandro? — Pediu Amanda, o tom autoritário na voz.

— Seria muito pedir para me dar um pouco de espaço? Não quero ser grosseiro, mas isso é muito chato. Conversamos depois, está bem?

— Não, não está nada bem, o que está acontecendo com você? Nem parece mais o mesmo.

— Sério! Vamos ser sinceros, você sabe que acabou e está arrumando desculpas. Eu ainda sou o mesmo, só não quero mais ficar com você.

— Por quê? — Ela questionou. *Céus! Como ela era cansativa.*

A questão ganhou um pouco mais de intensidade conforme seu tom de voz aumentava algumas notas, o alerta necessário para que o grupo no qual eu estava se afastasse, nos isolando. Percebi que Rebecca me dava as costas, emendando o grupo, há uma distância insuficiente de impedi-los de ouvir as palavras alteradas de Amanda.

— O que há de errado comigo? — Seu olhar era algoz, e ela tencionava cada nervo de seu corpo como se quisesse descontar toda aquela raiva em alguém. Me forcei a ficar calmo e a usar cautelosamente cada palavra, pois não queria causar tumultos, nem maiores constrangimentos.

Nem assim a convenci, teria que ser mais específico. Mas não faria isso ali, abriria o jogo com ela, diria que estou interessado em outra pessoa, e quem sabe, por uma intervenção divina, ela resolvesse me deixar em paz.

Pena que nem tudo na vida é como a gente quer. Ela mal me deixou fazer o convite para conversarmos em um outro dia, e atacou. Como se ouvisse meus pensamentos, ela soletrou cada palavra:

— *A menos que esteja interessado em outra pessoa.* — Bom, acertou em cheio, mas ainda assim, uma festa com tanta plateia não era lugar para resolvermos nossas divergências, e eu fiz uma prece para que ela não conseguisse ler minha mente novamente, mas os poderes dela eram surreais.

— *É ela, não é, Rebecca Donaway, é sua verdadeira razão.*

Mortifiquei.

Tanto eu insisti para que as coisas não saíssem do controle, mas nada adiantou, queria preservar a imagem de Rebecca e fracassei. Naquele momento, tudo o que eu queria era tirar ela dali, levá-la para bem longe dos holofotes, mas estava tão surpreso quanto ela. Achei que conseguiria camuflar meus sentimentos até que pudéssemos ter uma conversa agradável, afável, mais uma vez Amanda resolveu expor a mim e à outra pessoa na qual eu devia explicações e não sabia nem por onde começar.

— Backy? — Foi o que consegui dizer quando ela se virou para encarar a situação. Tentei controlar o nervosismo o máximo que pude, controlando meu tom de voz. Não que eu esperasse que ela dissesse algo, mas vê-la se despencar em lágrimas só me fez odiar ainda mais a mim mesmo por não ter dito antes o que eu realmente sentia., por ter deixado que alguém desprovida de bom caráter a acusasse, sem ao menos ela imaginar o que estava acontecendo. Sorte ela ser arrastada para bem longe de todo aquele alvoroço, e sorte Amanda ser mulher, porque tive que me conter ao máximo para não acabar com a raça dela.

— Você não tinha o direito — cerrei os punhos, me contendo.

— Então, estou certa? É o que você quer dizer?

— Certa ou errada, isso acaba aqui e agora, entendeu? — Saí à procura de Rebecca antes de ouvir uma resposta.

A encontrei sentada junto de Megan nas poltronas que ficavam afastadas da pista de dança, protegida por uma barreira humana. Ela parecia estar se recompondo, e eu precisava explicar a ela o motivo daquela loucura, e não iria passar daquela noite. A observei por um instante, e ela não conseguia me encarar, não sei se por vergonha ou raiva. A única coisa que sabia é que não podíamos conversar ali, não com todos os olhares direcionados a nós dois.

— Podemos conversar? — Meu pedido beirava uma súplica camuflada. Estendi minha mão e a deixei suspensa no ar até que ela decidisse o momento certo a aceitar meu pedido. Mesmo que levasse a noite toda, eu estava disposto a esperar. Não demorou muito, e ela pegou minha mão, o primeiro contato frio e úmido, mas que fez meu coração saltar dentro do peito.

Saímos da festa, e eu a levei até uma cafeteria que ficava próxima dali. Avistei uma mesa mais reservada numa das laterais, e foi nela que nos sentamos, frente a frente, unidos por um mesmo motivo. Seus olhos encontraram os meus, e enquanto pensava no que deveria dizer, fizemos o pedido das bebidas. Assim que a garçonete saiu, voltei a fixar sua expressão, que expunha os olhos vermelhos pelo choro. Ela parecia bem nervosa, segurava o pescoço com tanta força, que nem imaginava o quanto ele havia ficado marcado com tamanha agressão.

Pedi desculpas por Amanda, e ela fingiu não se importar e também se desculpou pelo descontrole emocional. Não que isso fosse necessário, mas Rebecca era assim: se desculpava sem ao menos estar errada. Tentei desconstrair o ambiente a lembrando da sorte de ter um guarda-costas por perto e consegui que um sorriso, mesmo desprovido de humor, se formasse em seu rosto. Na verdade, só estava ganhando tempo, tempo com ela.

Coragem!, eu dizia a mim mesmo, *Coragem!* Ainda sem desviar o foco, segurei suas mãos, que pesavam sobre a mesa, para tentar dar voz aos meus pensamentos. Ela as retraiu um pouco, mas as segurei de modo ainda mais firme, não iria voltar atrás e não deixaria de modo algum que ela fugisse.

— Ela está certa, Amanda está certa! — Falei, o mais sério que pude. Mesmo com frio na barriga, dei a largada, e agora precisava chegar até o fim. — Meu coração pertence a outra pessoa... Precisava contar a ela, precisava contar a você. — Não pude deixar de notar como isso a deixou intrigada de repente.

— A mim? — Ela disse — Por que para mim?

E então cuspi tudo para fora, de uma só vez, sem pensar ou analisar as palavras, e era toda a verdade, ela era a razão pela qual eu perdia o sono no meio da madrugada, acordava perdido em meio a devaneios e tudo me direcionava a pensar nela e em mais ninguém. Não sabia descrever em palavras o efeito que ela tinha sobre mim, mas em algum lugar desconhecido e novo dentro do meu ser, eu clamava por ela, e era estranho como meu senso de realidade se misturava ao turbilhão de novas sensações, fazendo com que eu perdesse quase que por completo meu autocontrole. Minhas pernas sofriam espasmos por debaixo da mesa, incontroláveis.

E o que ela fez quando eu enfim consegui dizer tudo? Gargalhou, como uma criança nervosa diante de uma situação constrangedora. Ela levou na brincadeira tudo o que eu disse, como se eu tivesse realmente lhe contado uma piada engraçada.

— Isso é loucura!

Quando mantive a expressão séria, ela pode perceber que não era de fato uma brincadeira e afastou suas mãos abruptamente, ajeitando uma mecha do cabelo, descrente. E por mais que eu estivesse confuso, estava lúcido o suficiente para dizer as coisas que disse, para saber que o que eu queria era ter uma chance de conhecê-la melhor.

— Você nem me conhece direito... — foi a resposta que ela dera a si mesma. Incomodada, ela se remexia na cadeira de olhos fechados, balançando a cabeça em negação. Precisava ser mais convincente e eu tinha argumentos para convencê-la de que a conhecia mais do que ela imaginava.

Comecei com o fato de nos esbarrarmos alguns dias antes, no restaurante, e embora eu soubesse da ameaça feita por Amanda, dei a oportunidade de Rebecca confiar a mim o

acontecido, o que ela não fez. Não que eu estava cobrando satisfações dela, porque ela não me devia alguma, só queria um motivo para podermos conversar a sós, e mesmo não tendo dado certo meus planos, eu a admirava ainda mais pelo fato de ela ser tão altruísta.

Rebecca bem que tentou, mas não conseguiu formular uma frase de desculpas por me ofender, então mirei o alvo e atirei a flecha: descrevi cada informação que obtive enquanto a seguia nesses últimos meses, sem revelar esse miserável detalhe no qual eu não me orgulhava muito. Me forcei a contar até mesmo os meses e os dias que já nos conhecíamos, questionando somente a maneira que se portava perante o sexo oposto. De um jeito menos ofensivo, talvez até carinhoso, a chamei de medrosa, mas ela pareceu não prestar atenção nessa questão, para minha sorte.

— *Uau!* — Ela disse, seus olhos grudados nos meus. Ela me analisava, ponderando o senso de minhas palavras, e não disse nada por minutos a fio.

— Sinto muito as coisas terem chegado a esse ponto, não era para ser assim, queria ter contado antes, mas não levo jeito com essas coisas. Quanto ao meu namoro com Amanda, acho que, depois de hoje, espero ela ter entendido que já acabou há muito tempo, vou me certificar disso caso seja necessário. A verdade é que ela não consegue aceitar, e se torna incansavelmente sufocante. — Eu parecia falar sozinho, o simples fato de ela não dizer nada me deixava inquieto, mesmo tentando controlar o nervosismo, minhas mãos falavam juntamente com as palavras, e ela continuava com os olhos cravados em mim e em meus movimentos, mas seus pensamentos estavam certamente bem longe dali.

Seus devaneios foram interrompidos quando Megan a sacudiu pelos ombros. Ela dividia o olhar entre mim e a amiga, tentei adivinhar pelas suas expressões faciais se ela ouviu qualquer coisa do que eu havia dito e cheguei à conclusão de que era mais provável que não. Quando ela enfim resolveu dizer alguma coisa, foi como se me jogasse um balde de água fria, mas eu não desistiria tão fácil.

— Você deve estar confuso, você não pode se interessar por mim, ou, pelo menos, não deveria. Sinto muito, preciso ir.

Num impulso, me levantei, impedindo que ela saísse sem compreender o que eu queria que

ela soubesse. Cheguei perto o suficiente para sussurrar em seu ouvido: “*Rebecca Donaway, eu estou apaixonado por você*”.

Me senti aliviado e ao mesmo tempo temeroso, como se tudo o que eu estava sentindo compusesse a frase formada por aquelas palavras. Corada e superficialmente assustada, Rebecca se despediu e foi embora. Não me restava alternativas, precisava arrumar uma forma de mostrar através de ações e não só palavras.



Amanheceu, e eu nem percebi o quanto a noite tinha passado depressa. Dormi poucas horas, que pareceram minutos, e nas demais, revezei vendo vídeos do YouTube e descendo até a cozinha para beber água. Tentava imaginar como Backy estaria se sentindo após as revelações da noite, mas nada de concreto meu preocupado cérebro conseguia formular. Eu estava fisicamente cansado, mentalmente esgotado e completamente sem sono.

Numa de minhas idas à cozinha, fui surpreendido pela minha mãe atrás de mim, encostada na bancada da cozinha, enquanto eu jogava água de uma das garrafas da geladeira goela abaixo.

— Oi, mãe, acordada essas horas?

— Uh-rum! E pelo jeito, não sou a única que anda perdendo o sono. Está tudo bem, querido?

— Tudo — respondi com um sorriso.

— Quer me contar o que está acontecendo? — Minha mãe tinha um *feeling* impecável, sabia que eu estava escondendo algo dela. Coisas de mãe.

— Ao amanhecer, parece cansada e deveria tentar descansar um pouco. — Beijeí sua testa, e ela acariciou meu rosto, olhando fixamente para mim.

— Nunca o vi perder o sono, e isso já vem acontecendo com frequência. Já perdi as contas de quantas vezes o vi perambular pela casa hoje. Estou preocupada, Alejandro, precisa se abrir comigo, filho.

— Estou bem, mãe, as coisas saíram um pouco fora de controle, mas logo elas entrarão nos eixos.

— Isso tem a ver com o término de seu namoro?

— É mais ou menos isso, mamãe, não deve se preocupar com bobagens — dei-lhe as costas, rumando fugir do assunto.

— Bobagens que te fazem vagar feito um zumbi pela madrugada, a essas que você se refere?

Suspirei fundo, minha mãe não desistiria em saber mais, então virei novamente em sua direção e simplifiquei:

— Amanda me traiu e vive como um carrapato grudada em mim o tempo todo, sugando meu sangue lentamente, me cobrando explicações pelo fato de eu não a querer mais, e até aí, eu levei na boa, mas ela agora não se contentou em ferir só mim e resolveu incluir meus amigos nessa guerra, os expor por pura imaturidade e egoísmo. Basicamente, é isso — dei de ombros.

— Sei — ela semicerrou os olhos, me analisando com um olhar intrigado — Quando estiver disposto a me contar o verdadeiro motivo da insônia, estarei toda ouvidos, meu amor — ela me puxou pelo pescoço até alcançar meu rosto para me dar um beijo e me deixou sozinho novamente, iluminado somente pela pouca luz que a lua decidiu partilhar.

Eram seis da manhã quando o sono enfim resolveu aparecer, aquele tipo de sono que parece te dar uma rasteira, te deixando completamente apagado após uma concussão, e quando acorda, sente a cabeça latejar como se uma britadeira insistisse em perfurar seu cérebro, fazendo com que seus olhos se esforcem ao máximo para ajustar o foco.

Tomei uma chuveirada para despertar e desci para o café da manhã. A mesa grande, posta para servir um batalhão, estava ocupada apenas pelo patriarca da casa, que insistia em acompanhar as estatísticas da economia nas páginas de um jornal. Entre um gole e outro de café, corria os dedos pelas páginas e fazia anotações num bloco de notas. Meu pai definitivamente não adotou as modernidades do século XXI, resumindo, ele não era fã de tecnologia.

— Bom dia, pai.

— Bom dia, Thomas, como foi a festa de ontem?

— Agitada — falei enquanto me servia de uma xícara de café, sabia que a pergunta era só um meio dele partir para o assunto considerado por ele prioridade, como era de costume em todas as manhãs.

— A propósito, tenho uma reunião com alguns acionistas na segunda de manhã e gostaria que estivesse presente, tudo bem perder aula?

— Tranquilo — respondi — Mas, se permite perguntar, por que me quer presente numa reunião como essa, se sou apenas um dos gestores dos Recursos Humanos?

— Um futuro CEO precisa estar ciente de como funciona os projetos ainda em pauta, Thomas — falou, me olhando por cima das folhas do jornal.

— Claro! — Eu disse, embora isso fosse demorar alguns anos para acontecer, nunca é cedo ou tarde quando o lema é aprender. O que me incomoda de verdade é meu pai ser o único a me chamar pelo segundo nome, parece que ele sempre se refere a uma terceira pessoa, e não a mim.

Meu celular bipou uma mensagem de Enzo minutos após meu pai ter saído da mesa, para minha sorte.

Bora ver um filme no fim da tarde ou tá de bode?

Respondi:

Bora.

— E aí, como foi ontem com a Backy? — Enzo me perguntou quando estávamos a caminho do cinema.

— Sinceramente, não sei se ela ouviu qualquer coisa que eu disse.

— Por que você acha isso?

— Sei lá, acho que a assustei e acabei metendo os pés pelas mãos. Preciso conversar com ela em uma outra oportunidade, quando estiver mais calma, foi muita informação para uma noite só.

— Não sei você, mas eu já teria encomendado um caixão para a loira intrometida, ela é louca.

— É louca e está querendo me deixar louco também. Mas e você, quais foram os avanços com Megan?

— Não foram grandes avanços, mas roubei um beijo dela.

— Assim, do nada, sem conversa, sem melação?

— Pois é, aproveitei que você raptou a amiga dela, e quando fomos procurar por vocês, agi. Até tentei falar alguma coisa, mas nada de muito romântico surgiu, então beijei ela e pronto. E antes que você pergunte, ela retribuiu, e foi muito bom.

— Sério? Assim, tão fácil! — Exclamei, incrédulo, enquanto estacionava o carro numa vaga disponível no shopping — Sem ofensas à Megan.

— Mulheres são uma caixinha de surpresa, AJ, dê um tempo pra Rebecca processar a noite de ontem. Ela é bacana, e vocês vão se entender.

— E você é um conselheiro tipo Hitch? — Eu ri enquanto seguíamos descontraídos pelos corredores.

— Sou melhor que isso, talvez um adivinho: olha quem está na fila do cinema.

Coincidência ou não, o universo está conspirando a meu favor pelo menos uma vez na vida. Enzo tomou a frente, todo galante pra cima das meninas.

As cumprimentei sem muito afeto, quis dar espaço para não causar mais constrangimentos. Enquanto meu amigo conferia o filme que elas assistiriam com Megan, me dirigi a Backy, para que ela não evitasse olhar para mim. Estávamos ambos desconcertados com a situação, e ela me respondeu apenas com um sorriso sem graça.

Coincidentemente, assistiríamos ao mesmo filme, e Enzo, todo faceiro, propôs que sentássemos todos juntos.

— Uma ótima oportunidade para convidar Rebecca para uma conversa — sugeriu Enzo a caminho da sala de projeção. Maneei a cabeça em aprovação à sugestão.

Foi só quando pegamos nossos óculos 3D que percebi que Rebecca havia se dispersado de nós, correndo até o sanitário mais próximo.

— Vocês reservam nossos lugares, e eu espero a Backy. — Disse enquanto me encostava na parede escura do corredor mal-iluminado, brincando com o objeto entre os dedos enquanto a aguardava retornar. E quando ela me viu parado ali, seu olhar era exasperado, assim como seus passos.

Bloqueei sua passagem com meu próprio corpo, que era mais alto e mais robusto que sua silhueta delicada. Com minhas mãos, segurei seu rosto pequeno e a obriguei me olhar bem fundo nos olhos. Minha vontade era de beijá-la naquele momento, impedindo que ela fugisse da prisão de minhas mãos, e foram essas as palavras que me impediram de realizar meu desejo.

— Por favor, não fuja de mim — falei, me controlando ao máximo, sem mover um milímetro meu corpo, evitando o impulso de puxá-la para mais perto. Zombei de mim mesmo

em pensamento, realmente estava a ponto de estragar tudo mais uma vez. Prestes a perder o controle, fui surpreendido quando ela resolveu compartilhar sua paixão por cinema, afastando minhas mãos e me arrastando sala adentro.

Durante o filme, o silêncio entre nós foi quase total, com exceção de algumas poucas risadas e entonações de “ohhh!”.

Meus pensamentos eram de como faria o convite para uma conversa, nunca precisei fazer isso antes. É tudo mais simples quando não envolve sentimentos.

Aguardamos sentados enquanto a maioria das pessoas se espremiavam na saída. Enzo não perdeu a chance de fazer uma piada sobre os galãs do filme, e eu entrei na brincadeira.

A caminho do guichê do estacionamento, Enzo cochichou em meu ouvido como um conselheiro que ele resolveu encarnar naquele dia.

— Não perca essa chance, eu distraio Megan, e você faz o convite.

— Como se isso não o beneficiasse, meu amigo — zombei, e ele correu até a loira enquanto eu alcançava meu alvo.

Era incrível a amizade das duas moças, uma completamente diferente da outra, opostas em questões simples, como a maneira que Megan se comportava quando estava feliz, risos altos e escandalosos. Já com Backy, as coisas eram mais reservadas, como se a calma precisasse da tempestade.

Fiz a pergunta que fazia a mim mesmo em voz alta enquanto invejava a forma descontraída de meus amigos à minha frente.

— Dizem que os opostos se atraem, será que isso vale em questões de amizade?

Backy se prontificou a respondê-la. Mesmo que não fosse o que eu esperasse ouvir como resposta. Enquanto eu fiz uma breve análise da amizade dela, ela fez uma também da minha, e não que eu e Enzo fôssemos iguais, mas nunca imaginei ser tão diferente dele. Talvez porque

eu o conhecesse há quase uma vida toda, me imaginava mais parecido com ele do realmente era.

— Você e Enzo são opostos, ele todo descolado, e você mais pé no chão. Acho que essa amizade deu certo, não?

Ela tinha razão, ele era bem mais descolado, mas eu tinha meus momentos, só que não conseguia usufruir destes momentos quando estava com ela. Havia um bloqueio, e quando tentei demonstrar a ela, pareceu ridículo, mas o suficiente para ganhar mais de seus sorrisos.

Aproveitei o momento e a intimei para uma conversa, e para minha sorte, ela concordou. Prometi um passeio para o fim da tarde de domingo e, num impulso, a envolvi em um abraço, chocando seu corpo contra o meu. Aquele era nosso desfecho, e não queria que acabasse como na noite anterior.

Dei-lhe um beijo no alto da cabeça, embora o que eu realmente quisesse fazer era beijar cada centímetro de seus lábios. Me controlei, apertando meus braços à sua volta, e recitei Clarice Lispector à minha amante de poesias. Certamente ficamos abobalhados quando estamos apaixonados, mas eu era um bobo feliz e queria mais dela, precisava dela em minha vida. Ela não era meu oposto, como aos olhos de muitos parecia ser, ela era a metade que me completava, a metade que faltava em mim.

No domingo, antes do pôr do sol, como combinado, peguei Rebecca no casarão, e rumamos até o parque de diversões, que ficava a poucos quilômetros da cidade. Me senti um pouco culpado por ter escolhido aquele local, porque ela estava lindamente vestida para um passeio mais formal, o que definitivamente não era o caso. Apesar de parecer chateada por não estar adequada à moda do parque, ela levou na boa a ideia de nos divertirmos um pouco e ainda me desafiou a sentir a adrenalina que o parque nos oferecia, e não era pouca. O fato de ela se agarrar a um de meus braços já me fez desejar ainda mais toda adrenalina possível em que ela estivesse inclusa.

Caminhamos por toda a extensão do parque e em momento algum falamos sobre o acontecido da sexta-feira. Rebecca estava absorta em pensamentos e exibia expressões de espanto enquanto observava a grande torre despencar com seus integrantes malucos. Mais cedo

ou mais tarde, teríamos que ter aquela conversa, mas a deixei aproveitar ao máximo, tudo parecia ser novidade para ela. Incrível que para algumas pessoas pareça ser a coisa mais idiota do mundo um parque de diversões, mas justamente por nos fazer experimentar novas sensações foi que escolhi o local. Pelo menos o frio na barriga dividiria espaço com a ansiedade que eu estava em dizer alguma coisa que fizesse o menor sentido para ela, por estar ali, por desejá-la.

— Montanha-russa? — Ela sugeriu, e eu confesso que me surpreendi, achei que o máximo que aproveitaríamos dali seria a roda-gigante, já que ela ficou deslumbrada quando a viu.

Vinte minutos numa fila pareciam uma eternidade, ainda mais quando um casal troca beijos aos montes bem na sua frente, e tudo o que você queria era estar fazendo o mesmo. De costas para mim, Backy baixou a cabeça e encarou os pés. A segurei pelos ombros e ofereci minha mão caso estivesse com medo. Se eu me permitisse ser *bad boy* por um segundo, a giraria facilmente e a prenderia em meus braços e beijos, mas eu ainda era um bom moço, por enquanto.

Acomodados e nem um pouco confortáveis, lado a lado, estávamos prontos para a partida. Fitei os olhos da morena e segurei sua mão próxima à minha. Era visível o medo neles, e preso em meio ao cinto de segurança e trava de proteção, era a única parte minha que poderia lhe oferecer ajuda naquele momento. O percurso foi rápido, esmagador, seus dedos agora apertavam os meus, que já não tinham mais cor, e mesmo se desculpando quando descemos, ela não soltou minha mão e pareceu nem perceber isso.

Caminhando até o ponto central do parque, ela estava pálida e sentia náuseas, então ofereci uma garrafa de água, que ela aceitou sem hesitar, arfando, inspirando e expirando. Ela buscava ar para seus pulmões, e eu a olhava sorrindo, pois, mesmo em meio a todo aquele pavor, ela era linda. Não contive o riso por vê-la procurando por melhora, e ela pareceu zangada pois achava que eu estava me divertindo com a situação e não estava, só estava lhe dando espaço, mas eu podia ajudar e foi o que eu fiz.

Sessões de Discovery Channel são cultura e nos ensinam a controlar nosso corpo e mente como ninguém. Segurei sua cabeça, e ela direcionou o rosto a mim e, mesmo desconfiada do que eu faria a seguir, se deixou levar quando pedi que fechasse os olhos por um momento e

seguisse minhas instruções por determinadas vezes. Mesmo após ter terminado, ela permaneceu de olhos fechados, o rosto tranquilo e surtindo cor.

Seus lábios eram convidativos aos meus, e me aproximei, ficando a poucos centímetros dele, mas novamente me controlei, cauteloso. *"Fizemos um grande progresso"*, falei, e de longe era sobre o estado dela que eu estava me referindo, era o mais perto que eu havia chegado dela, mais próximo que isso seria o paraíso.

Sentados num banco de concreto do parque, a envolvi num meio abraço, encostando sua cabeça em meu peito até que ela realmente se sentisse confortável a continuar. Mesmo tensa, ela me permitiu desenhar cada curva de seu rosto com os dedos. A ideia de tomar seus lábios ainda não tinha se esvaído da minha mente, e seria muito fácil levantar seu rosto até o meu, ela estava presa a mim.

Recuperada, demos mais uma volta no parque e paramos para admirar mais uma vez a roda-gigante. Os olhos de Backy cintilavam juntamente com o vermelho das cabines, brilhante devido a milhares de lâmpadas que se agarravam à estrutura metálica. Aquele parecia ser seu maior desejo até agora, e a convidei para uma última atração antes de retornarmos para casa. Nos acomodamos na cabine, e me senti aliviado por mais ninguém nos fazer companhia, queria realizar um desejo de Rebecca sem ninguém interferindo, e quem sabe, se ela quisesse me recompensar depois, ficaria mais à vontade por estarmos sozinhos?

Backy admirava a lua cheia acompanhada das estrelas, e eu a imensidão do mar com suas águas cintilantes e a garota ao meu lado. A cutuquei a fim de compartilhar tal beleza da natureza, e ela ficou radiante ao ver do que se tratava.

Solavancos a jogaram para cima de mim, e era tudo o que eu precisava para que ela chegasse mais perto. Sequenciais, eles a jogaram espremendo seu corpo ao meu no canto da cabine. Com o coração disparado e o corpo numa onda frenética de calor, a puxei para mais perto quanto ela tentou se afastar. Com meus braços, a agarrei, e agora novamente seu rosto estava bem próximo ao meu, sua mão pousada em meu peito e meu coração batendo de encontro a ela. Não recuaria desta vez, não perderia mais uma chance. Segurei seu rosto com uma mão, depois a outra, na defensiva para que ela não fugisse de mim, olho no olho, e sussurrei para que ela soubesse meu próximo passo. Não conseguia mais me controlar,

impossível estar tão perto e não poder beijá-la.

Queria ter o poder de controlar o tempo, para poder me perder naquele momento sem me preocupar com a hora de parar. Ponderando a pressão de meus lábios nos dela, me delicieei no beijo delicado, suave, como se a definição de felicidade fosse beijar Rebecca. Um beijo trêmulo, com leves espasmos, fazia minha espinha toda arrepiar, uma sensação nunca experimentada antes, uma nova sensação de prazer.

No caminho para casa, enfim tocamos no assunto ao qual nos levou a um encontro na tarde de domingo. Tudo esclarecido, sem cobranças, sem lamúrias. Estar ao seu lado era melhor do que eu pensava que fosse, o beijo, o cheiro adocicado do perfume, a pele macia, o toque delicado de suas mãos na minha, um pedaço do meu paraíso.

Dormir à noite seria ainda mais complicado que nas anteriores, mas desta vez eu poderia sonhar acordado e recordar o que de bom eu havia conquistado. Até pensei em ligar e dizer que não conseguia parar de pensar nela, mas pareceu idiota até para um adolescente fazer isso, então desisti da ideia.

Assim que amanheceu, antes de sair para a aula, consultei meus e-mails relacionados à empresa. A seleção dos estagiários para a próxima fase estava concluída, e eu corri os olhos pela lista, à procura do nome que não me saía da cabeça, e lá estava ele, Rebecca Donaway era uma das selecionadas. Eu poderia dar a boa notícia pessoalmente. Embora ela não gostasse de privilégios, já havia sido encaminhado a ela o resultado via correio eletrônico, e a chance de ela ainda não ter visto era possível, mas não quebraria suas regras. Imprimi a carta de parabenização e fui até o casarão levá-la formalmente.

Me forcei para parecer o mais sério possível ao entregar a ela a carta, me contendo para não devolver o sorriso de dentes expostos que ela esboçou ao me ver. A princípio, consegui enganá-la com desculpas e enfim entreguei o envelope. A minha expectativa era que ela o abrisse de imediato, pulasse no meu pescoço, feliz com a novidade, e me agradecesse com beijos calorosos, mas ela nem deu importância ao envelope timbrado que eu acabara de entregar em suas mãos, realmente ela não dava a mínima para futilidades.

Me agradeceu, fechando o semblante e ainda me exortou ter vindo até ela para o entregar e

baixou o olhar, pensativa. Realmente me surpreendia com suas atitudes racionais, então fiz a pergunta que pensei que qualquer curioso faria:

— Não vai abrir? Não está curiosa...?

E o assunto se voltou em curiosidade a mim, e por qual motivo? Meu olhar, foi o que ela disse, eu devo ter caprichado na atuação. Caramba! Ela ia demorar muito para abrir, não ia aguentar esperar o dia todo para os agradecimentos. *Por favor, abra logo esse envelope, estou tentando ser profissional...* Dane-se, eu não ia mais esperar por nada, eu ia pegar logo o que eu queria, se ela não quer ter privilégios, eu quero todos os que tenho direito, quero todos os beijos e formas de ter seu corpo junto ao meu.

Decidimos encarar juntos os olhares dos colegas de faculdade, seríamos nós dois e Amanda contra os olhares de todos, não deixaria Rebecca sozinha, não desta vez. Não importava com o que falariam de mim, mas sei que para ela isso seria mais complicado. Preparados para a enxurrada de olhares, quando chegamos, não tinha mais ninguém no pátio, nos despedimos e seguimos para nossas salas, teríamos o terceiro tempo para nos vermos mais uma vez.

A pior coisa de fazermos promessas é que nunca sabemos quando algo nos impedirá de cumpri-la. No meu caso, eu sabia, mas havia esquecido completamente a reunião com os acionistas, só me dei por conta quando meu celular bipou o alerta que programei para não esquecer. Com minha saída de emergência para a empresa, encarreguei Enzo de ficar na cola de Backy durante a próxima hora, não sabia do que Amanda seria capaz, e ela estaria lá, já que não teve vergonha de se dirigir até mim para uma conversa que evitei acontecer por estar atrasado.

Após a reunião, enviei pedidos de desculpa à Backy pela minha ausência e, embora Enzo já havia me contado em detalhes como ela havia se defendido vorazmente, não deixei passar a ideia de recompensá-la por quebrar a promessa. Meus pais visitariam uma das filiais da empresa no exterior na quinta-feira, então teria a casa livre para mim, uma oportunidade de ter um momento a sós de verdade com Backy e cumprir a nova promessa de valer à pena.

Foi por esse motivo que a coloquei contra a parede em um dos corredores da universidade no dia seguinte e ganhei cutucões de seus dedos finos na costela por tê-la assustado. Mesmo sendo infeliz na piada de duplo sentido que fiz quando ela me questionou querer matá-la, bem que gostou da travessura por um momento, até ficar novamente apreensiva quando eu contei sobre os planos para a próxima quinta-feira.

— O QUÊ?! Não posso ir na sua casa — murmurou de olhos fechados. Me aproximei, bem perto, a fim de sugar todo o ar à sua volta até que ela implorasse pelo meu.

— *Está liberada* — sussurrei, baixando um dos braços, liberando sua passagem quando pensamentos maldosos me surgiram à mente ao vê-la morder o lábio inferior, ponderando em aceitar ou não meu convite. Pelo bem da minha sanidade, era melhor começar a controlá-los.

No dia seguinte, não vi Rebecca, não fui à universidade por não ter avaliação nesse dia, então apenas desejei boa sorte com a entrevista que sabia que ela faria mais tarde, e aproveitei o tempo livre da manhã para buscar ideias com a única pessoa que podia me ajudar sem me sabotar: minha mãe.

Ela estava terminando seu café da manhã quando me sentei bem à sua frente, escolhendo as palavras certas para usar com o pedido de ajuda.

— Mãe, está muito bonita esta manhã.

— Obrigada, querido, já tomou seu café?

— Já sim — confirmei, tamborilando os dedos sobre a mesa.

— E o que realmente você deseja? Só fica ansioso assim quando quer me dizer ou pedir algo.

E ela tinha razão, nunca sabia por onde começar uma conversa desse tipo com minha mãe.

Não que sempre temos papos sobre garotas, tivemos apenas uma vez, quando ela resolveu me informar de como as garotas curtem preliminares, uma conversa que jamais imaginaria ter, com meu pai sim, mas nunca com minha mãe.

Como deu certo da primeira vez, e eu nem havia pedido ajuda, acredito que a conversa dessa vez fosse menos constrangedora, já que eu não precisava de qualquer conselho relacionado a sexo, mas sim de um para preparar um ambiente romântico para conquistar Rebecca.

— Mãe, estou apaixonado por uma garota, gostaria de preparar uma noite especial e preciso de ajuda.

— Apaixonado! Nunca o vi pronunciar tal palavra, tem certeza disso?

— Acredite, mãe, estou tão certo disso como o ar que respiro.

— Ai, meu Deus! Com certeza está — ela falou, boquiaberta — Seus olhos flamejaram quando disse estar certo. Qual o nome dela?

— Rebecca — revelei, tímido.

— E ela gosta de você?

— Essa é uma pergunta que não sei responder, estamos nos conhecendo, mas eu já sei definir o que sinto e pretendo reforçar isso para ela.

— Certo, e além de apaixonado, você está inseguro também!

— Sim. Estou.

— Olha, tenho certeza que ela deve ser uma garota especial, ou não teria ganhado seu coração assim, facilmente, filho... Você se lembra da primeira conversa que tivemos sobre preliminares? — *E eu pensando que não haveria nada de constrangedor... Onde minha mãe queria chegar com isso?*

— Impossível esquecer, mãe — cocei a cabeça, confuso.

— Pois bem, numa conquista acontece mais ou menos a mesma coisa, você precisa preparar o campo, cortejá-la, mas não a ponto de ela se sentir sufocada, tem que dar espaço e tempo para ela processar os prós e contras de estar com você, entende?

— Na verdade, não, como eu faço isso? — Perguntei, curioso.

— Quando eu tinha dezenove anos, tinha um namorado, e ele era tudo para mim, todos o adoravam, e eu acreditava que o amava mais que a mim mesma. Só que ele nem sempre foi o que prometia ser. Eu estudava botânica e sempre amei plantas, flores e tudo que podia ganhar vida com sementes e modificações genéticas, e, a princípio, ele dava ouvido às minhas loucuras. Passado um tempo, ele simplesmente me ridicularizava toda vez que eu compartilhava com ele uma experiência. Todo o encantamento se esvaindo junto com os meses em que ficamos juntos, e acho que é por isso que nunca tivemos nada muito sério de verdade.

— Achei que meu pai tivesse sido seu primeiro namorado — contestei

— Não, Alejandro, seu pai não foi meu primeiro namorado, ele foi e é o meu primeiro amor, querido. Quando estamos apaixonados por alguém, temos que alimentar esse sentimento, temos que conquistar a pessoa todos os dias, porque paixão é passageira, mas amor é eterno e tem que ser cultivado.

— E como conheceu o senhor meu pai, então?

— Numa das apresentações da minha turma a empreendedores floristas da cidade, fizemos modificação na genética de uma rosa a fim de criar uma nova espécie em tom azulado. Seu avô era amante de flores e foi até a nossa exposição acompanhado do belo filho, seu pai. Ele me ouviu explicar em detalhes o que pretendíamos com aquela modificação e não desviou o olhar nem por um segundo enquanto eu pronunciava cada palavra. Ao terminar a apresentação, ele veio até mim e elogiou meu trabalho, enquanto meu atual namorado ficava do lado de fora monitorando a cada segundo as horas passarem pelo relógio de pulso. Com poucos minutos de conversa, eu contei a seu pai o sonho de adquirir uma espécie de flor rara que era produzida somente na Holanda, e ele se preocupou em perguntar cada detalhe da flor, e depois desse dia

só o encontrei novamente uma semana depois.

Enquanto me contava os detalhes, minha mãe me pediu para segui-la até a estufa, onde ela plantava e conservava todos os tipos de flores possíveis, e continuou:

— Nesse período, meu namoro havia acabado devido às crises de egoísmo e ciúmes sem fundamento, e eu achava que uma parte de mim havia sido levada por ele, até que um dia, na saída da universidade, seu pai estava à minha espera, sentado num banco do outro lado da avenida, bem em frente ao portão central. Ele segurava um pequeno vaso com flores miúdas amarelas.

— A flor da Holanda? — Perguntei.

— Ela mesmo. Entende como um simples gesto pode ganhar o coração de alguém?

— O gesto dele ir até a Holanda buscar sua flor preferida não me parece um feito nada simples, mamãe.

— Não foi ele ter ido até a Holanda que me fez amá-lo, filho, foi por ele ter me ouvido, prestado atenção nos meus desejos, no que eu ansiava para mim. Se ele aparecesse com qualquer outra flor, eu me apaixonaria da mesma forma. Veja, aqui está ela — ela me deu um punhado das flores amarelas — Elas são especiais para mim porque me trouxeram seu pai, agora você tem que descobrir o que é especial para sua Rebecca.

E mesmo em meio ao sentido figurativo, eu compreendi o que ela estava tentando me ensinar. Precisava deixar Backy escolher se o que eu tinha a oferecer era o que ela realmente precisava, embora ela ainda não soubesse o que isso significava. Minha mãe ainda me ajudou com dicas para arrumação do local, da mesa e até do cardápio. Simples, discreto, perfeito.

Antes de ir para o trabalho, passei na joalheria de costume da família para comprar um presente para Rebecca, uma joia que simbolizasse algo, que descrevesse nós dois. Quando avistei a pulseira, foi como se ela estivesse à minha espera: fina e delicada, com um pingente em formato de roda-gigante, o lugar onde demos nosso primeiro beijo. Com certeza ela se lembraria toda vez que a olhasse.

Na porta da sala onde Backy estava, eu aguardava com algumas das flores amarelas que colhi com a permissão de minha mãe. Conquistá-la me parecia uma missão árdua e, embora me parecesse ridículo oferecer as flores, eu já não me importava em não parecer normal.

Assim que me viu, veio ao meu encontro sorridente e toda travessa. Perguntei sobre a entrevista, e ela pareceu ter dúvidas do bom desempenho, e embora eu não tivesse nenhuma, ela é quem não concordava com privilégios.

— O que você está escondendo aí atrás? — Ela perguntou, e revelei a surpresa, as flores amarelas, que em quantidade suficiente, formavam um pequeno buquê. Enfeitei seu cabelo com uma das pequenas flores e a entreguei o restante. — São lindas!

E embora ela tenha sido sincera, não entendi o vinco que formou em sua testa ao mesmo tempo em que disse tê-las adorado e me dado um abraço apreensivo. Teria eu feito alguma coisa errada? Por que o que eu pensava ter sido gracioso pareceu ser tão atormentador?

— Enzo, posso te perguntar uma coisa? — Sabia que eu poderia perguntar o que quisesse, e não era uma pergunta, só a fiz para ele realmente prestar atenção. — Megan alguma vez comentou sobre Rebecca ter tido um namorado, ou um ficante, ou qualquer coisa do tipo?

— E por que isso agora, por que a insegurança? — Ele falou enquanto abria a porta do carro no estacionamento.

— Responde, por favor?

— Humm... Me parece que teve um que era amigo dela, mas não entrou em detalhes, e eu também não perguntei, não era do meu interesse.

— Mas é do meu, por que não perguntou?

— Como é que eu ia saber que você queria saber? — Ele ergueu as mãos em reação ao questionamento.

— Valeu, amigão, ajudou pra caramba!

— Minha nossa! O que está acontecendo? Você tem um jantar marcado com a garota dos seus sonhos, e fica nessa paranoia?

— Paranoia é pouco, acho que estou tentando conquistar um coração que já tem dono.

— E por que você acha isso?

— Sinceramente, só pode ser esse o motivo para ela não ficar à vontade comigo, parece sempre assustada e incompleta, absorta num mundo paralelo, sei lá, loucura minha, talvez.

— Você não está apaixonado, não é? Você a ama, cara. — Concordei, assentindo e enterrando as mãos nos cabelos.

— Loucura, isso tudo?

— Loucura ou não, desce do meu carro, que o seu está estacionado aí do lado. — E estava mesmo — E se me permite um conselho, aproveita a noite. Pelo pouco que a conheço, ela não entraria nessa se tivesse outra pessoa.

Desci do carro e fui para mais um dia tenso de trabalho, passaria as próximas horas pensando em como processar e obter mais informações sobre o antigo namorado.

A única coisa que Megan disse que eu precisava saber era que Backy estava solteira antes mesmo de nós a conhecermos. Direta, ela disse que o que ela sabia em nada interferiria num futuro relacionamento entre Rebecca e eu. Simplificando, ela não tem ninguém.

Tirei da cabeça por um momento a bobagem de ter alguém entre nós. Mesmo que ainda não fôssemos um *nós*, estava disposto a mudar nossos *status* de “solteiros” para “em um

relacionamento sério”, caso ela estivesse interessada.

No horário combinado, a busquei no casarão. Como sempre, ela estava linda, num vestido preto, a boca em destaque no batom vermelho que o deixava convidativa a beijos. Durante o percurso até em casa, não trocamos muita conversa, e às vezes ela soltava o ar, pensativa, parecia estar incomodada. Até sugeri irmos a outro lugar. Talvez fosse porque estaríamos sozinhos na minha casa e ela tivesse medo do que pudesse acontecer. Difícil mesmo era tentar adivinhar o que se passava naquela cabecinha.

— Sério, estou bem — mesmo com um sorriso, não fiquei convencido, mas se ela estava a fim de entrar, então realizaria até seus menores desejos.

Subi até meu quarto, onde havia guardado o presente em uma das gavetas do armário, enquanto Backy aguardava na sala de estar. Quando descí, ela estava tão absorta admirando o lustre luxuoso, que nem se deu conta que eu parei no meio do caminho, em alguns degraus, para admirar sua beleza.

Ainda mais impressionada com o local que preparei para o momento especial, ela elogiou meu desempenho, e não escondi ter tido ajuda para compor cada detalhe. Quando mencionei estar incrivelmente bonita, novamente ela pareceu atormentada.

— Não gosta de elogios? — Perguntei em reação à sua expressão.

— Gosto... Só não estou acostumada a recebê-los.

Bom, uma vantagem sobre o ex eu tinha: ele não a elogiava, e isso era mais que certo. Mesmo que ela corasse toda vez que eu fizesse menção à sua beleza, eu não perderia nenhuma chance de o fazer, mesmo que em todas as vezes ela mudasse de assunto.

Curiosidade sobre meu nome e a nacionalidade de minha mãe foram assuntos de início, ganhei elogios pela combinação de meus nomes, e embora não fosse acostumado a ouvi-los pronunciados numa mesma frase com frequência, ainda preferia ser chamado só pelo primeiro ou pelo apelido, já que, na empresa, eu sempre demorava a responder até que alguém me alertasse de que Senhor Thomas era eu.

A cor amarela, que ela pensou ser minha preferida devido às flores entregues a ela mais cedo e as mesmas que compunham a decoração da mesa, pareceram sem muita importância quando defini o verdadeiro sentido. Queria que ela soubesse que era como aquela flor para mim, mas ela pareceu não captar a mensagem.

Entrelacei meus dedos nos seus e olhei bem fundo em seus olhos. Queria poder encontrar uma maneira de expressar o que ela realmente significava para mim, mas não havia palavras e nem algo com que se comparar. A servi de uma taça de vinho e enfim lhe entreguei a caixa retangular com o presente em seu interior. Um sorriso espontâneo brotou em seu rosto, e eu pude perceber que o presente cumpriu o papel que eu esperava. Ela certamente se lembrava feliz do dia do nosso primeiro beijo e logo se prontificou a pedir ajuda com o fecho. Infelizmente, todo o clima de romance que pairava no local foi interrompido por Paulina trazendo nosso jantar.

Satisfeitos, sugeri que nos divertíssemos ao som das músicas da *playlist* de meu celular, o que nos permitiu dar boas gargalhadas pelo modo desajeitado que nos remexíamos em meios as músicas agitadas, até que a minha favorita, e que incrivelmente descrevia todos os meus medos e receios, começou a tocar.

A música lenta e romântica começava seus primeiros acordes, e a convidei para se embalar comigo, oferecendo minha mão, que ela aceitou de imediato. Nossos corpos colados trocavam ondas de calor, aumentando ainda mais a fogueira, e era dessa forma que havia planejado contar a ela como me sentia, uma semana antes, quando fôssemos só nós dois e não pudéssemos ouvir mais ninguém e prestar atenção em mais nada. Compartilhei essa ideia, e mesmo tensos, rimos da forma como as coisas acabaram acontecendo e onde chegaram até agora.

Por um momento, pensei que ela estivesse arrependida de ter aceitado o passeio e agora o jantar, por ainda se sentir insegura, mas fui surpreendido com a declaração de que ali era o lugar perfeito onde ela gostaria de estar, e sem pensar ou ponderar minha avidez, a beijei numa necessidade frenética, até perdermos o fôlego.

A abracei e encostei sua cabeça em meu peito, afagando seus cabelos e as costas nuas, para que ela não visse que, na verdade, eu estava com os olhos cheios de lágrimas. A sociedade

rotula que homens não choram, mas eu estava chorando e sentia vergonha, não por isso, mas por não saber explicar a ela exatamente o porquê.

Porque a queria manter para sempre ali, presa a mim, porque queria ela mais do que tudo, mais do que apenas beijos ardentes, mais do que corpo a corpo, mas não poderia fazer isso se ela não fosse só e completamente minha, de alma, corpo e, principalmente, coração. Dei voz aos meus pensamentos enquanto a chocava contra meu peito no forte abraço. Mesmo não tendo planejado, estávamos os dois emocionados, ela com mais intensidade, a ponto de eu poder sentir suas lágrimas escorrerem sobre mim e seu tórax inflar com violência em busca de ar.

Com a viagem planejada pelos meus pais, eu os encontraria em Manhattan para um final de semana em família, tempo suficiente para deixar Rebecca clarear suas ideias e decidir se estava disposta a ter comigo um relacionamento mais intenso. São fosse eu estar em outro país, não aguentaria todo esse tempo sem poder vê-la, e mesmo sendo quase impossível, me exilei de qualquer rede de comunicação disponível, para dar a ela espaço e tempo sem se sentir pressionada com minha presença. Não sei se impor uma data para uma resposta pareceu certo ou não, mas eu precisava o quanto antes saber. Meio egoísta da minha parte, mas ainda assim me pareceu o melhor a fazer.

Claro que meu pai não escolheu Nova York sem segundas intenções: estava com alguns negócios em vista em um dos centros financeiros para a sexta à tarde. Depois sim, pudemos conhecer alguns dos vários pontos turísticos, com direito a assistirmos algumas peças de teatro na Broadway.

O final de semana intenso pareceu demorar uma eternidade, e felizmente em casa, o dia decisivo havia chegado. Ansioso e esperançoso, levantei mais cedo, cantarolando uma música que nem conhecia muito bem, certo de que o dia começaria bem e terminaria melhor ainda com Rebecca ao meu lado. Mas todas as expectativas cessaram quando não a encontrei nem no portão, quando esperei que todos entrassem e ela não apareceu, nem no terceiro tempo, quando seria certo estarmos sendo avaliados juntos, e o mesmo durante o restante do dia.

Quando perguntei a Megan sobre o paradeiro da amiga, ela me respondeu que parecia ter amanhecido indisposta, e por conta de vir a aula com Enzo, não sabia se ela viria. Mesmo quando enviei uma mensagem, não obtive resposta.

Terça, quarta, e nada de notícias dela. Quinta-feira, e eu já estava angustiado, certamente algo estava acontecendo, e eu nem fazia ideia do que seria, ou sabia e não queria acreditar. Novamente encaminhei uma mensagem, certo de que ela estava fugindo de mim, fugindo em me dar uma resposta, e novamente não obtive sucesso. Em todo o ano de convivência, ela nunca havia ficado doente ou faltado a aula um dia sequer, e de repente, numa semana inteira de provas, ela nem deu as caras. Só um tapado para não perceber que havia algo de muito errado nesta história.

Como um ex-vigilante dos passos de Rebecca, achei que essa era uma oportunidade de voltar à ativa e descobrir o que realmente estava acontecendo. Montei guarda atrás de uma árvore a pelo menos duzentos metros de distância do casarão, às seis da matina, e mesmo não muito distante, o lugar onde eu estava não era bem visível para quem olhasse do portão de entrada, e uma hora ela teria que sair de lá. Vinte minutos depois a avistei sair a passos largos e rápidos, corri até uma das travessas que cortavam a avenida e peguei o carro para continuar minha perseguição.

As ruas pelas quais ela caminhava davam acesso a outras, que levavam diretamente à universidade, o que indicava que era para lá que ela iria. Lentamente dirigi pelas ruas, até que chegamos ao destino em comum. Os portões ainda trancados a impediram de entrar antes que qualquer um a visse, e eu assisti de perto quando ela bradou furiosa por ter chegado tão cedo. Não me contive em questioná-la:

— Tendo um dia ruim?

Quando se virou em minha direção, atônita, só me olhou de relance e se fixou a olhar o chão. Não, precisava de uma resposta, mesmo contrariando a vizinha que insistia na minha cabeça que eu não gostaria de saber a resposta, eu precisava de uma desesperadamente.

Sim, talvez, nenhuma dessas foi a resposta, somente um “*não posso fazer isso, não é justo*”. Afinal, com quem não era justo e por que a resposta soou tão zangada? E se ela não me queria,

qual o motivo de acariciar todo meu rosto com tanta delicadeza, fazendo meu coração quase saltar desesperado do peito? Não fazia sentido. De repente, a resposta estaria no ponto onde agora ela direcionava o olhar. Quando o segui, vi que ele estava em Amanda e, quando pensei em perguntar, ela já estava longe do meu alcance.

Mesmo em sala juntos, ela não me olhou nenhuma vez. Como ela conseguia se concentrar com o mundo desmoronando acima de nossas cabeças? Eu não tinha nem começado a responder as questões dissertativas, e ela já havia entregado as dela e ido embora sem se despedir.

Cerquei Amanda no corredor assim que saímos da sala, para verificar se ela tinha algo a ver com aquilo tudo.

— Eu não sei do que é que você está falando — disse Amanda, surpresa

— Então por que será que a única justificativa que ela me deu foi me direcionar até você na entrada?

— Olha, querido, ela me procurou no início da semana e me pediu desculpas por causar todo o mal-entendido, confesso que fiquei surpresa a princípio, mas depois ela me disse que não ficaria entre nós simplesmente por não haver interesse da parte dela.

— E por que não me contou quando ela te procurou?

— Porque você me pediu para ficar longe de você, não se lembra? — Isso era verdade, mas eu custava a acreditar que Rebecca a teria procurado e ainda dito algo do tipo, não depois de dizer que o que mais queria era estar comigo.

Ainda insatisfeito, corri até o casarão à procura dela. Ela precisaria ser mais convincente, e eu não desistiria assim, tão fácil. Sem sucesso, Megan apenas me informou que ela havia partido para casa dos pais e que lá passaria todo o período das férias. Sem deixar um endereço, ou um telefone para contato, sem atender as milhares de chamadas e os trilhões de mensagens, ela definitivamente me extinguiu da vida dela.

Passei as próximas semanas isolado em casa. Enzo vez ou outra aparecia e tentava qualquer coisa para me distrair, mas não era possível eu ser um bom amigo, não com a cabeça latejando, descrente em ter sido abandonado. Mesmo sem saber, Amanda me deu a resposta que podia evitar esse desconforto há semanas, e eu fui um tolo em não dar ouvidos. Era a verdade, não havia interesse da parte de Rebecca, pelo menos não em mim.

— Ei, cara, estamos às vésperas do fim de ano, e você vai ficar aí, com essa carranca?

— Para mim, será um dia como outro qualquer.

— Não mesmo! Todos os anos passamos juntos, e é uma das épocas que você mais gosta, zoeira total.

— Você não deveria estar com a sua namorada ao invés de me torrar a paciência?

— Ela está com a mãe, e já te falei isso, e já falei também que logo Rebecca estará de volta e vocês poderão se acertar.

— Não, ela deve ter voltado para o tal amigo, não quer nenhum tipo de contato comigo, e eu realmente não sei o que fiz para merecer isso.

— Você diz isso porque realmente acreditou no que a megera te disse, pois eu não acredito em uma só palavra dela.

— Fui eu quem perguntei, ou ela não teria me dito nada.

— Ainda assim, não acredito, deve ter uma explicação melhor para ela ter reagido assim.

— Que seja, mas agora não me interessa mais.

— *AJ, onde você se meteu? Preciso falar com você, e o papo é sério, quando sair desse*

compromisso, pode me encontrar na sua casa, estarei te esperando.

— *Tudo bem, já está quase acabando aqui e te encontro lá* — dito isso, a linha ficou muda.

Trigésima terceira ligação de Rebecca e mais algumas mensagens de voz. Não sei o que deu no mundo hoje, mas ele resolveu me desafiar. Deveria estar embriagado quando aceitei acompanhar Amanda e os pais até a consulta da avó, que estava sofrendo de uma doença terminal. Eu estava fazendo meu papel de amigo, pois sentia que devia algo a ela, mas não conseguia me concentrar em nenhuma de suas palavras, e não foram poucas. Nem me importei quando ela segurou minha mão e descansou em meus ombros enquanto aguardávamos na recepção da clínica. A essa altura, eu estava inativo de sentimentos.

Estava tão inativo, que nem percebi que seria muito óbvio que o assunto sério de Enzo tivesse a ver com Rebecca, e quando os avistei parados próximos à minha casa, desejei ter negado o pedido de Amanda em passar o dia comigo, não pelo desejo de que fosse outra pessoa, mas porque depois que vi Rebecca, o turbilhão de sentimentos aflorou, fazendo vir à tona aqueles que mais me atormentavam.

Com os nervos à flor da pele, tudo o que eu queria era conseguir odiá-la naquele momento. Confiante dos seus atos, ela, juntamente de nossos outros amigos, se aproximou quando descemos do carro. Não bastasse, minha mãe chegou de seus afazeres no mesmo instante, e quando a moça se apresentou, revelando seu nome, seus olhos correram até mim, indicando que mais tarde teríamos uma conversa.

Todos os meus músculos estavam tensionados, a face rígida certamente revelava os vincos na testa, as mãos cerradas em punho, escondidas nos bolsos do jeans, uma armadura contra minhas próprias ações. Recusei a encará-la, fitando a rua que ficava acima de sua cabeça, e quando achei que não podia ficar pior, estávamos a sós.

— Entendo que esteja com raiva, mas posso te explicar, foi um mal-entendido.

Incrível como a vida de uma pessoa era resumida a mal-entendidos. Minha voz saiu

zangada quando cuspi as palavras boca afora. E ela ainda se dizia disposta a resolver um mal-entendido (eu) sem fugir, o que cargas d'água ela queria de mim, afinal? Que eu a recebesse de braços abertos, matasse toda minha saudade a enchendo de beijos e dissesse que estava tudo bem ela ter me deixado sem um motivo que eu fosse capaz de compreender, para fugir para sei lá onde, para encontrar com sei lá quem?

Mas então fui pego de surpresa, o dom de me surpreender era maior que qualquer outro que ela dominava sobre mim.

— Também estou apaixonada por você.

Era tudo o que eu queria ouvir semanas atrás, e agora as palavras pareceram diminuir a dor do peito. Prestes a me render aos desejos da carne e dizer que também ainda a amava, meu orgulho falou mais alto, e mais uma vez a ignorei, como se as palavras não tivessem surtido efeito algum, e ela entendeu que era tarde demais.

Após o jantar e finalmente a visita ter ido embora para casa, eu podia respirar e tentar processar tudo o que havia acontecido durante o dia. Fiquei praticamente a tarde toda sozinho, me revezando na sauna e nos cômodos da casa, me isolando de perguntas e chorumelas, mas me esconder da dona Olívia não seria tão fácil quanto me esconder de Amanda.

— E então, vai finalmente me dizer o que está acontecendo, ou vou ter mesmo que perguntar? — Falou minha mãe, séria enquanto entrava em meu quarto e sentava ao meu lado na cama de casal.

— Gostar de alguém é mais difícil do que pensei.

— Não havia me dito o quanto Rebecca é bonita e educada. — Disse, parecendo não se importar no quanto minhas palavras soaram insatisfeitas.

— Bom, hoje a senhora viu com os próprios olhos e, pelo jeito, já formou sua opinião sobre ela. — Murmurei, chateado com sua reação perante meus sentimentos.

— Não a conheço, mas já formei minha opinião sim, ela ter vindo atrás de você merece

crédito, não acha?

— E o fato de ela ter ido embora e me ignorado todos esses dias não tem peso na formação de sua opinião?

— Vai me dar uma resposta amarga a cada pergunta minha ou vamos direto ao que interessa? — Me calei — Imagine você que um rapaz que você mal conhece te acusa a ser a nova paixão da namorada dele, e se isso não bastasse ser feito em público, ela realmente te confirmasse ser verdade e.... — ela parou de falar para que eu a olhasse nos olhos — Vocês se envolvessem, e ela de repente, em apenas uma semana, te pressiona a escolher se fica com ela ou não. Como você se sentiria diante de uma proposta louca como essa? Não precisa responder, só se ponha no lugar dela e reflita por um momento.

— Mãe, você nem a conhece, por que está defendendo as atitudes dela?

— Tem razão, eu não a conheço, mas você a conhece e sabe a resposta. Só não espere realmente ser tarde demais para consertar as coisas.

Com meu melhor amigo indisponível para mim pela primeira vez às vésperas de fim de ano, me obriguei a buscar novas alternativas para passar o tempo. Dei uma passada na festa do condomínio, jogando conversa fora com algumas pessoas, me esquivando de algumas garotas e bebendo todos os destiláveis possíveis, até acordar em minha própria cama vestindo a roupa do dia anterior, inconsciente de como havia chegado até ali. Dois dias consecutivos de bebedeira resultaram em passar a tarde toda do ano-novo curando a ressaca por meio de analgésicos e hidratação venosa.

Estava decidido a ir atrás de Rebecca, dar uma oportunidade para as explicações que ela estava disposta a dar. Após quatro dias sem qualquer comunicação ou intermediários a me informar, acordei no sábado disposto a procurá-la e a resolver de forma adulta nossos desentendimentos.

Levantei cedo, tomei um banho e coloquei no bolso o objeto dourado que há dias estava

exilado em uma das gavetas do armário. Em jejum, planejei um café da manhã a dois em uma das cafeterias da cidade, caso ela topasse. Sem pestanejar, entrei no carro e segui meu destino. Mesmo o sol ardendo no céu, nuvens carregadas pareciam se unir, avisando que dentro de pouco tempo se despenhariam em seu formato líquido, de encontro ao solo.

Contornando toda a extensão do parque Lake, avistei que muitas pessoas já se apressavam correndo da chuva fina que caía sobre elas, mas o que me chamou atenção foi que, no centro da ponte de madeira, uma garota dançava de braços abertos, recepcionando as gotas que tocavam sua pele, e só quando parei próximo o suficiente para admirar a performance, me dei conta de que a garota não era ninguém menos que Rebecca Donaway.

Aquilo era admirável, ela rodopiava sorridente, de olhos fechados, como se estivesse no melhor momento de sua vida, e tudo o que me ocorreu fazer naquele momento foi ir de encontro a ela, embalar na dança, e esquecer qualquer desavença ou cobrar qualquer explicação. Mas antes que eu seguisse com a ideia, outra pessoa chegou primeiro e, a princípio não reconheci quem pudesse ser. Ali, bem na minha frente, a garota que eu amava estava dançando com outro homem.



vinTE



AO CHEGAR NO PORTÃO, VI que o carro esportivo branco estava estacionado na entrada e seu dono sentado ao volante, com metade do vidro aberto.

— Foi um prazer dançar com você, senhorita — Adam sorriu.

— O prazer foi todo meu — respondi, também sorridente.

Quando me virei em direção ao carro, me estacionei ali, esperando, até que AJ saísse e viesse ao meu encontro, e foi exatamente o que ele fez.

Era visível pela expressão séria e o cenho franzido que alguma coisa incomodava AJ. Mesmo parado diante de mim, ele acompanhou com os olhos Adam fechar a porta do casarão assim que passou por ela.

Pigarrei a fim de chamar sua atenção.

— Oi — eu disse, cruzando os braços em frente ao corpo.

— Oi — ele respondeu com os olhos ainda fixos na porta.

— Está tudo bem? — Perguntei, e como não houve resposta, estalei os dedos bem perto de seu rosto — Ei!

— Ele mora aqui com você? — Perguntou, direcionando a mim o olhar.

— Visto deste ângulo — me posicionei ao seu lado, gesticulando — Do lado esquerdo da casa, mas qual o motivo da pergunta, se você já deveria saber disso?

— Não imaginava que eram tão íntimos.

Poderia jurar que aquilo soou zangado. Se não fosse toda minha amargura ter escorrido pelos bueiros acompanhando a chuva, eu me defenderia aos gritos. O encarei de soslaio, profundamente surpresa, arqueando minhas sobrancelhas e esperando a acusação que eu sabia que chegaria mais cedo ou mais tarde.

— E?

— E, que achei que não gostasse de ser o centro das atenções, mas, pela performance dos dois há pouco no parque, você não me pareceu nada tímida.

Então era esse o motivo. Ele me viu dançando com Adam no parque. Retruquei

— O que as pessoas pensam a meu respeito já não me importa mais, passei a mudar meu modo de ver a vida e a aproveitar o que ela tem pra me oferecer, e a chuva veio a calhar exatamente quando decidi isso.

— E exatamente quando ele estava grudado em você?

— Não sei se estava me perseguindo, mas se prestou bem atenção, sabe muito bem que ele não estava grudado em mim, só embalou comigo na loucura e no prazer do momento. E poxa... ele é meu amigo! — Minha voz começava a ganhar volume, e a essa altura minhas mãos falavam junto de mim.

— Péssima desculpa vinda de uma pessoa que vive se enroscando com os amigos — sorriu sem humor.

Nesse momento, a ira me dominou. O que ele estava tentando insinuar, e quem ele achava que era pra me insultar desta forma? Num impulso, levantei minha mão esticando todos os dedos e dei de encontro ao rosto dele. Pensando que eu lhe daria outro tapa, ele segurou minhas duas mãos e me puxou com força me prendendo ao seu corpo.

Eu me soltei do aperto, me livrando de um braço por vez. Minhas narinas inflavam como um cão raivoso. Me virei de costas, e respirei fundo de olhos fechados. Senti o peso macio de suas mãos tocar meus ombros e delicadamente deslizar e parar até minha cintura. Sua respiração quente fazia cócegas em meu pescoço, indicando nossa proximidade, e sua cabeça pesava sobre meu corpo por estar apoiada sobre a minha.

— Me desculpa — ele murmurou, estranhamente constrangido. Sei que eu também devia desculpas pela agressão, mas o arrepio que percorreu minha espinha me impediu de pronunciar as palavras. Joguei os ombros para trás e renunciei qualquer contato muito próximo.

— Olha — eu disse, girando os calcanhares e ficando de novo de frente para ele — Só para que fique ciente, e não que eu deva qualquer explicação, só me envolvi com um único amigo meu, e ele era... ainda é meu melhor amigo e me conhece desde que nos entendemos por gente — ele deu um passo à frente para de novo ficar mais perto, mas eu o impedi dando sinal com uma das mãos para que ele não avançasse mais. Quando tentou me desobedecer, eu o encarei furiosa, balançando a cabeça em negação, sibilando um não. — Eu e Adam não temos nada um com o outro, foi só uma brincadeira descontraída.

— E nós? — Ele perguntou — O que nós somos, o que nós temos?

— Essa é uma pergunta interessante, nunca fomos nem mesmo amigos de verdade, e eu me “enrosquei” com você, então não sei nem mesmo o tipo de pessoa que me tornei por essa atitude, quanto mais definir o que somos.

— Se está tentando fazer eu me sentir mal, já conseguiu. — Retorquiu AJ, cruzando os braços e encolhendo os ombros

— Longe disso, eu não quero ser a pessoa que modifica quem você é ou faz você perder a essência que tanto me faz admirar você, jamais me perdoaria por isso.

— O que você está tentando me dizer com tudo isso, então?

— Que pior que ficar sem a pessoa que ama é vê-la se perder por sua causa.

— Isso é bobagem, eu só estava com ciúmes — ele confessou em derrota, segurando meu rosto nas mãos.

— O Alejandro por quem me apaixonei é perfeito sem Rebecca — falei de olhos fechados.

— Você não deve estar com uma pessoa insegura ao seu lado, pode viver muito bem sem mim.

— Mas eu não quero — bradou

— Mas você precisa. — Insisti com a voz embargada, tirei suas mãos do meu rosto e entrei antes que desabasse em lágrimas. Fechei a porta e me encostei nela, sustentando ali todo o peso do meu corpo, buscando o ar pela boca, impedindo que as lágrimas escorressem. Não ia chorar, não ia sofrer mais uma vez, eu não podia me dar a esse luxo.

Sondando pela janela atrás da cortina, vi que AJ permaneceu por um minuto parado no mesmo lugar, como se estivesse perdido, sem rumo, então entrou no carro deu meia-volta e foi embora, os pneus guinando no asfalto.

— Espero que eu não seja o motivo disso tudo — falou uma voz atrás de mim

— Adam! Nem vi que estava aí, achei que já tinha subido.

— Estive aqui o tempo todo, mais precisamente aí, onde você se encontra agora.

— Estava sondando? Isso é muito feio! — Censurei, ainda vislumbrando a rua.

— Mas só porque estava preocupado com você — ele se defendeu — Seja lá o que ele fez para merecer a marca de seus dedos no rosto dele, visto daqui ele me parecia arrependido.

— Obrigada! — Agradei — Por se preocupar — e não dei chance daquele assunto continuar.

— Tem um travesseiro? — Ele perguntou, e me virei para fitar seu rosto sem entender direito a pergunta, e antes que ele me explicasse, o zelador João passou por nós apressado, gritando a dona Nair para que não se demorassem mais a sair.

— Aonde será que eles vão com tanta pressa? — Pensei alto.

— Por isso te perguntei sobre o travesseiro — olhei pra Adam ainda mais confusa, e ele continuou a explicar — Eles estão indo até o aeroporto, todo ano é assim, no dia em que eles saem para buscar os novos moradores, nós damos uma festa de boas-vindas a eles, mesmo que nunca estejam presentes. Esta é a única data em que o casarão fica à mercê dos universitários. E este ano, todo mundo está ainda mais ansioso porque ano passado foi o primeiro dentro de dez anos que não pudemos dar as boas-vindas.

— E por quê? — A pergunta saiu rápido, assim como eu mesma me dei a resposta, eu havia vindo até a cidade de carro com meus pais e fui o peão infeliz que quebrou o costume. Fiz outra pergunta. — E exatamente onde entra o travesseiro nessa história?

— Bem aqui! — Com isso, ele virou uma franha sobre a minha cabeça e um punhado de plumas brancas se agarraram ao meu cabelo úmido.

Eu caí na risada, juntei um punhado das plumas e joguei sobre ele. A festa na verdade é uma guerra de travesseiros, uma maneira de podermos resgatar nossa infância e lembrar quando tudo o que tínhamos que nos preocupar na vida era em limpar toda a bagunça depois. Outro morador soou uma buzina esganiçada, avisando que a área estava livre, e eu corri até meu quarto e peguei meu travesseiro que era feito de espuma, mas que também era útil na brincadeira.

Toda a enorme sala, as escadas e os corredores estavam cobertas de espuma e pequenas plumas brancas, travesseiros arremessados de cima abaixo, de um lado a outro. Quase duas dúzias de universitários presentes na festa, doze meninos e onze meninas, a única que faltava era a minha melhor amiga.

Não tive muito tempo de me preocupar com o paradeiro dela durante a guerra, qualquer minuto de bobeira e um peso era arremessado sobre mim. Se não fosse pelo meu companheiro de dança, eu teria quebrado os dentes no chão quando fui atingida com duas bombas de espuma covardemente pelas costas.

Nem as minhas festas do pijama quando era criança foram tão divertidas como aquela, o que me fez esquecer por algum tempo os impropérios da manhã. Esgotados e sem mais forças para continuar, vinte e três corpos estavam espalhados pela extensão da sala, ofegantes, uns até tentavam prosseguir, mas eram traídos pelo próprio cansaço.

Num dos sofás, eu descansava escondida em meio a flocos de espuma e cabelo. No sofá à minha frente, Adam ria com minha vizinha de quarto, que estava numa situação ainda pior que a minha. Uma curiosidade me veio à cabeça enquanto eu os observava e minha respiração voltava ao normal. Adam era um rapaz bonito, alto, os olhos e cabelos negros, e a julgar por ser um dos moradores a ter que deixar o casarão por já ter terminado os estudos, deveria ter uns vinte e três ou vinte e quatro anos. Era um cara bacana que buscava um futuro promissor sem medir esforços, independente, arcava com suas despesas trabalhando como estagiário numa multinacional. Recém-formado em ciência da computação, de longe ele era parecido com os nerds da turma dele. Por que é que parecia que a única coisa que lhe faltava era uma namorada?

Novamente após a buzina soar, estávamos arrumando tudo. Como tudo na vida, bagunçar as coisas parece ser divertido, a parte complicada é ter que colocar cada coisa em seu lugar devidamente como estava antes. Eu diria que isso é impossível. Queria não ter respondido a ofensa de AJ daquela forma, queria me desculpar, mas era muito orgulhosa para isso, não iria atrás dele, nem mandaria uma mensagem, deixaria as coisas em desordem como estão, essa era uma bagunça que eu não pretendia arrumar.

— Cansada? — Adam perguntou, desviando meu pensamentos.

— Exausta — respondi enquanto ele me ajudava com os sacos de lixo abarrotados de plumas.

— É uma pena que essa seja minha última festa — ele deu um longo suspiro.

— Pode vir aqui especialmente como convidado para a do próximo ano, eu mesma posso te convidar, se quiser — falei, quando notei um lampejo de aborrecimento em seu olhar

— Isso seria bem legal da sua parte.

Agradeceu com um sorriso enviesado.

— Falando em convites — ele limpou a garganta antes de continuar — Na quarta-feira tem um coquetel da empresa homenageando os estagiários contratados, e eu sou um deles, então, se você estiver livre à noite...

— Eu adoraria — respondi antes mesmo de ele terminar.

— Legal! Mas e seu namorado?

— Eu não tenho namorado.

— Que ótimo, digo, legal, então a gente combina tudo depois.

— Tudo bem — respondi sorridente, era fofo o nervosismo dele para fazer um simples convite. E por falar em estagiários, a essa altura, eu já deveria ter recebido uma resposta sobre a aprovação ou não do meu teste.

— AI-MEU-DEUS!! —Gritei assim que abri a porta do meu quarto e me deparei com um amontoado se remexendo embaixo dos cobertores — O que vocês pensam que estão fazendo?

— BACKY!? — As vozes exclamaram ao mesmo tempo — N-na-nada.

— Isso não me parece nada. Enzo, por favor vista uma camisa e sei lá mais o que precisar vestir e... Megan, ai, Megan como você é estúpida!

— Backy? — Outra voz vinda de fora do quarto me chamou, e rapidamente dei um salto porta afora, a fechando atrás de mim, me posicionando na frente dela como um guarda-costas.

— Sim — respondi, sem graça pelo que quase (ou achei que) vi.

— Tudo bem? — Adam perguntou.

— Hun-rum — engoli em seco — São só baratas.

— Precisa de ajuda com elas, eu posso...

— NÃO! Não! Megan já está cuidando delas — eu era péssima com mentiras — Esqueceu de me dizer alguma coisa? — Mudei o rumo da conversa quando notei uma espécie de cartão escuro que ele carregava em uma das mãos.

— Só que as vestimentas do coquetel são específicas. — Alertou, me entregando convite.

— Ah claro! Sem problemas — respondi enquanto Megan berrava que eu tinha permissão para entrar. — Preciso de um banho — falei, sem jeito — Até mais.

Entrei, e Enzo já não estava mais ali, eu parecia uma detetive particular procurando pelo quarto, banheiro, corri até a janela e o avistei ajeitar a roupa assim que terminou o rapel. Amuada sentada na cama Megan me encarava com o olhar de uma criança que fez arte e estava esperando a bronca.

— Você está ficando maluca? Nem precisa responder.

A soft-focus photograph of yellow flowers, possibly rapeseed, on thin green branches. The flowers are in various stages of bloom, with some showing distinct petals and centers. The background is a warm, yellowish-green, creating a gentle, natural atmosphere.

VINTE e um



— VOCÊ ESTÁ MUITO ELEGANTE, SENHORITA Donaway — elogiou Adam enquanto eu descia as escadas até o hall do casarão.

— Toda a minha elegância não será capaz de ofuscar sua beleza, senhor Andrews, *estás muy bello* — brinquei enquanto me apoiava em seu braço que aguardava o meu.

E ele estava mesmo muito bonito e também elegante num terno preto que parecia ter sido feito sob medida ao seu corpo esbelto. O cabelo médio, que antes era bagunçado, estava jogado de um lado e bem fixado com gel, e para dar o toque final, os óculos compunham o visual, assim como a barba rala e falhada.

Ao chegarmos no coquetel, fomos recepcionados até o salão principal e escolhemos uma mesa reservada para nos acomodarmos. Havia poucas pessoas quando chegamos, e à medida que os minutos passavam, as mesas de apoio ao nosso redor, assim como as outras espalhadas em alguns pontos estratégicos do salão, foram preenchidas por homens e mulheres tão elegantes quanto Adam, empresários, estagiários e seus acompanhantes. Duas grandes mesas de petiscos e canapés de todo os tipos recepcionavam os convidados nas laterais do salão, e a decoração em tons pastéis, singela e discreta, deixava o ambiente ainda mais agradável.

O que eu realmente não esperava era ter uma surpresa ao longo da noite: de longe, vi que a loira que causou muitos transtornos à minha vida estava numa conversa descontraída, acompanhada de um homem de meia-idade, que, pela semelhança na aparência, certamente era seu pai.

Íris também estava presente, acompanhada da família, e assim que nos viu, sempre doce e afetuosa, veio com um sorriso estonteante nos cumprimentar. Não pareceu estar surpresa por ver Adam e eu juntos. Alguns amigos e diretores de Adam também passaram e nos cumprimentaram e, claro, algumas mulheres maduras, outras mais jovens, que não escondiam a excitação em vê-lo tão deslumbrante, ou vê-lo comigo, também.

— Olha, não precisamos ficar sentados aqui a noite toda, podemos dar uma volta, e você pode falar com algumas pessoas. Não quero que fique preso aqui por achar que eu ficaria isolada, me enturmo fácil e tenho alguns conhecidos aqui também.

— Tem certeza? — Adam me perguntou, olhando por cima dos óculos.

— Absoluta! Que tal uma bebida diferente, vamos até os *bartenders* provar? — Sugeri e fomos para a degustação de alguns coquetéis de fruta com quase zero de álcool. Não queria ficar bêbada e causar vergonha alheia, precisava estar sóbria o suficiente para manter a postura de uma mulher distinta e bem-apessoada.

Enquanto meu par conversava, eu me mantive distante a ponto de não me intrometer nos assuntos que não me diziam respeito. Tudo estava sob controle, a loira não se manifestou a mim, Adam estava cumprindo com suas obrigações, e eu com as minhas, mantendo o sorriso no rosto, até que... quase engasguei com um morango da minha bebida.

Não esperava vê-lo tão cedo. Para falar a verdade, esperava que isso acontecesse só quando as aulas retornassem, e eu ainda tinha uns quinze dias para me preparar. O que ele estava fazendo aqui, afinal de contas? Ele não era estagiário e nem empresário. Claro que não, era só o filho do presidente da associação. Praguejei em pensamento por esquecer completamente desse mero detalhe

Meu corpo todo pareceu levar um choque quando o vi. Em todas as vezes que nos encontramos, ele estava vestido com roupas leves e descontraídas, mas agora, agora ele parecia um deus grego que mostrava as covinhas a todas as pessoas que o cercavam, os olhos verdes hipnotizantes se destacavam no rosto que estava contornado numa barba bem-feita que o fazia ganhar um ar maduro. Eu o vi chegar perto de mim, e por um momento, pensei que não havia me notado, até que passou do meu lado e reparei que me olhava discretamente de canto de olho. Meu rosto pareceu ferver, e não acredito que fosse o efeito da bebida. Soltei o ar com força, deixando Adam em estado de alerta.

— Está tudo bem? — Ele me perguntou ao pé do ouvido.

— Tudo ótimo — respondi, piscando devagar — Não há com que se preocupar, a noite é sua, e não quero estragar.

— Se quiser, podemos ir pra casa.

— De jeito nenhum, não preciso fugir de ninguém, não hoje, preciso ficar por você e por mim também — expliquei, confiante na veracidade de minhas palavras, ganhei um leve beijo e um afago no rosto, o que causou alguns olhares maldosos e outros zangados também.

Por sorte, Íris não demorou a me fazer companhia, me impedindo de cometer alguma besteira do tipo tropeçar em mim mesma com tantos olhos cravados em mim. Nos sentamos onde eu me acomodara antes e deixei que Adam ficasse à vontade longe dos meus fantasmas.

— Espero vê-la aqui quando terminarmos os estudos. Fiquei sabendo que se candidatou para a Backer, quem sabe pode ser uma das efetivadas daqui a alguns anos? — Falou Íris.

— Infelizmente não, pelo menos não pela Backer, eu não consegui o estágio.

— Sinto muito! Tinha certeza que a vaga era sua, ainda mais pela sua amizade com AJ... — franzi o cenho antes que ela continuasse a insinuação, ela não era o Lobo Mau dos contos de fadas, ela era a princesa de cabelos flamejantes, então dei uma chance a mim mesma por acreditar que minha opinião sobre ela sempre esteve certa. — Perdão! Eu me equivoquei, desculpa pela ofensa, agora você está com Adam, e eu... Aaaah, Rebecca! Eu sinto muito,

muito mesmo.

— Tudo bem — falei, segurando sua mão — E não, não estou com Adam, estou apenas fazendo companhia, como uma amiga.

— Jura! Posso te perguntar uma coisa? — Ela pediu sem jeito. — Não há interesse entre as partes? — Eu ri, a pergunta me pareceu ter sido feita de um tribunal, como estudante de Direito, ela já parecia atuar muito bem na profissão de advogada.

— Acredite, não há, somos apenas amigos.

— Então não se importaria se eu...? — Ela não terminou a pergunta e riu comigo, nervosa. Parecíamos duas colegiais trocando confidências pela primeira vez.

Fui ao encontro do meu par, colocando em ação meus planos de cupido. Chamei Adam de canto para uma breve conversa e sugeri minhas intenções.

— Não sei se quero me relacionar com alguém agora — ele me disse com um olhar questionador.

— Não é um pedido de namoro, é apenas uma conversa em busca de interesses em comum.

— Queria que você tivesse intervindo alguns meses antes, e talvez poderia não ser você nessa festa, talvez seria a pessoa que eu desejava que me fizesse companhia. — Era para eu me sentir ofendida com as afirmações dele, mas não, a noite andava envolvida em segredos e confusa em explicações.

— E por quem mais eu interviria? — E, de novo, eu sabia a resposta para a minha própria pergunta. Segurei seus braços atônita. — Megan? — Ele arqueou apenas uma das grossas sobrancelhas — Você é apaixonado por ela?

— Há dois anos — confessou, e, num impulso, eu o abracei confortando-o. Ele resumiu a paixão pela minha melhor amiga, e por fim, de tanto eu insistir, concordou em expandir os horizontes, me deixando sozinha à mercê dos olhares. Fazer o bem a duas pessoas queridas me

trazia uma sensação boa, um certo, alívio ao peso da culpa mascarada nos últimos dias e, já que não tinha o poder de fazer nada por mim mesma naquele momento, o jeito era me servir de outra bebida.

— O coquetel de amarula é um dos melhores. — Sugeriu AJ atrás de mim.

Aceitei a sugestão com um aceno ao *bartender*, me encostando no balcão e ficando de frente para AJ.

— Vermelho fica ótimo em você — falou enquanto me analisava dos pés à cabeça, replicando automaticamente em minhas bochechas o tom do vestido.

— Gostei da barba. — Elogiei por não saber o que dizer, mas era a verdade, ela era um acessório que o deixava ainda mais charmoso.

— E então, te deixaram aqui sozinha? — Inquiriu com um ar trocista na voz.

— Não por muito tempo — respondi — Só vim degustar minha última bebida, já estava de saída.

— Não precisa ir, posso te fazer companhia.

— Obrigada, mas acho que a sua acompanhante não iria gostar muito da ideia. — Adverti quando me certifiquei de quem era a mulher que caminhava a passos alinhados em nossa direção.

— Minha acompanhante? — Questionou, confuso.

Amanda estava bem na nossa frente, tudo o que eu não precisava e não queria era ficar ali e acabar estragando as coisas para Adam. A loira se esgueirou em nosso meio e fez o pedido semelhante ao nosso. Três coquetéis de amarula foram entregues, e o silêncio, interrompido quando ela distribuiu nossas bebidas e propôs um brinde, um brinde a amizade sem distinção social. Ridículo até para ela se sujeitar a tanta falsidade e crueldade ao mesmo tempo.

Tomei num só gole minha bebida e dispensei a taça no balcão. Com educação, me afastei do martírio e avisei Adam que estava indo para casa de táxi. Mesmo insistindo para que eu ficasse, o convenci que era melhor terminar a noite em outra companhia e que, devido ao clima tenso, eu não queria lhe causar problemas e, ainda que relutante, ele concordou.

Do lado de fora do salão, enquanto aguardava a chegada da condução, minha barriga começava a doer, e eu realmente me arrependi de não ter comido nada, apenas bebido. Em questão de minutos, eu estava grogue, minha cabeça dava voltas, e eu não conseguia mais focar nada na minha frente, meu coração dava piruetas dentro do peito e eu estava sem ar. O que raios estava acontecendo comigo?

Tentei pedir ajuda, mas a língua estava enrolada na boca, fazendo as palavras parecerem não fazer sentido, e eu pesava muito mais do que podia suportar em pé. Me arrastei até o muro mais próximo para me apoiar.

Bem ao longe, ouvi alguém me chamar. Quando me virei na direção da voz, só foi possível definir uma silhueta vindo apressada em minha direção. Dobrada ao meio, senti o líquido ácido que subia e descia queimando minha garganta e todo o caminho por onde percorria. Minha cabeça pendeu rumo ao chão, não consegui mais sustentar o peso dos meus olhos e corpo, tudo estava ficando escuro, e então... então eu apaguei.

Os primeiros sinais de que eu estava recobrando a consciência vieram juntamente com uma dor de cabeça latejante. Meu corpo todo estava dolorido como se eu fosse a perdedora da categoria Peso Palha no UFC, e meus olhos mal se aguentavam abertos. Sentei na cama, que não era a minha, e afastei o lençol branco, na tentativa desesperada de recobrar meus movimentos e sentidos por completo, o que eu relutantemente falhei ao tentar me pôr em pé e voltei a me sentar de pernas cruzadas por cima de todo o emaranhado de seda.

Que lugar é esse? Eu não conseguia distinguir, as paredes claras com faixas florais em tons rosê atrás da cabeceira da grande cama, me revelava certamente que aquele não era um quarto de hospital, e o cheiro suave de baunilha incendiava todo o ambiente, agradando meu olfato. As persianas bloqueavam a passagem de luz, assim como bloqueavam minha visão em saber se

era noite ou dia. Espremi os olhos algumas vezes para que eles ajustassem o foco.

Mesmo no escuro, por alto, eu pude ver que do lado da cama um criado-mudo branco sustentava um aparelho celular desconhecido, o alcancei a fim de desvendar as horas e levei um susto quando constatei que eram exatamente oito horas e quarenta minutos. Eu havia perdido um dia todo, ou tudo foi um sonho? Na verdade, não sei, nem mesmo imagino como cheguei até aqui e nem de quem era o pijama preto de bolinhas rosas que eu estava usando. Como para tudo na minha vida, eu queria respostas, e as perguntas não eram poucas.

Dei um salto da cama e na mesma medida, dei de cara no chão, um grito de dor rasgou minha garganta, e eu nem fui capaz de pedir ajuda.

As luzes acenderam, e eu ainda permanecia em contato com o chão duro e frio, e foi aí que braços fortes me pegaram feito uma boneca de pano e me colocaram de novo sentada na cama.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — Ralhou, acomodando almofadas às minhas costas.

Pisquei os olhos e retomei a visão.

— Onde eu estou, e quem é você? — Minha voz soou rouca, e o encarei, espantada.

— Você bateu forte mesmo com a cabeça. — Disse enquanto analisava cada centímetro do meu couro cabeludo. — Caí na gargalhada, mas até rir doía. — Isso é sério, Backy? — Murmurou um AJ rabugento como eu nunca presenciei antes.

— Desculpa, não pude evitar — falei engolindo outra montanha de riso. — Mas quero mesmo saber, onde estou?

— Na minha casa — ele falou, sentando ao meu lado na cama, ajeitando o lençol por sobre minhas pernas. O segundo andar da casa era uma área nova para mim, tudo o que eu havia conhecido ficava no terraço, por isso não imaginava onde e nem o porquê de estar ali.

— E por quê? — Perguntei.

— Porque você ficou apagada por aproximadamente vinte horas.

— O QUÊ? — Questionei, me contorcendo novamente de dor.

— Não pode se esforçar desse jeito, Backy, não consegui chegar a tempo de você cair no chão *duas vezes*.

Duas vezes? Então era dele a voz e a silhueta que corria na minha direção na noite do coquetel, não era um sonho. Essa era a última coisa da qual eu me lembrava, e depois, depois mais nada.

— O que aconteceu? — Fiz mais uma pergunta, ele deu um longo suspiro antes de responder.

— Segundo o médico da família, você foi vítima de... Como eu posso dizer...? Um coquetel de remédios. — O encarei, perplexa. Havia experimentado quase todos os tipos de coquetéis na noite anterior e estava lúcida o suficiente para saber que frutas e comprimidos são bem diferentes.

— Como assim coquetel de remédios? Não tomei remédio algum.

— Vítima do Boa Noite Cinderela, Backy.

AI. MEU. DEUS! Por um momento, pensei que havia apenas exagerado na bebida, mas isso era muito pior, eu poderia estar a sete palmos do chão agora.

— Preciso ir pra casa, não posso ficar aqui, preciso falar com esse médico, saber se isso deixa sequelas — eu estava surtando, quem faria uma maldade dessas, e por que comigo? O afastei sem perceber e nem mesmo me envergonhar pelo short curto, estava confusa demais, furiosa demais. Me pus, de novo e com calma, em pé.

— Ei, ei, você não vai pra casa — falou, segurando meus ombros — Pelo menos não agora, não até se recuperar por completo.

Eu cedi. Estava ainda um pouco zozza, e ele era a única pessoa presente que podia responder mais algumas de minhas perguntas. AJ me serviu um pouco de água, que umedeceu meus lábios e refrescou a garganta que ainda ardia um pouco, me deu apoio e me ajudou a sentar numa poltrona almofadada próxima à janela. Senti a brisa fresca que entrava no quarto e bagunçava meus cabelos quando ele afastou as cortinas. E por um momento, eu me perdi em pensamentos, restaurando minha sanidade.

— Amanda — conclui meu raciocínio — Ela é mais perigosa do que eu podia imaginar — atestei olhando pela janela, me aninhando ainda mais ao cobertor que me envolvia.

— Sinto muito! — Ele disse, afirmando minhas conclusões — Isso tudo é culpa minha.

— Não, não é — me virei para olhá-lo deitado sob a cama bagunçada — Foi ela quem me drogou. — Me acomodei na cama ao seu lado, e ficamos ambos de barriga para cima, encarando o teto. — Você não deve assumir responsabilidades por ela. Não por um crime. — Enfatizei — Obrigada — agradei, olhando para ele pela primeira vez — Parece meio idiota, mas, de certa forma, você foi meu herói. — Esperava que ele achasse graça, embora eu tenha dito isso da forma mais verdadeira que consegui.

— Ser seu herói é o que eu sempre quis ser — respondeu, desviando seu olhar do teto e encontrando o meu. Esbocei um sorriso chocho.

Ele colocou uma mecha de cabelo meu atrás da orelha e acariciou meu cabelo. Parecia pensar se avançava ou não, se eu permitiria ou não que ele chegasse mais perto, contornei com a ponta dos dedos a linha de seu queixo, preenchido ainda pela barba. Era estranho vê-lo tão igual e diferente ao mesmo tempo. De qualquer forma, para mim ele estava perfeito e tentador.

— Meu herói de barba — zombei.

— A barba é pra esconder a marca dos dedos de uma certa garota — falou sério, mas logo em seguida revelou o sorriso brincalhão.

Fiz uma careta.

— Foi mal. — Disse entredentes.

— Vou pensar numa forma de me recompensar por tudo.

Som de grilos guizalhando no ar.

E então um celular toca, para nossa sorte.

— Não vai atender? — Ele perguntou quando não me movi para atender a chamada

— Não é o meu — respondi.

— É sim — ele levantou e pegou o aparelho em cima do criado-mudo e imediatamente atendeu a ligação. — Oi, Megan — pausa — Sim, ela já acordou — pausa novamente — Ok, aguardo vocês.

— Esse celular não é meu — disse, já ciente de que Megan estava vindo me buscar.

— Na verdade, é, o seu se despedaçou quando você caiu, e eu comprei um novo para você.

— O quê? Não precisava, ele já estava quebrado, e esse é de última geração, custa uma boa grana!

— Não se recusa presentes, e olha, já adicionei alguns contatos e até um papel de parede.

Peguei o telefone da mão dele e imediatamente me atualizei das novas informações. O papel de parede era uma foto nossa do dia da construção do balanço, e eu nem me lembrava de ter tirado a fotografia, pelo menos não uma contendo só eu e ele. Ela retratava um de nossos momentos descontraídos, sorrisos largos e um de seus braços envoltos sobre mim, nossos olhos se destacavam pelo brilho entre a estrutura toda decorada, uma demonstração verídica de um momento feliz.

— Obrigada! É incrível — agradei enquanto tentava entender o sentido da fotografia.

Tomei um banho e coloquei uma roupa confortável que Megan havia levado mais cedo

quando foi me visitar. Segundo AJ, ela havia ficado a tarde toda me vigiando e, ao menor sinal de que eu estava acordando, ela o gritava, e isso foram muitas as vezes, ele relatou.

O vestido vermelho estava pendurado por um cabide no pequeno closet do quarto, e meus sapatos pretos salto agulha, bem alinhados no canto do cômodo. Uma de minhas questionáveis perguntas foi respondida quando ele fez questão de afirmar que ela mesma tinha trocado minhas roupas pelo pijama que eu estava vestida, me poupando do constrangimento em pensamentos. Essa era uma pergunta que eu não sabia se queria ouvir a resposta, então não a fiz, mas me senti grata em saber dela.

Uma escova de dentes e uma de cabelos me aguardavam sobre o balcão da pia no banheiro, como se eu estivesse de férias em um resort e tudo que fizesse parte das minhas necessidades básicas estivessem a minha disposição. Dois toques na porta do quarto e uma entrada triunfal de Megan invadiram meu espaço.

— Oi, Backy — ela falou, me esmagando — Você está bem?

— Oi — respondi com dificuldade.

— Nem precisa responder, você está mais que bem, olha essa suíte — falou, checando cada canto do lugar — Eu não iria embora daqui a menos que me obrigassem.

— Você não, mas eu estou louca pra ir pra casa, podemos ir?

Descemos as escadas, e vi que a mesa da cozinha estava repleta de batatas fritas e hambúrgueres. Meu estômago reclamou assim que sentiu o cheiro do bacon, exigindo, numa necessidade faminta, se encher deles. Com os olhos fixos na comida, nem percebi que havia um quarto lugar posto à mesa.

— Backy! — Outro abraço esmagador — Nunca me perdoaria se você morresse com raiva de mim.

— Não precisa exagerar — falei, rindo — Ainda tenho seis vidas extras.

— Por que você estaria com raiva de Enzo? — Questionou AJ, enfiando uma batata na boca.

— Awnnn — flashes da cena estavam passando de novo em frente aos meus olhos. Olhei para Megan, estática aguardando minha resposta, Enzo me encarando boquiaberto e AJ, que devorava as batatas e demorou para perceber a cena congelada, mas captou no mesmo minuto o meu flagrante.

— Você deixou ela pegar vocês dois? — Ele perguntou às gargalhadas.

— Você sabia das visitas às escondidas, e só eu não? — Perguntei diretamente a AJ, notoriamente sentida com a revelação.

— Eu contei para ele — defendeu Enzo no mesmo instante.

— Contou para ele? — Retaliou Megan, furiosa.

— Amigos dividem segredos — falamos em uníssono.

— Bom, deixa isso para lá — tentei impedir uma discussão maior — Preciso comer ou vou desmaiar de novo, e dessa vez, de fome.

— É, porque para a bebida você é fraca, amiga — zombou Megan

Pousei meus olhos sobre AJ, que pela primeira vez parou de devorar o hambúrguer.

— O que foi? — Perguntou Megan, notando a interrogação em meu olhar. Continuamos calados — O que estão escondendo de mim?

— Não contou a eles? — Desviei a pergunta para AJ.

— Não contou o quê — perguntaram Megan e Enzo ao mesmo tempo.

Bufei.

— Amanda me drogou, por isso dormi tantas horas, coquetel de remédios ou Bela Adormecida, sei lá.

— Boa Noite Cinderela — AJ corrigiu

— Tanto faz — ralhei, decepcionada por ele deixar meus amigos pensarem que eu era uma bêbada irresponsável, imagina o que Adam estava pensando a meu respeito, porque com certeza ele sabia, conhecendo minha amiga, já deveria ter exposto a culpa de alguém à sua própria porta. — Vou pegar minhas coisas e já volto para irmos para casa, Megan — anunciei, dispensando boa parte do lanche.

Subi até o quarto sentindo a raiva aflorar pelos meus nervos, peguei o vestido, os sapatos e coloquei na sacola junto do pijama e alguns outros pertences. Estiquei o lençol e ajeitei tudo o que me pareceu fora do lugar. Eu não era nem de longe uma pessoa perfeita, e já não me importava tanto com o que as pessoas pensavam mais a meu respeito. O que realmente me deixou fora de mim foi o fato de que se ele não contou a ninguém o que Amanda fez, ele a estava defendendo, e por quê? Por que defender a mulher que o traiu, que o expôs ao ridículo várias vezes?

Porque era mais importante defender uma pessoa com quem já viveu uma história do que defender uma que é tão instável como eu.

— Aonde você pensa que vai? — AJ me perguntou como se nada tivesse acontecido, a voz mais calma e serena do mundo, e isso só aumentou minha raiva.

— Pro inferno! — Respondi, irada.

— Então eu te levo — zombou às minhas costas.

— Olha esse não é o momento para piadas, Megan está me esperando, nos falamos outro dia — falei passando entre ele e a porta, mas fui impedida por seus braços me puxado de volta e seu corpo impedindo minha passagem. AJ fechou a porta, girou a chave a trancando e guardou no bolso.

— Ótimo, agora sou sua prisioneira — falei, levando uma das mãos às têmporas, ainda enraivecida.

— Só até ouvir minhas explicações

AJ deu um passo à frente e levantou meu queixo na altura de seus olhos.

— Me desculpe! Já fiz muitas besteiras e essa só foi mais uma delas. Não quero que pense que estou protegendo Amanda, porque não estou, só me senti envergonhado.

— Não deve se envergonhar por ela, se ela não tem caráter, a culpa não é sua — falei num fiapo de voz.

— Eu sei, mas estou com vergonha de mim mesmo, aquele coquetel era para mim e não para você — franzi o cenho — Eu troquei as taças sem que ela percebesse, já supondo que algo estava errado, mas ao contrário do que pensei, a intenção dela não era drogar você, mas a mim, e com minha má avaliação, causei isso tudo. A procurei hoje mais cedo e contei o que havia acontecido, e ela está ciente de que se você quiser prestar queixa, eu estarei ao seu lado. É o mínimo que posso fazer, só espero que me perdoe.

Lentamente a raiva se dissolveu, ele estava me protegendo e acabou resultando no contrário, mas de qualquer forma, eu não o culparia, Amanda não prejudicou minha saúde nem minha sanidade, mas se ela tivesse atingindo seu objetivo, ela certamente teria exilado minha liberdade, porque eu acabaria com a raça dela.

— Eu nem sei o que dizer, te julguei mal, eu é que devo desculpas por isso e... pelo outro dia também, pelo tapa.

— Acho que eu mereci — concordou com um sorriso sem graça. — Sobre aquele dia, eu...

— Não precisa dizer mais nada, esquece, preciso mesmo ir pra casa.

— Eles já foram embora, disse a eles que você ainda não está bem o suficiente e concordaram que você ficasse mais essa noite. — Assenti positivamente, eu não estava

autorizada a impor minhas vontades — Mas é sério — ele continuou — Sobre aquele dia, eu fui até lá para confirmar se o que me disse era verdade.

— O que eu disse? — Perguntei sem pensar no que poderia ser.

— Que também estava apaixonada por mim.

Baixei os olhos, e ele se aproximou, um passo de cada vez, cauteloso.

— Sim — respondi, meu coração acelerando no peito — era verdade.

— E ainda sente isso?

— Sinto. — Confessei, me perdendo no verde de seus olhos. Eu não precisava esconder, até tentei seguir em frente, mas não consegui, eu o queria mais que tudo.

Seus olhos me encaravam inquietos, intensos, irreverentes.

Eu não sei dizer o momento certo em que o quebra-cabeças pareceu se encaixar, mas eu estava nos braços de Alejandro e fui atingida por uma onda incontrolável de emoções. Suas mãos percorriam delicadamente cada curva inocente do meu corpo, sua boca trilhava o caminho do meu pescoço e com beijos acariciava toda a trilha até minha clavícula. O único som que ouvíamos eram o das respirações alteradas. Quando ele se afastava para respirar, minha única sensação era de medo, medo de que ele parasse, porque eu não permitiria, eu queria mais.

— Rebecca. Eu. Quero. Você — ele sussurrou para mim ao pé do ouvido.

— Eu sei — falei sussurrando de volta, envolvendo-o ainda mais em meus braços. — Eu também.

E ele de novo me beijou, numa intensidade como nunca antes, como se tudo o que precisássemos naquele momento era um do outro, estávamos nos entregando às nossas vontades, aos nossos desejos, ao calor que um produzia em contato com o corpo um do outro.

Segurei a barra de sua camisa para que enfim seguíssemos o passo lógico daquilo tudo. Suas mãos envolviam com força minha cintura, me fazendo estremecer de prazer.

Naquele momento tudo parecia ser tão certo, mágico, mas AJ me impediu de avançar. Não foi preciso que ele dissesse “*não devemos fazer isso*”, porque eu entendi no minuto que ele me deixou sozinha no quarto.

The background of the top half of the page is a soft-focus photograph of yellow flowers, possibly rapeseed, on thin green stems. The flowers are in various stages of bloom, with some showing distinct petals and centers. The overall tone is warm and yellowish.

VINTE e DOIS



REBECCA

SENTADA NO PARAPEITO DA JANELA, eu apoiei a testa no vidro gelado e apreciei a chuva que batia de encontro a ele em forma de torrentes de água. O mundo estava se desmanchando em lágrimas, e eu, como nos últimos tempos, estava bloqueando as águas escorrerem através de meu globo ocular.

Tudo o que eu queria era deixar minha mente vagar, então fechei os olhos e me permiti voar como um pássaro livre no ar. Voltei até o quarto onde estive na noite anterior, e relembrar o toque firme e macio das mãos, o gosto selvagem do beijo, o som das respirações descompassadas, a exposição de meus anseios e desejos só fez com que um vazio se instalasse ainda mais dentro de mim.

O engraçado é que era um sentimento novo para mim, já havia experimentado vários considerados negativos, mas desse tipo era a primeira vez, e eu nem ao menos sabia dizer se era bom ou ruim, ou os dois. Eu tentava definir cada pontada que recebia no peito, mas eu não

era capaz de descrever em palavras, eu estava anestesiada, queria poder chorar pra aliviar essa tensão, mas, além do vazio, eu realmente não conseguia sentir mais nada, e isso me assustava.

Se existia uma coisa na vida em que eu era realmente boa era em fugir, e eu sabia que mais cedo ou mais tarde falaríamos sobre o assunto, por isso rejeitei suas ligações no período da manhã, rejeitei todas, até que ele cansasse em insistir.

Eu queria muito saber qual era o motivo do meu bloqueio emocional, porque tudo na minha vida não fazia sentido, sempre quando eu estava no ápice, o mundo me dava um nocaute. Nunca fiz planos minuciosos sobre meu futuro, sempre segui o fluxo, às vezes, insegura, às vezes, cautelosa, às vezes, confusa, e eu não imaginava um AJ na mesma medida. Todos temos nossos dragões e medos, e o que quer que fosse que o fez sair correndo naquela noite, eu não conseguia entender, era inexplicável.

Ele chegou na minha vida de repente, quando eu estava disposta a seguir por ela como uma garota normal de vinte anos, mas eu não era uma garota normal, e como um presente divino dos céus, ele se declarou apaixonado pelo ser mais estranho do planeta. E não só o mais estranho, mas também o mais complicado de todos.

Passei a noite em claro, dormi por vinte horas seguidas, meu relógio biológico estava desajustado, o que me rendeu horas de suspiros em não estar ao lado dele. Lamentei cada segundo estar sozinha naquele quarto, era um autoflagelo não caminhar pelo corredor e bater à duas portas da minha.

Eu sabia que ele era a minha sina, e tudo o que eu conseguia pensar era que eu precisava intensamente, irremediavelmente e completamente dele para dar sentido à minha vida pacata.

— Backy? Venha deitar na cama, vai ficar com torcicolo e com a bunda quadrada dormindo assim, na janela.

Por um momento, acho que realmente me desliguei, já era quase hora do almoço, e o sono resolveu me visitar. Agradei quando Megan me acomodou na cama como um bebê que precisa de cuidados e acariciou minha cabeça até que eu pegasse de vez no sono, e o melhor de tudo, sem me perguntar nada.

— Minha nossa! Que bom vê-la assim, aonde vai? — Falou uma Megan entusiasmada ao me ver em batalha com um cardigã azul me arrumando para sair num dia cinzento e chuvoso.

— A pergunta correta seria: aonde vamos?

— Esqueci de alguma coisa? — Questionou enquanto me ajudava com a manga toda enrolada da blusa.

— Não, só queria passar o resto da tarde com a minha melhor amiga, dormimos sobre o mesmo teto e parece que não a vejo há dias.

— Você está bem mesmo? Digo, parecia abatida mais cedo — mesmo às minhas costas, eu sabia que seus olhos não passavam de uma linha fina e amendoada.

— Estou bem, era só efeito colateral dos remédios, devia estar me desintoxicando de toda aquela porcaria, nada como umas boas horas de sono, um banho quente e um cappuccino do Jitter's para mandar tudo pelo ralo de uma vez. — Falei, confiante em minhas próprias palavras.

— Me arrumo em dois minutos — traduzindo dois minutos, significava no mínimo dez, mas tudo bem, tempo era o que eu tinha de sobra.

ALEJANDRO

Ela era uma droga na qual eu não queria ser reabilitado, aquele tipo de alucinação que você quer experimentar cada vez mais. Um veneno que não tem antídoto, e eu morreria só por uma chance em tentar explicar minha abnegação.

A coloquei bem cedo num táxi de volta pra casa. Como dispus de um dia de trabalho pra

cuidar de perto dela, recompensaria as horas no período da manhã da sexta chuvosa. Mesmo sem dizer uma palavra no café da manhã, eu sabia que ela estava chateada, e eu queria contar a ela que fiquei de sentinela na porta resistindo à tentação de invadir o quarto e tê-la em meus braços, mas palavras não apagariam minha atitude em deixá-la se expor às próprias vontades e abandoná-la logo em seguida.

Quando a abracei em despedida, mesmo seus braços me envolvendo, eu mal pude sentir o peso deles sobre mim. Na defensiva, ela parecia ser só um corpo em movimento, porque a mente vagava em algum lugar distante de nós.

Tentei por várias vezes contatá-la na manhã, tantas, que nem sei ao certo quantas vezes me levantei da cadeira do escritório, peguei as chaves do carro e de novo voltei ao ponto de partida, simplesmente por não saber o que iria dizer. Eu precisava que ela compreendesse minha reação e precisava provar de uma vez por todas que ela era tudo o que eu mais queria na vida.

O Café do Jitter's era o melhor da região, nada como um bom café para clarear as ideias. O ambiente descontraído da cafeteria simples e modesta foi meu refúgio para um dia mais que estressante. Saí mais cedo do expediente por não conseguir mais me concentrar em absolutamente nada, cada palavra, cada ligação era submersa em um local desconhecido do meu cérebro, refiz várias e várias vezes algumas tarefas cotidianas, até que desisti.

Após fazer meu pedido, me acomodei em uma das mesas quadradas de carvalho, sufocado, afrouxei a gravata e desabotoei os primeiros botões da camisa branca em busca de ar. Procurei pela última ligação feita horas antes e com o indicador vagando entre efetuar ou não a chamada, soltei o ar, pesaroso.

Me surpreendi quando, após o terceiro toque, ouvi a voz dela.

— *Oi* — demorei a responder, descrente que ela havia atendido a ligação — *Alejandro, sei que está aí.*

— Oi — respondi por fim — Desculpa, eu só...não esperava que fosse atender. — Sinceridade desnecessária.

— *Tem um lugar na mesa para mim?*

— Como?

— *Fugindo do expediente por um café do Jitter's, hein?*

Olhei ao redor e através das enormes janelas de vidro, e não a vi em lugar algum.

— Onde você está? — Perguntei, ansioso.

— Bem atrás de você — quando ela respondeu, não souo mais a voz abafada pelo telefone, a ouvi claramente e paralisei com o sorriso travesso de orelha a orelha que ela me deu quando entrou em meu campo de visão.

— Na verdade, são dois lugares, bonitão — completou uma Megan tão sorridente quanto a amiga. — E não se engane com esse sorriso, já descobri qual é a dela.

— E qual é a dela? — Perguntei sem tirar os olhos de Rebecca, que sentava a meu lado. Ela encolheu os ombros e gesticulou não entender o que a garota dizia tanto quanto eu.

— Ela só criou essa muralha de proteção pelo que aconteceu ontem, pela minha teoria, ela está em estado de negação e acha que ver o lado positivo de tudo é a melhor solução, mas não é, vocês precisam resolver isso de uma vez por todas. — Continuo a encarar Backy, e ela, com um aceno de cabeça, responde a pergunta que formulei em pensamento.

— E o que você, senhorita Ratts, sugere que façamos? — Perguntou Backy.

— No momento, só penso como aquele personagem fofinho do filme dos bruxinhos, como é que ele diz... — ela fala com um cotovelo apoiado na mesa e a mão no queixo, formulando uma expressão pensativa — Ah! Lembrei: Eu não quero matá-la, só quero mutilá-la ou feri-la gravemente.

— Então tudo isso se resume a Amanda — falei

— E sobre quem mais seria? — *Bip... bip...* o celular de Megan vibra por uma mensagem de texto — Enzo chegou, desculpe, meus amores, mas tenho que ir.

— Mas e seu café? — Pergunta Rebecca.

— Eu não pedi para mim, só o seu cappuccino especial com chantili e sem cereja, porque ela já está do seu lado. Tchauzinho — ela falou, me dando uma piscadela.

Após as insinuações referentes à cereja, o rosto de Rebecca corou e ela sorriu, e cada sorriso seu me deixava contente e ao mesmo tempo temeroso, não sabia o que ela estava pensando, parecia mesmo ter construído uma muralha de proteção barrando o assunto. Degustamos nossas bebidas sem falar nada sobre o dia anterior, mas teríamos aquela conversa, era preciso resolvermos tudo de uma vez por todas, como sugeriu Megan, mesmo não sabendo o motivo correto.

No último gole, deixei a cafeína falar por mim.

— Eu fiquei apavorado.

O sorriso largo se desmanchou, passou a um de lábios finos e cerrados.

REBECCA

“Apavorado”.

Já havia me apaixonado antes e estava ciente que a paixão bagunçava a cabeça, nos deixando confusos e cheios de perguntas sem respostas, e foi exatamente o que eu disse a ele

em defesa de seus atos. Mas eu estava longe de compreender e ele longe de conseguir explicar. Sei lá, cada um se apaixona de forma diferente.

— Vou tentar ser o mais claro possível, vem comigo.

Seguimos pela estrada chuvosa que levava até a mansão dos Backer. O que quer que fosse que ele teria pra me mostrar, não esperava que me levasse de volta até sua casa. Entramos pelos fundos, passando pela varanda e pela construção de madeira onde ele havia me preparado uma noite especial meses antes. Engraçado que naquele dia eu nem imaginava que minha vida se resumiria a querer vê-lo todo os dias, e por mais estranho que possa parecer, a hipótese de isso não acontecer me correu um frio pela espinha a ponto de me fazer encolher e me agarrar ao suéter.

As gotas da chuva mansa que caíam sobre nós enquanto atravessávamos o gramado, ganharam intensidade assim que entramos na pequena estufa onde AJ apanhou um punhado das mesmas flores amarelas que também havia me dado no dia do jantar, vasculhando entre as gavetas à procura de uma fita para envolvê-las, formando um delicado buquê.

Ainda sem proferir quaisquer palavras, ele me puxou feito uma marionete para dentro da casa. A sala e a cozinha estavam vazias, sem sinal de que alguém pudesse estar em casa, e eu corri os olhos por onde passávamos, à procura de qualquer forma humana, mas nada. Com uma mão ocupada pelas flores e a outra sendo puxada escada acima, eu me sentia num misto de êxtase e confusão com tudo aquilo. Ensopado pela chuva, meu corpo todo estava gelado e trêmulo.

Nem prestei atenção aos mínimos detalhes do quarto de Alejandro, só sei que era tão amplo e claro quanto o que eu havia estado no dia anterior, e a cama era ainda maior. Não prestei atenção porque estava perdida com o que deparei na minha frente, a camisa branca colada ao corpo que delineava os músculos do peito e braços.

— Santo Deus! — Todo o frio desapareceu num flash, aquecendo meu corpo instantaneamente, fazendo com que minhas bochechas ardessem em vergonha de meus pensamentos. — E agora? — Perguntei, engolindo em seco.

Um minuto, foi o que ele me pediu em gestos, abriu a gaveta do criado-mudo e quando pareceu encontrar o que procurava, escondeu no bolso tão rapidamente que, eu não consegui ver o que era. De volta para onde eu estava parada, ele pegou minha mão livre e levou até o peito molhado, sustentando-a ali por um tempo.

— Sente isso? — Ele perguntou, o ritmo acelerado, e eu fiz que sim com a cabeça, porque simplesmente não conseguia conciliar o momento certo entre respirar e responder. Meu coração respondeu por mim, começou a dançar dentro do peito. — Nunca senti isso antes na vida — ele revelou.

Sustento seu olhar e vejo que está sorrindo para mim, marejados, apaixonados.

— Eu não quero que pense que eu a estava rejeitando, Backy, eu estava apavorado em pensar que se me rendesse aos desejos, você se arrependeria por eu tirar proveito de você e nunca mais fosse querer me ver.

— Proveito? — Pergunto num fiapo de voz, tentando encontrar as palavras que pareciam estar presas na garganta.

— Proveito por ainda estar vulnerável, por ainda estar sob o efeito dos remédios, proveito por estar agindo por impulso, por não estar ciente de me querer tanto quanto eu queria você. Você é como essas flores para mim, Backy — ele segura o buquê por cima das minhas mãos — Linda, delicada e rara. Difícil de encontrar, requer cuidados especiais quando se tem, e ao menor toque, se feri-la, nunca mais é a mesma. E eu não quero ser essa cicatriz, por favor, não me permita ser.

Ele pegou o buquê da minha mão, desatou o nó da fita e lançou as flores pela cama. Minha reação a tudo foi fisgá-lo pela gravata e puxá-lo até mim, e enfim poder prender seus lábios nos meus.

ALEJANDRO

— Você nunca me machucaria — ela sussurrou, mordiscando meu lábio inferior.

— Como pode ter tanta certeza? — Perguntei, roçando meu nariz no dela.

— Eu não sei, apenas sinto — disse, me envolvendo pelo pescoço com seus braços longos.

Tirei o objeto do bolso, e seus olhos negros cintilaram ao ver a pulseira, antes com um adereço apenas, agora com dois. Ajustei em seu braço e o beijei delicadamente por cima do coração metalizado.

— Como? — Ela questionou, triunfante — Achei que a tinha perdido.

— E a perdeu mesmo, naquele fatídico dia em que veio aqui me procurar — ela analisava a pulseira em busca de respostas — O fecho estava quebrado — completei.

— E esse pingente novo? — Ela pergunta, brincando com ele entre seus dedos.

— É só pra que você se lembre que eu fui um tolo quando pedi que entregasse a mim seu coração — ela me olhou de canto de olho, novamente sem entender minhas meias palavras — Eu estava com inveja de você, porque você já era dona do meu coração antes mesmo que eu soubesse, e quando me dei conta disso, descobri que te amava. Doía só de pensar na possibilidade de não ser recíproco.

— Você foi aprovado pelo meu coração mesmo quando eu não conseguia mais senti-lo dentro de mim. E eu estava disposta, Deus! Eu estava disposta a arriscar me despedaçar novamente quando corri até você, agora eu sei que isso jamais vai acontecer. — Disse, selando-me os lábios. — Depois de tantos desencontros aqui estamos nós.

E com a expressão serena num rosto encantador, em meio a sussurros e um sorriso debochado e sedutor, me disse:

— Não se preocupe, ele já é seu.

— Se quiser tentar de novo — sugeri — Começaremos do início!

— Eu proponho que comecemos de onde paramos.

Tirei o suéter molhado que lhe pesava os ombros, afastando seus cabelos, revelando a nuca nua a qual minha respiração provocava arrepios, arrepios esses que aqueci com os lábios, traçando uma linha pelo pescoço e ombros, afastando a alça fina da blusa com o queixo. Acaricieei seu rosto com o meu, roçando nele a barba rala que insisti em deixar por ela ter elogiado. Seu corpo todo tremia involuntariamente, e o único som era o das batidas de ambos os corações e da chuva aplaudindo nosso amor.

Num giro rápido, ela se virou para colar de novo sua boca na minha, desabotoou o restante dos botões da minha camisa, e explorou cada músculo do meu peito com a ponta dos dedos enquanto eu fazia o mesmo por debaixo do tecido fino da blusa dela. Cada toque, um desejo ardente. Um fluxo energético enorme que me percorreu literalmente todo o corpo, estremecendo-o desde o primeiro fio de cabelo até ao último pedacinho de pele nos dedos dos pés. Estava um pouco ansioso com o que se sucedeu, mas não demorei a sentir uma paz e tranquilidade enorme em seus braços.

Ela é muito mais do que eu esperava, é como se eu a olhasse e visse em seus olhos as estrelas, cheia de mistérios, mistérios esses que quero um a um a qualquer preço desvendar. É diferente de todas as mulheres que eu já conheci, não era só mais uma garota, era incrivelmente mais que isso. Apareceu do nada e deu sentido para minha vida de uma maneira inexplicável, que me faz só querer mais, sem adeus, só apenas um até logo. Darei tudo por mais desses dias, por esse romance misterioso, pouco improvável de ser comum, agora não sou apenas eu, agora somos nós.

Foi como descobrir um mundo totalmente novo, a caixa de pandora havia sido aberta, revelando nossos desejos ocultos, nossa felicidade mais íntima, e não hesitei em nenhum momento em expor o que eu agora mais do que nunca tinha certeza que sentia:

— Rebecca Donaway, eu amo você.

REBECCA

Eu podia ver na sinceridade daquele sorriso, no brilho incandescente daqueles olhos que era verdade quando ele disse pausadamente que me amava, e não pela travessura da noite que eu nem percebi chegar. Era surpreendente sentir que alguém me amava além das minhas expectativas.

A veracidade daquelas palavras fez com que eu me sentisse em êxtase à plena felicidade. Feliz por poder estar aninhada em seu peito, sentindo as batidas do seu coração, feliz em estar enlaçada a seu corpo em meio à seda e as pequenas flores amarelas, feliz por me sentir completa e não mais perdida, feliz por amar alguém como eu nunca achei que fosse possível.

— Eu também te amo, Alejandro, tão certa como o toque suave dessa brisa que nos invade, eu amo você. Obrigada por querer me amar apesar de todos os meus defeitos.

— Posso te contar um segredo? — Sussurrou após beijar-me ternamente — Eu amo todos eles, porque simplesmente me completam, são perfeitos para mim.

A background image of yellow flowers on a branch, with a soft, yellowish tint. The flowers are in the upper corners, and the word 'EPÍLOGO' is centered in the middle.

EPÍLOGO



ACORDEI COM A LUZ DO sol invadindo o quarto através de um esplêndido facho de luz por entre as fitas da persiana. Pisquei rapidamente até me acostumar com a claridade e me ambientar com o local.

Senti mãos na minha cintura e me lembrei da noite passada. Ainda envolta por braços pesados, eu me virei, ficando de frente para aquele ser. Megan dormia um sono profundo, a respiração num ritmo calmo e tranquilo, com as mãos firmes ao meu redor, como se não quisesse que eu escapasse. Ela insistia em dizer que não se acostumava a dormir num quarto sozinha, e que minha cama era grande o suficiente para que cada uma dormisse em um dos cantos, e o espaço vazio entre nós abrigasse ainda pelo menos mais quatro pessoas.

A empurrei de uma forma que conseguisse escorregar por entre seus braços e saí de dentro das cobertas. Abri de um todo a persiana, deixando que a luz refletisse ainda mais por todo o espaço do quarto, se refletisse na cama e no rosto do anjo loiro adormecido, que mesmo assim não deu nem sinal de que estava prestes a despertar. Dei-lhe uns safanões, e ela só respondeu com resmungos. Após muita persistência sem obter resultados, fui obrigada a acordá-la com uma música extremamente alta ao pé do ouvido.

— Bom dia para você também — ela murmurou, toda descabelada, com a voz sonolenta enquanto cambaleava até a suíte do quarto.

Adam abriu violentamente a porta, topando de frente comigo, bêbado de sono, e questionou o motivo de tanta violência aos seus tímpanos. Às vezes, me esquecia que éramos três pessoas a morar num mesmo *loft*, já que raramente ele dormia em casa.

— Desculpa, achei que tivesse dormido fora de novo.

— Você é a única pessoa que eu conheço que ainda tem um rádio portátil, qual o seu problema com a evolução tecnológica? — Fiz uma careta e desliguei o aparelho, mas ele de novo o pôs a tocar, desta vez, num volume saudável aos nossos ouvidos. — Adoro essa música.

Ao som de *Sweet Child O'Mine*, tomamos nosso café da manhã, duas estudantes estagiárias e um recém-formado contratado, que dividiam as despesas de um *loft-inspired* próximo ao distrito industrial da cidade.

Às vésperas do jantar em que meus pais conheceriam os pais de Alejandro e meu melhor amigo estaria presente com sua família, Megan teve a brilhante e desgastante ideia de uma noite descontraída entre amigos antes da noite de grandes apresentações e surpresas, como ela rotulava, o que fez da nossa manhã uma correria com os preparativos, já que era um dia normal de trabalho e o expediente para nós duas começava logo após o almoço.

Eu era estagiária na empresa que eu jamais imaginaria ter uma segunda chance, segunda chance essa que eu deveria veementemente agradecer a pessoa que um dia me acusou de usurpar sua felicidade. Felicidade que ela me entregou de bandeja, um presente de olhos verdes incandescentes, dono de um sorriso em meio a covinhas, que me deixava encabulada toda vez que ele arrumava uma desculpa para descer dois andares até a sala que eu dividia com mais três colegas de trabalho, só para me dar um beijo de boa tarde.

Eu não era a primeira opção da Backer Incorporation, mas passei a ser no momento em que este desistiu do cargo para emplacar numa aventura como nômade junto da loira bela e megera que infernizou minha vida por quase um ano.

Intervenção Divina! Eu era grata a Deus por colocar aquele homem no caminho dela, com isso meus problemas foram resolvidos numa tacada só. Me liberei da pedra no meu sapato, assinei o contrato que me traria sustento até o fim de meus estudos, podia curtir uma paquera inocente com meu namorado no horário de expediente e tê-lo só para mim quatro noites por semana.

O que mais eu poderia querer da vida?



Estávamos todos na sala ao som dos acordes de um violão, a brisa da noite fresca nos invadia, deixando o ambiente confortável e gracioso, todos os amigos que eu fiz em um único ano unidos pela primeira vez numa mesma noite.

Megan, minha melhor amiga, e Enzo, típico modelo da Calvin Klein, que emplacavam um namoro de adolescentes desenfreados no amor.

Priscila, que encantava as músicas com seu belo timbre de voz grave enquanto Frank a acompanhava habilidosamente com o instrumento e olhos apaixonados, entoando notas que compunham a harmonia da canção.

Adam, que resolveu se dar uma chance e agora namorava Íris, a garota ruiva mais linda e doce que eu conhecia na vida.

Todos na sala, exceto um: Alejandro, o cara que nem em sonho eu imaginei um dia se declarar apaixonado por mim numa cafeteria qualquer, admirava da varanda a lua tímida no céu negro salpicado de estrelas, o pensamento tão longe, que nem percebeu que eu o sondava já faziam alguns minutos.

— Um doce por seus pensamentos — eu disse, o abraçando pelas costas e oferecendo-lhe um *marshmallow* espiralado nas cores do arco-íris. Ele abocanhou o doce e num puxão certo, trocou de lugar comigo, prendendo-me entre o parapeito da varanda e seu corpo.

Apoiou o queixo em meu ombro e inspirou o perfume em meu pescoço, como sempre fazia antes de sussurrar alguma ideia travessa em meus ouvidos.

— Você deveria vir morar comigo. — Suspirou tão fundo após fazer a proposta, que eu soube na hora que ele falava sério.

— Tem apenas seis meses que me mudei para cá. — Argumentei.

— *E?* — Ele questionou.

— Megan ainda nem dorme sozinha no quarto dela, não posso deixá-los na mão, pelo menos não agora.

— Amo essa sua habilidade de empatia, que só nos conecta ainda mais com a função de ajudar uns aos outros, mas deve concordar comigo que é muito injusto você morar numa casa com outro homem, e esse homem não ser eu.

— Senhor Alejandro Thomas, está com ciúmes do Adam de novo? — Virei para encarar sua expressão — Já estamos conversados sobre esse assunto, não? E só pra lembrá-lo, ele namora a mulher mais bonita presente nesta casa. — Apontei para o casal com a cabeça, e ele sorriu complacente.

— Ahhhh! Não, não, senhorita! Você quis dizer a segunda, porque a mais bonita quem namora sou eu.

— Aff, AJ, fala sério! Olha bem para ela — cutuquei suas costelas, e ele resmungou um gemido.

— Ela não faz meu tipo — sorriu, me dando um selinho.

— Mentiroso! Íris faz o tipo de todo mundo, até o meu — brinquei.

— Às vezes você é hilária, Rebecca. Mas é sério, olha para mim? — O fitei, engolindo o riso — Não tenho dúvidas do quanto amo você, não quero que tenha que escolher, e também

sei que odeia surpresas.

— Okay, já entendi que o assunto é sério mesmo. — Pigarreei, recompondo a seriedade — Odeio surpresas, mas odeio mais ainda essa tensão em seu rosto. Quer me contar o que está acontecendo? — Segurei seu rosto nas mãos, e ele me puxou para mais perto.

— Eu sei, sei que você tem princípios, não magoaria seus pais os contrariando e por muitos outros motivos, também compreendo todos eles, e isso a torna ainda mais especial para mim — ajeitou uma mecha de cabelo meu atrás da orelha — Mas acho que seus pais não vão se opor que você more na minha casa se eu for seu marido. — Amanhã, quando todos que são importantes para você estiverem presentes, eu farei o pedido — Ele me deu um beijo demorado impedindo que qualquer palavra me escapasse pela boca

Uma felicidade imensurável me percorreu num misto de emoções. O céu estava se unindo à terra naquele beijo apaixonado, em resposta a aquele momento mágico. As melhores coisas da vida acontecem assim, quando menos se espera, sem planos, sem surpresas, sem lugares românticos, numa cafeteria qualquer, acontecem de repente e se tornam inesquecíveis.

O amor é, antes de tudo, uma grande responsabilidade, e se ele estava disposto a encarar essas responsabilidades, eu lhe daria a mão e entraria junto dele no barco. Ele seria a força, e eu o remo a afastar as águas turbulentas. Ansiosa para que o novo dia raiasse e a noite logo chegasse, eu mal podia esperar o momento em que uma singela palavra pudesse se tornar nosso céu infinito além das estrelas.

Fim



VOCÊ JÁ MENTIU PARA SI mesmo alguma vez na vida?

Uma mentira que, com o passar dos dias, lhe trouxe um desespero o qual você jamais pudesse imaginar?

Pois é, foi exatamente o que fiz naquele dia. Escolhi as palavras mais bonitas para encorajá-la e convencer, sobretudo a mim mesmo, de que eu não seria capaz de sobrepor o amor que ela havia encontrado e que a esperava em Wescott.

Menti, dizendo que o amor que sentia por ela era pouco em comparação ao que ela realmente merecia. E, sinceramente, naquela época eu acreditava que fosse. Mas isso não é verdade.

Não fazia ideia de que passaria os próximos meses me atormentando em ter lançado aquelas palavras, ciente de que o culpado de todos os acontecimentos e consequências por minhas escolhas era única e exclusivamente eu.

Deixei-me levar por alguns copos de bebida, me achando o cara mais sortudo em levar

impulsivamente para debaixo dos meus lençóis a garota mais bonita e atraente da festa de boas vindas da universidade. Ah! Se arrependimento fosse capaz de matar alguém, eu estaria incinerado pelas chamas de ódio que me consumiram quando despertei após minha primeira noite de bebedeira e farra, e a sete palmos eu estaria quando recebi de Margot a notícia da vida que geramos em consequência de nossa atitude irresponsável.

Senti ódio sim, mas não de Margot. Ela reconhecia sua parcela de culpa, mas, ainda assim, eu poderia ter evitado.

O único resultado positivo de toda essa loucura foi Emilly.

Eu não sei bem descrever em palavras a emoção que senti quando envolvi seu corpo minúsculo e o aconcheguei ao meu. Senti como se tivesse apostado na loteria e ganhado o prêmio máximo.

Só que Margot vinha de brinde.

Nos primeiros meses de vida de nossa filha, ela decidiu trancar a faculdade de medicina e se dedicar integralmente a Emilly. Não nos relacionávamos como um casal, apenas seguimos a vida por um tempo, como dois jovens compartilhando de um amor maior, até que um dia, Margot propôs tentarmos uma vida juntos para o bem exclusivamente de nossa filha.

E foi aí que eu menti para mim pela segunda vez. Achei que seria fácil. Que o amor surgiria hora ou outra, mas quanto mais eu tentava, mais Rebecca rondava meus pensamentos e esse sentimento por Margot parecia estar o mais distante a cada minuto, a cada... segundo.

Quando recebi o convite para o jantar na casa dos pais do namorado de Rebecca, não fazia ideia do que esperar. Eu cogitei a hipótese de negar o convite, mas decidi comparecer assim que vi nele uma oportunidade única: a de reconquistar seu amor.

E foi nesse instante que parei de contabilizar a soma dos meus erros.

Sentado junto de todos os convidados ao redor da grande mesa disposta sobre um deck no jardim da casa de Alejandro, eu tentava não parecer ridículo ao observar minuciosamente

aquele lugar. Aquela casa deveria valer uma fortuna, sem falar nos automóveis que vi estacionados na garagem. A inveja me arranhava a pele e eu me deixava envenenar por ela a cada segundo de admiração.

Fui resgatado dos meus devaneios por Margot, que me pedia ajuda com Emily.

— Ei, Nick! Pode segurá-la um segundo?

— Por favor, deixe que eu faça isso — pediu Rebecca com um brilho no olhar, acompanhado do sorriso encantador pelo qual sou apaixonado desde garoto. Revê-los me trouxe à memória momentos junto dela, momentos onde ela me ensinou que o que sinto não poderia ser mais certo.

Ela parecia realmente estar feliz e apaixonada. O namorado era bonitão e um chiclete, mas eu também não desgrudaria dela se não pudesse decifrar o que se passa na mente de um ex-namorado e melhor amigo embasbacado diante deles. A única certeza que tenho é que ele não ficaria nada satisfeito com minhas recordações.

Estamos terminando de degustar uma sobremesa a base de chocolate fantasiosamente nomeada com duas palavras que não sou capaz de pronunciar, quando Alejandro se posiciona a frente da mesa e inicia um discurso:

— O espumante é uma de nossas bebidas favoritas para brindar momentos especiais e dar as boas-vindas aos convidados.

Enquanto abre a garrafa da bebida, ele troca um olhar cúmplice com Rebecca. A forma como o sorriso dela dobra de tamanho enquanto nossas taças estão sendo servidas me incomoda de uma maneira, que tento mascarar um sorriso complacente ao momento. Ele faria mesmo o ridículo papel de bom moço a pedindo em namoro para o pai diante de toda a família e amigos? Em que século esse cara vive?

— Afinal, nada melhor para elevar o clima da noite, não é mesmo?

Balanço a cabeça e aperto os olhos discretamente por um segundo reprimindo um muxoxo

diante de tanta cafonice. Quando volto a abri-los, meu olhar cruza com o da loira de cabelos modelados que me encara do outro lado da mesa descaradamente. A julgar pela forma como ela eleva uma das sobrancelhas, parece me exortar pelo simples fato de estar presente. Só espero que ela não se esqueça que tem menos de dois anos de amizade com Rebecca e eu tenho uma vida inteira.

Desvio os olhos de Megan quando, pela primeira vez, as palavras de Alejandro me chamam atenção. Diante de todos e especificamente para Lúcio, pai de Backy, ele faz o pedido que, para minha surpresa, vem acompanhado de um anel que brilha tanto que ofusca minha visão.

— Isso é loucura! — murmuro dentro da taça sentindo as bolhas rasgarem o caminho que trilham pela minha garganta, sendo, ainda assim, incapaz de diluir o bolo que se formou nela — ele não pode permitir essa loucura. Lúcio não pode entregar sua filha a um estranho — sussurro internamente, mas a permissão veio, acompanhada de palmas, uivos de felicidade e do meu mecânico sorriso.



“Eu vou explodir, eu vou explodir”

Todos os meus nervos estão tremendo e minha cabeça latejando. É certo que minha pressão caiu alguns níveis pelo gelo que me percorre a espinha. Eu queria gritar, impedir aquela sandice, alertá-la sobre os erros que estava prestes a cometer.

Eles se conheciam há muito pouco tempo para darem um passo que definiria uma vida toda. Minha vida estava de cabeça para baixo por consequência das minhas más escolhas e se eu podia impedir Backy de fazer o mesmo com o futuro dela, eu não mediria esforços para isso... se eu ao menos conseguisse me mover.

Sinto meu corpo sendo arrastado para longe de todo aquele alvoroço. A mão quente que envolve meu pulso me leva até o cômodo ilustre que parece ser a sala de visitas, e eu tenho que piscar algumas vezes para ajustar a visão e focar na loira parada à minha frente. Ela parecia

estar em chamas pelo semblante fechado e agitava a cabeça em negativa lançando seus cachos modelados para todo lado.

Fui atingido por uma porção de fúria quando seus lábios se partiram e no mesmo instante começaram a me insultar.

— O que o faz pensar que tem esse direito? Eu não sei porque veio, mas não pode... não vai estragar o melhor dia da vida dela.

— Eu fui convidado...

— Mas não deveria ter vindo. Não se suas intenções eram tão mesquinhas.

— Não sei se reparou, mas eu não fiz absolutamente nada...

— Não, graças a mim. Sua sorte é que todos estavam distraídos o suficiente para perceberem suas reações.

— Todos menos você!

— Todos menos eu, que conheço muito bem garotos do seu tipo.

A voz de Megan elevou uma oitava e o sangue em minhas veias se aqueceu por sua ousadia em me comparar a uma espécie que não deveria ser das melhores. Pelo modo como ela sorriu em deboche, fazia jus a minha pessoa de uma forma totalmente distorcida.

— Do que é que você está falando? Você nem me conhece. Não sabe nada sobre mim.

Sei o suficiente para perceber o que esteve prestes a fazer. Acho melhor você ir embora.

Quem ela pensa que é para me intimidar assim?

— Esquece que ela já era minha melhor amiga antes de ser a sua?

— Não. Sei disso muito bem. Me parece que foi você quem se esqueceu. Está tentando

estragar um dos dias mais importantes da vida dela por dor de cotovelo, ciúmes, ou sei lá que raios você bebeu para agir assim.

— Eu a amo.

— E eu também, então...

— Não! Você não entendeu... — a interrompo, mas outra vez ela toma a frente

— Entendi perfeitamente, Nicholas. — Ela se aproxima para me encarar mais de perto. Rebecca fez amizade com uma pessoa um tanto irreverente e audaciosa. Contrariado, afirmo a mim mesmo o quanto Megan é leal a esse laço que construíram, mas em hipótese alguma eu deixaria transparecer minha admiração pela garota prepotente a me desafiar. Divago nesses pensamentos por um segundo quando sua voz mais branda me traz de volta à realidade crua e cruel.

— Nicholas, se quer um bom conselho, volte para o hotel, invente uma desculpa qualquer. Amanhã procure-a e esclareça a coisas. Só não me obrigue a mostrar diante de todos o quão mortal é o salto do meu sapato.

Com os ânimos mais calmos, retorno para a festa, acato o conselho de Megan antes que eu perca de vez o controle, usando a mais velha das desculpas, embora não deixasse de ser uma verdade.

Não só a cabeça, mas meu corpo todo estava dolorido pelo esforço em tentar manter o juízo.



Junto com o amanhecer, nascia dentro de mim um outro sentimento. Um abatimento da consciência pela sequência de erros. Ao que parece, eu estava em constante declive.

Margot ressonava em seu descanso ao meu lado, linda em uma camisola de seda preta bem justa ao seu corpo. Me permiti admirar sua beleza espalhada pelos lençóis. Os fios dourados como o sol cintilavam pelos fachos de luz que invadiam o quarto de hotel.

Eu não podia simplesmente desconsiderar sua tentativa em me tornar alguém completo. Até receber o convite, confesso que ela estava obtendo sucesso em seus objetivos, mesmo que nossa vida um tanto atribulada exigisse um esforço demasiado dela. Margot é sem dúvidas uma mulher atraente, esposa dedicada e a cada dia vem mostrando ainda mais perfeição em suas habilidades como mãe.

Me odeio nesse momento por ser fraco e me deixar possuir pelo ciúme, acionando o gatilho de um amor que deveria repousar junto das boas lembranças do passado.

Como se sentisse minha instabilidade emocional, ela gira o corpo em minha direção. Abre os olhos devagar e me lança um sorriso tão encantador que não sou capaz de ignorar e tentar exibir a ela um que seja de mesma medida. Margot tem o poder de causar um efeito mágico nas pessoas com um simples sorriso.

— Bom dia — me cumprimenta pousando todo seu peso na lateral do corpo, roçando de leve seus lábios nos meus antes de depositar um beijo suave neles — Está melhor?

Assinto, sentindo meus olhos arderem e minha garganta de repente fechar. Levanto rapidamente da cama antes que ela perceba meu estado, mas os passos que dou não são distantes o suficiente para que sua mão alcance a minha.

— Nick — sua voz melodiosa me chama para meu total desespero. — Nick, olha para mim.

Droga! Não conseguirei fazer isso sem desabar.

— Por favor, Nick.

Encaro seus olhos escuros, travando o maxilar para tentar conter o choro. Lágrimas se acumulam em seus olhos, formando uma poça rasa e eu a puxo para o alto, para que fique em pé na cama e me aninhe em seu ventre.

— Não faço ideia de como deve estar sendo difícil para você digerir essa novidade. Mas se há uma chance, não deve desperdiçá-la — diz brincando com meus cabelos e suas palavras me atingem em cheio.

Levanto o rosto para fitá-la e uma de suas lágrimas me acaricia a face como um açoite de amor. Não resisto que algumas transbordem pelos meus olhos, e a envolvo, suspendendo-a em meus braços.

— Por que diz isso? — Embora eu tenha uma vaga ideia, decido questioná-la mesmo assim.

— Por que ontem descobri como você é capaz de suportar a dor do amor que te machuca. E se um de nós tem a chance de sair ileso de uma dor ainda maior, esse alguém é você.

— Eu sinto muito te fazer passar por tudo isso — digo honestamente diante de sua revelação, comprovando que o sexto sentido das mulheres é de longe um mito.

Margot afasta minhas lágrimas de forma carinhosa e sela meus lábios mais uma vez após dizer:

— Pois eu não.



A enxaqueca tem se tornado minha fiel companheira há dois dias, se revezando entre a pressão e as pontadas latejantes que juntas me expõem a mais um pacote de sintomas.

A claridade me perturba, e a vontade de ficar preso em um quarto fechado e escuro é quase incontestável, entretanto, amenizo o incômodo com um óculos de sol e, disposto a seguir até o ponto de encontro marcado com Rebecca, tomo os comprimidos de analgésico que Margot deixou gentilmente para mim sobre o criado mudo do hotel.

Seu sorriso afetado durante nossa despedida na noite anterior se projeta como em flashes à

minha frente, o aeroporto me pareceu um lugar inóspito e solitário quando ela partiu com Emilly de volta para a casa de meus pais, em Burness. Sinto uma nova pontada. Decido, no entanto, tomar não somente um, mas logo três doses do remédio na esperança de aplacar não apenas a enxaqueca, mas também o caminho doloroso que a bandida resolveu trilhar até meu coração.

Caminho cerca de dois quarteirões até uma cafeteria charmosa que me recebe com um cheiro delicioso de café fresco.

Imediatamente, faço meu pedido.

A cafeína tem o poder sobrenatural de me despertar após uma noite mal dormida, sem falar na sensação reconfortante e familiar que me proporciona enquanto é servido a mim todas as manhãs e em uma xícara de um marrom aguado e transparente, com décadas de idade a mais do que eu. É exatamente nesse pensamento nostálgico sobre Margot que me encontro, quando sou surpreendido por uma companhia inesperada. Mal tenho tempo de idealizar um protesto e Megan começa a discursar.

— Antes que me pergunte, eu vim em paz.

— Que ótimo! Porque tudo o que eu não preciso é de suas ladainhas para me aporrinhar ainda mais o dia — minhas palavras soam mais rude do que eu pretendia, mas àquela altura, isso era o que menos me importava.

— Está aborrecido? Não deveria estar aqui por um motivo exatamente o contrário? — Megan me provoca e eu a fuzilo com o olhar. Só depois que ela chama minha atenção é que me dou conta de que toda a minha acidez expressada através dele foi em vão.

— Ninguém nunca te ensinou que é falta de educação usar óculos escuro em um estabelecimento comercial como este?

— E se eu quiser? — rebato como se todas as minhas respostas estivessem prontas e a cada intervenção dela, elas fossem acionadas e ditas de forma automática.

Ela quica os ombros

— Já era de se esperar por essa resposta.

Dou um logo suspiro.

Por mais que eu queira responder a essa provocação, evito simplesmente porque realmente não estou num bom dia para entrar numa discussão com uma garota intrometida e ridícula. Retiro os óculos e o apoio com as pernas dobradas sobre a mesa alta em que estamos sentados, em seguida, encaro os olhos de um verde incomum de Megan a me analisar com uma expressão, que eu diria estar um tanto aterrorizada.

— Caramba! — É tudo o que ela murmura.

Devo estar com uma cara lamentável porque a partir daí ela deixa de lado seu rude arsenal de palavras e passa a me tratar amigavelmente.

— Nicholas, tenho pouco tempo e o verdadeiro motivo de estar aqui você já deve imaginar. Rebecca deve estar a caminho e eu tive que inventar uma desculpa monstruosa para conseguir chegar aqui antes dela — diz encarando o relógio dourado enlaçado ao pulso.

— O que quer de mim, Megan? — Faço a pergunta que ela parece aguardar que eu faça.

— Quero que repense sua decisão. Eu achei que tivesse ido embora por ter ficado o dia todo de ontem sem dar notícias, mas vejo que apenas estava amadurecendo essa sua ideia maluca.

— Maluca? Acha mesmo que eu...

— Nick — ela balança a cabeça e estende uma das mãos alcançando as minhas que estão conectadas uma na outra ao lado dos óculos — Não temos tempo para uma discussão, okay? Eu vim como amiga e peço encarecidamente que não faça o que veio aqui para fazer.

— Por que eu deveria?

Eu simplesmente não consigo pensar num conjunto de circunstâncias que a tenha feito acreditar que tem o direito de se intrometer na minha vida.

— Porque você a ama, não foi o que disse outro dia? Ela está feliz Nick e já pensou na confusão que vai causar a ela se expor todos os seus sentimentos logo agora. Teve tempo para isso, acho que... agora é tarde. Ela não precisa ficar dividida assim como você está.

— Eu não estou *dividido*.

— Está sim! Se não estivesse teria feito isso ontem mesmo. Ou durante o jantar, ou nem teria deixado que eu me sentasse aqui agora e tentasse interferir na sua decisão.

Dei um suspiro cansado, era duro admitir, mas talvez ela tivesse razão.

— Acho que você tem uma mulher brilhante ao seu lado e nem se dá conta disso, Nick. Você tem alguém que te ama de verdade e fica desejando uma pessoa que já não te pertence mais há muito tempo. Sem falar que vocês têm uma filha juntos. Isso deveria pesar na sua decisão, não deveria? Eu realmente não sei — ela baixa os olhos reorganizando os pensamentos.

Mordo o lado interno da bochecha e a cada verdade lançada na minha cara por ela, faz com que eu finque mais os dentes contra a carne.

— Às vezes, você acha que o destino lhe pregou uma peça, quando na verdade ele só queria ajustar seu rumo — me lança mais essa e o gosto de ferro em meu paladar é inevitável.

— Quando foi que trocamos intimidades? — Questiono com meu humor melhorado e ela se esvai em uma risada sonora, e pela primeira vez eu relaxo, permitindo que o sangue volte a correr pelos nós dos meus dedos.

— Eu preciso ir — diz se pondo em pé —, Backy pode chegar a qualquer momento e não quero que ela nos veja juntos.

— Porque não? — Questiono tomando o primeiro gole do café que me é servido

fumegante.

— Somos as duas pessoas em quem ela mais confia, embora não tenho mais tanta certeza se ela deveria. Bem... sabemos que isso... nós dois em uma conversa amigável, nunca seria provável acontecer.

— Mas aconteceu. E se ela souber?

— Ela só vai saber se você contar. Mas podemos guardar esse nosso segredo, o que acha?

Não contendo uma gargalhada meio enrustida diante de sua proposta. Tenho que admitir o fato de Megan ser uma garota autêntica.

Assinto.

— Eu sinceramente espero te ver no casamento da Backy daqui há alguns anos. E torço para que não seja como o noivo.

Megan pisca para mim antes de ajustar no rosto seus óculos de lentes coloridas, e termina nossa conversa com uma saudação que me atormenta até que a cadeira ao meu lado seja novamente ocupada.

— Boa sorte com suas escolhas, traste!

Rebecca chega menos de um minuto mais tarde e me recebe com um beijo caloroso no rosto. A garota com quem eu cresci, que me acompanhou durante os melhores e mais indecisos momentos da minha vida, a mulher por quem sempre fui apaixonado está sorrindo para mim.

Há tanta coisa que eu queria dizer, mas as palavras de repente ficaram presas na garganta. Assim, deixo que nossa manhã corra de forma natural, ouvindo sobre sua nova realidade enquanto seu anel de brilhante me ofusca a visão quando entra em contato com o sol.

Quando dou por mim minha mente está longe dali. Longe o suficiente para que Rebecca perceba meu vacilo e requisite minha atenção.

Algo dentro de mim pareceu finalmente se encaixar.

Aquela loira é mesmo uma figura.

Tudo o que faço é me deleitar no abraço de minha melhor amiga durante nossa despedida. Sem promessas desta vez.

Então corro.

Ainda tenho tempo?

Me agarro na esperança de que tenha.



Quando passo pelo portão lá está ela brincando com Emilly no jardim. Não tenho tempo suficiente para aproveitar a visão porque ela percebe meu corpo paralisado a encará-la.

Por um momento, finge estar tranquila, mas sei que não é verdade. Sou capaz de ouvir os batimentos desordenados de seu coração. Seu olhar apreensivo parece querer adivinhar o que se passa em minha cabeça, ou seria, tentar descobrir o que me trouxe tão cedo de volta para casa?

Forço minhas pernas a caminharem até ela. Dispenso a mala no chão e Margot, enfim, se levanta da escadinha da porta de entrada onde se encontrava sentada. Seus olhos estão rasos e seu queixo treme um pouquinho pelo esforço que faz para reprimir as lágrimas.

Apoio as mãos em seus ombros e um ofego atravessa seus lábios enquanto seu rosto se inunda pelas lágrimas.

— Eu sei, Nick! — diz acreditando saber o que minha presença significa, provavelmente acha que eu voltei para terminar tudo com ela — Está tudo bem. Eu vou ficar bem. Eu só...

preciso de um tempo — sua voz soa carregada de tristeza.

Afasto suas lágrimas com as costas das mãos e a envolvo em meus braços. Ela me aperta enterrando o rosto em meu peito e me deixa ser levado junto dela pela emoção.

— Não vou te fazer promessas que eu não possa cumprir, Margot. Mas farei de tudo para tentar ser um homem melhor, um pai perfeito para nossa filha e o esposo que você merece.

Margot se afasta para me fitar e em seus olhos agora eu encontro surpresa e um bocado de decepção.

— Nick! Não pode brincar assim comigo. Se ela te dispensou, não vou... não quero ser a sua segunda opção.

Não me surpreendo por ela ter chegado a esse raciocínio, tampouco me sinto ofendido, seria difícil também para mim acreditar nessa afirmação se estivéssemos em lados opostos.

— Ela não me dispensou, Margot. Eu quem não disse nada a ela porque... porque acho que você conquistou um espaço maior dentro de mim.

— Isso é sério? — suas sobrancelhas se unem em descrença e vasculho dentro de mim as palavras certas para que ela acredite que estou sendo sincero.

— Não tenho motivos para mentir para você. E tem alguém que pode confirmar se você quiser.

Talvez Megan pudesse me fazer um último favor.

— Não! — ela diz parecendo satisfeita — Acredito em você.

E então depois de finalmente parecer encontrar algo satisfatório para nós dois, declaro as seguintes palavras de forma tão verdadeira, que sinto toda a sinceridade que elas carregam aquecer meu coração.

— Eu te amo, Margarida.

Ela sorri mediante a pronúncia de seu verdadeiro nome, e seu sorriso é como um convite a beijá-la, e é exatamente o que faço, beijo Margot como nunca antes.

— Este me parece ser um bom começo, Nicholas... um bom começo para nós.

Olho mais uma vez para Margot, que suspira alegremente em meus braços e sinto esperança. Vamos conseguir, vai dar certo dessa vez, e sei disso porque agora me sinto... inteiro. Pronto. Completo.

Talvez eu esteja de fato amadurecendo, buscando me fortalecer nas ondas oscilantes da caminhada. Talvez o que antes eu consideraria uma perda, seja a soma para me solidificar em algo real pela primeira vez na vida, e a experiência para ultrapassar as fases que o tempo vier a me propor.

No futuro, me deleitar deste tempo onde venci meu orgulho e egoísmo. Onde aprendi a não pensar apenas em mim, a ouvir outras pessoas, mesmo que elas não sejam meus mais fiéis amigos. Onde aprendi a renunciar minhas vontades.

E, quando meu corpo já estiver frágil pelos anos vividos, possuir nele a magnitude de uma vida vivida com êxito, recordando o dia em que tomei minha primeira decisão como homem e não mais como um menino, e o melhor de tudo, sem arrependimentos.

Minha “margarida”, de espécie rara, linda e delicada, me convida para entrarmos em casa e sei que o nosso recomeço começa agora. Faço uma nota mental para lembrar-me de agradecer a alguém em especial por ter aberto os meus olhos, e me feito enxergar os sentimentos que estavam escondidos em meio aos espinhos dentro de mim.

Megan, prepare-se para receber flores.

BIOGRaFia



JANAÍNA SILVA é apaixonada pela arte com as palavras desde a adolescência.

Iniciou sua carreira literária em 2015 com o romance juvenil “Flores Raras”. Pouco mais de um ano em sua aventura entre as palavras, foi vencedora do The Wattys 2016, o maior concurso online de escrita do mundo, na categoria “Nova Voz”.

A autora reside com o marido em sua cidade natal no interior de São Paulo.

REDES SOCIAIS

Fanpage: Autora Janah Silva

Instagram: @livros.janahsilva

Wattpad: Janahlvs